HOTÉIS LITERÁRIOS DE PORTUGAL

Coordenação:
Sílvia Quinteiro

HOTÉIS LITERÁRIOS DE PORTUGAL

HOTÉIS LITERÁRIOS DE PORTUGAL

Textos de:
Ana Cláudia Silva
Isabel Dâmaso Santos
Maria José Aurindo
Maria Mota Almeida
Natália Constâncio

Coordenação:
Sílvia Quinteiro

HOTÉIS LITERÁRIOS DE PORTUGAL

Textos de: Ana Cláudia Silva, Isabel Dâmaso Santos, Maria José Aurindo, Maria Mota Almeida, Natália Constâncio

Coordenação: Sílvia Quinteiro

CIAC – Centro de Investigação em Artes e Comunicação da Universidade do Algarve
UAlg – Universidade do Algarve, Campus de Gambelas, 8005-139 Faro
www.ciac.pt | secretaria.ualg@ciac.pt

ISBN: 978-989-9023-98-7
ISBN (versão eletrónica): 978-989-9023-99-4

Capa: Coleção Hotel Quinta das Lágrimas/Freepik

Paginação e produção editorial: Juan Manuel Escribano Loza

Reservados todos os direitos

© 2022 Copyright by Ana Cláudia Silva, Isabel Dâmaso Santos, Maria José Aurindo, Maria Mota Almeida, Natália Constâncio and Sílvia Quinteiro

CIAC. CENTRO DE INVESTIGAÇÃO EM ARTES E COMUNICAÇÃO

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

Esta publicação é financiada por fundos nacionais através do projeto "UIDP/04019/2020 CIAC" da Fundação para a Ciência e Tecnologia.

ÍNDICE

HOTÉIS LITERÁRIOS: NOTA INTRODUTÓRIA 11

GRAND HOTEL D PARIS 17
PORTO

GRAND HOTEL DO PORTO 29
PORTO

HOTEL MARY CASTRO 41
PORTO

BUSSACO PALACE/PALACE HOTEL DO BUÇACO 46
LUSO, MEALHADA

HOTEL QUINTA DAS LÁGRIMAS 56
COIMBRA

LAWRENCE'S HOTEL 71
SINTRA

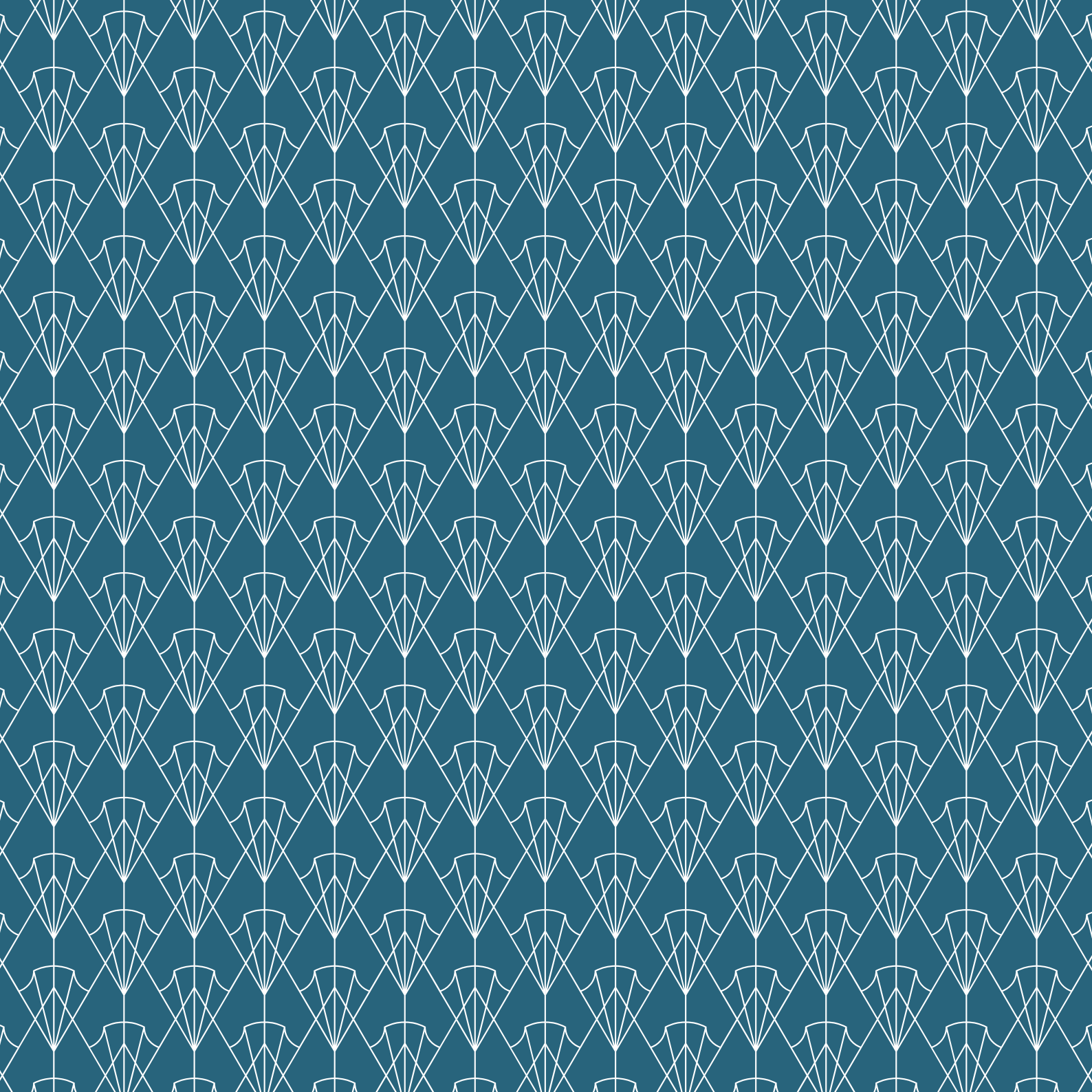
GRAND HOTEL CENTRAL 82
LISBOA

HOTEL AVENIDA PALACE 92
LISBOA

HOTEL BRITANIA 100
LISBOA

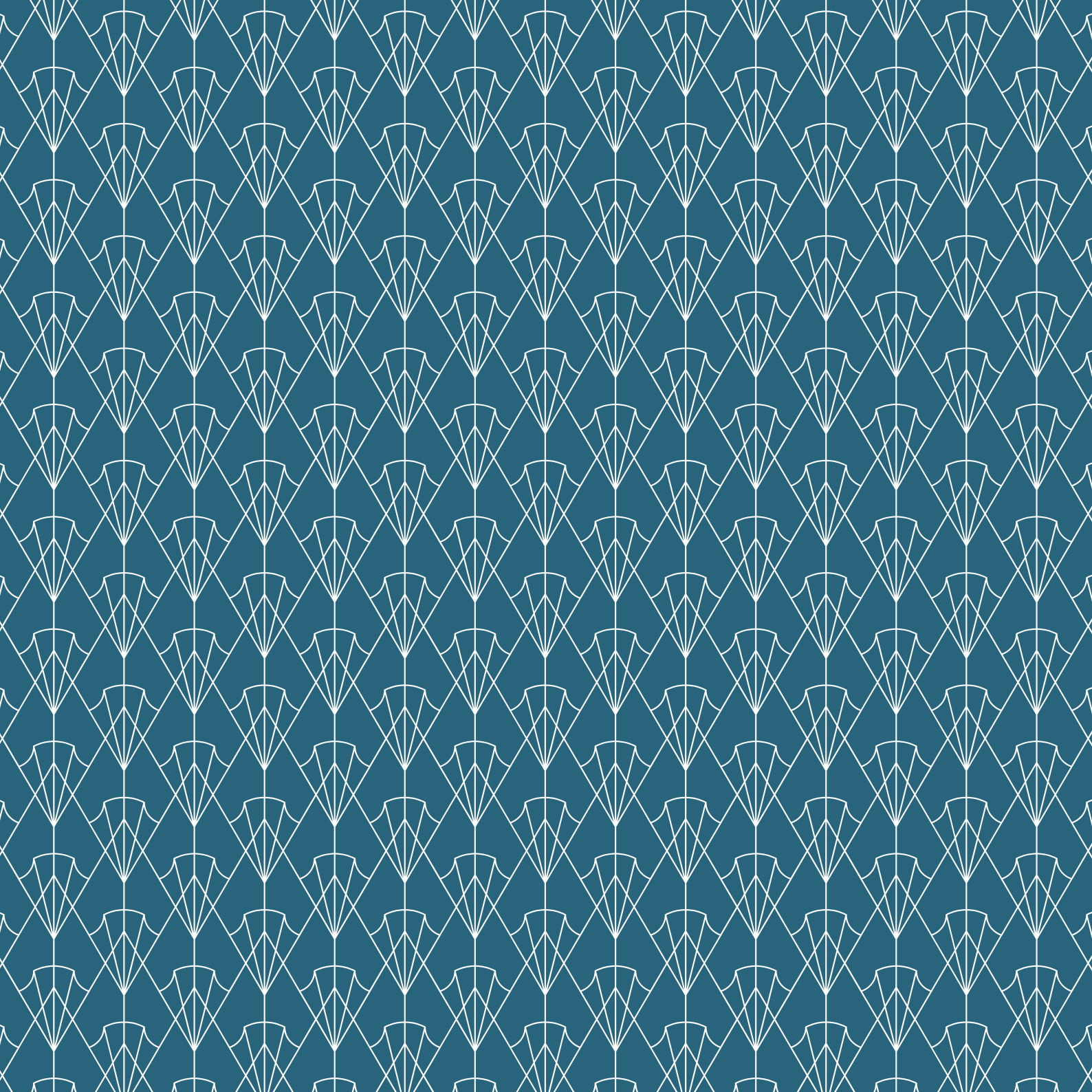
AUTORES CITADOS 113

NOTAS BIOGRÁFICAS DAS AUTORAS 121



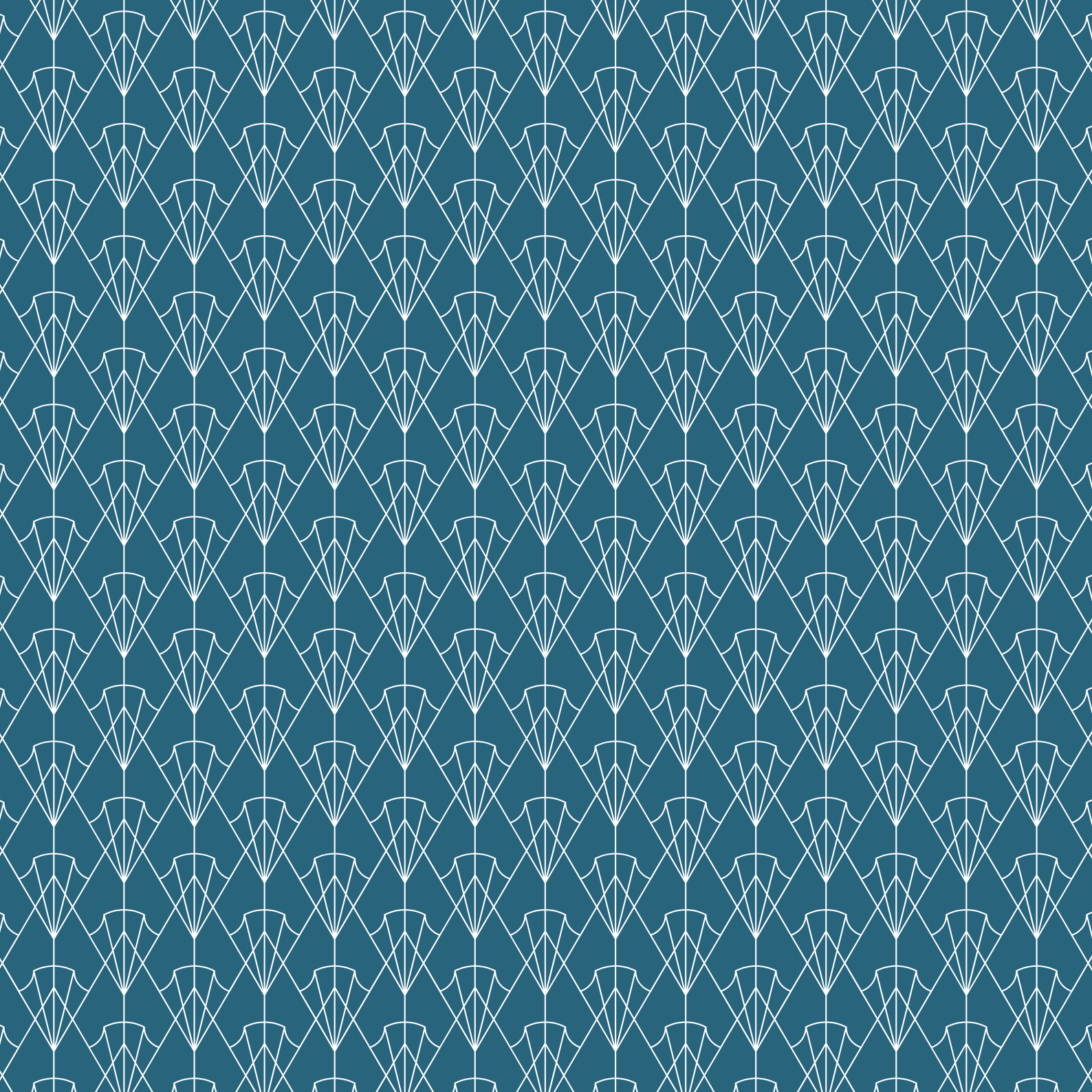
Agradecemos a todos aqueles que contribuíram para que este volume se tornasse uma realidade, nomeadamente aos colegas investigadores, amigos, proprietários e funcionários dos hotéis que nos auxiliaram no processo de investigação e disponibilizaram imagens.

Agradecemos, em particular, ao Centro de Investigação em Artes e Comunicação (CIAC) da Universidade do Algarve pelo apoio à edição e publicação.



Era um lindo quarto o meu, lindo e rico de tantas porcelanas, e flores […]. Vinte anos depois os olhos da minha saudade vão à rua da Fábrica, e procuram o hotel francês.

Camilo Castelo Branco



Hotéis literários: Nota introdutória

A história da hotelaria remete-nos para as primeiras deslocações empreendidas pelo ser humano não nómada, ou seja, para o momento em que o Homem passa a ter necessidade de encontrar um lugar de hospedagem durante as suas viagens. Alguns autores associam a génese da hotelaria aos Jogos Olímpicos da Antiguidade, à demanda de hospedarias por parte de atletas e público assistente. Com a expansão do Império Romano, com o melhoramento das vias, dos transportes e da segurança, aumenta também o número de viajantes e, consequentemente, a procura de lugares onde pernoitar. Do mesmo modo, a difusão do Cristianismo favorece a multiplicação de peregrinações religiosas, que se intensificam entre os séculos VII e IX, altura em que a descoberta do túmulo do apóstolo São Tiago, em Espanha, desencadeia uma forte veneração e consequentes peregrinações, conduzindo a uma procura de abrigo a que dão resposta essencialmente casas particulares, nas quais os viajantes arrendavam quartos ou espaços em estábulos, por exemplo. Também as Cruzadas, ocorridas entre os séculos XI e XIII, com o objetivo de recuperar Jerusalém e os Lugares Santos na posse dos muçulmanos, levaram à procura de hospedagem por parte de peregrinos, mercadores e soldados.

Com efeito, as primeiras unidades hoteleiras, as tabernas e pousadas, surgiram apenas na Idade Média e foram evoluindo, desenvolvendo-se durante o período do Renascimento (séculos XIV a XVI), durante o qual viajar passa a ser uma oportunidade para alargar conhecimentos e desfrutar de novas experiências. Este incremento efetiva-se durante os séculos XVIII e XIX, período durante o qual as estalagens dão lugar aos primeiros hotéis. Tal resulta em grande parte do aumento da construção de estradas e de ferrovias, que vieram facilitar a movimentação de pessoas e incrementar a procura de alojamento. Estes novos viajantes passam então a poder usufruir de estadas em hotéis que colocam à sua disponibilidade múltiplos serviços e equipamentos e

desenvolvem novos conceitos, adaptando-se aos tempos e aos perfis dos viajantes até à atualidade.

A palavra portuguesa hotel deriva do francês *hôtel*, tendo a mesma origem das palavras *hospital* e *hostal*, o vocábulo latino *hospitalis*, referindo-se a uma casa que acolhe, entre outros, peregrinos e doentes. Com o passar do tempo, o vocábulo francês internacionalizou-se, assumindo o significado atual de estabelecimento que ocupa um edifício ou apenas parte independente dele, constituindo as suas instalações um todo homogéneo, com pisos completos e contíguos, acesso próprio e direto para uso exclusivo dos seus hóspedes, a quem são prestados serviços de alojamento temporário e outros serviços acessórios ou de apoio, com ou sem fornecimento de refeições, mediante pagamento.

Na verdade, ainda que, ocasionalmente, tal possa suceder, um hotel não costuma ser um alojamento permanente ou de longa duração. Seria, por isso, de supor tratar-se de um espaço que, sendo apenas de passagem e não contendo em permanência objetos de quem ali pernoita, configuraria um não-lugar, um espaço vazio de memórias. Ou seja, o hotel seria um espaço que não é marcado pela passagem dos hóspedes nem os marca a eles. E, de facto, acreditamos que assim seja na maioria dos casos, isto é, que o hóspede não guarde mais do que uma vaga memória de um lugar onde pernoitou ou passou umas férias agradáveis. Verificam-se, todavia, exceções, situações em que as experiências vividas, as experiências proporcionadas pelo hotel ou, até mesmo pelo edifício (a sua arquitetura, história, tradição), deixam memórias únicas e indeléveis. E há ainda situações em que a presença de um hóspede ilustre ou a referência por ele feita ao hotel marcam aquele espaço para sempre. É o caso dos hotéis que alojaram escritores e/ou que os inspiraram de tal forma que surgem referidos nas suas obras, transformando-os em lugares literários. Lembremos, a título de exemplo, os casos icónicos das experiências vividas pelo protagonista de *A Morte em Veneza* (1912), de Thomas Mann, no Grand Hotel des Bains (em Lido di Venezia); da presença regular de F. Scott Fitzgerald no The Plaza, de Nova Iorque (que levou a que este hotel criasse a Fitzgerald Suite); ou, até mesmo de como o L'Hotel, em Paris, deve a sua fama ao facto de Oscar Wilde ali ter falecido e às últimas palavras que lhe atribuem e que se referem à decoração daquele espaço: "O meu papel de parede e eu estamos num duelo mortal. Um de nós tem de ir!"

Recordemos ainda que, em finais do século XX, foi inaugurado o Hotel César Ritz, em Paris, que constitui um marco no que à hotelaria de luxo diz respeito e no qual

se alojaram inúmeras figuras conhecidas e reconhecidas de todos os quadrantes da sociedade, nomeadamente da área da literatura, como é o caso de Marcel Proust, que ali terá escrito parte da sua obra *Em Busca do Tempo Perdido* (1913-1927), junto à lareira do salão que, por este motivo, recebeu o seu nome. Consta ainda que Ernest Hemingway terá conseguido poupar este hotel aos bombardeamentos dos alemães em 1944, através da oferta alargada de champanhe no Le Petit Bar, local que hoje exibe o seu nome. Este mesmo autor escolheu o Hotel Ritz como cenário do conto *Um quarto ao lado do jardim* (1956). Atualmente, na suite em sua homenagem, encontra-se uma máquina de escrever antiga, numa alusão ao labor literário do autor.

O conhecimento prévio desta ligação, por parte do viajante, leva-o a escolher o alojamento em função de um interesse particular pela literatura e predispõe para a criação de um laço afetivo com o hotel, para viver e absorver aquele espaço, transformando-o num lugar que passa a ser também seu.

No presente volume, abrimos ao leitor as portas de nove hotéis literários portugueses. Hotéis nos quais pernoitaram ou que foram a casa temporária de escritores; hotéis que encontramos referidos em obras literárias, que as inspiraram; hotéis reais nos quais se alojaram personagens da ficção; mas também hotéis que foram importantes pontos de encontro e de tertúlia de escritores. Hotéis literários que contrariam a noção do hotel como ponto de passagem não identitário, que revelam o seu potencial enquanto ponto de encontro, de inspiração e de criação. Independentemente da forma como se estabelece a associação entre os hotéis e a literatura, este livro constitui uma releitura dos espaços, das obras e dos seus autores e pretende, com a apresentação dos excertos das obras e das imagens dos hotéis, inspirar o leitor, levando-o, quiçá, a (re)ler cada obra e a (re)visitar cada hotel.

Os hotéis literários são, portanto, lugares nos quais os livros, os escritores, a escrita e a leitura adquirem protagonismo e que constituem uma proposta inovadora para atrair novos públicos. Quando explorados a partir desta perspetiva, os hotéis, que são sinónimo de civilização e de sofisticação, privilegiam a literatura e homenageiam os autores que por lá passam e passaram ou que, simplesmente, evocam. São espaços que proporcionam a vivência de uma experiência literária peculiar e diferenciadora, diversificando a oferta cultural e turística.

O incremento em termos de oferta e de procura na área do alojamento associado à literatura é relativamente recente. Com efeito, se a tradição de espaços hoteleiros conotados

com tertúlias literárias não é novidade, a opção consciente por visitar e eventualmente pernoitar em locais de alojamento relacionados com a literatura é nova. O turismo literário, e por consequência os hotéis literários, assumem-se como um segmento embrionário no quadro do turismo cultural, agregador de novos interesses, circuitos e mercados, contribuindo também para renovar e redimensionar o setor da hotelaria, mantendo o *glamour* que o caracteriza.

No caso de Portugal, Licínio Cunha refere que os hotéis *"mantêm o esplendor do passado e constituem orgulho do turismo português. São também testemunho de que não foram em vão as medidas políticas para desenvolver a hotelaria: eram insuficientes as iniciativas, mas, quando surgiam, ficaram como perenes exemplos que continuam a dignificar o País"* (Cunha, 2010). Efetivamente, a partir de 1920, *"expandiu-se a rede e melhorou bastante a qualidade da oferta hoteleira no País"* (Henriques e Lousada, 2010), sendo construídos edifícios que, progressivamente, se foram tornando espaços de inspiração. Adaptando-se à realidade dos novos tempos, os hotéis e, em particular os hotéis literários, procuram responder ao novo perfil do turista cultural, às suas exigências e aos seus interesses, o que tem vindo a desencadear uma alteração das conceções predefinidas. E é desta necessidade de adaptação que, para além dos hotéis aqui referidos como literários, começam a surgir um pouco por todo o mundo hotéis igualmente ligados à literatura, mas por outra via. Falamos dos chamados hotéis-biblioteca, hotéis que colocam vastas bibliotecas à disposição dos seus hóspedes e que, frequentemente, organizam eventos de âmbito literário, aliando o lazer ao prazer da leitura, como é o caso do Library Hotel (Nova Iorque), inspirado por uma biblioteca, e no qual cada um dos andares é dedicado a uma área do conhecimento; do Le Pavillon des Lettres (Paris), onde cada quarto homenageia um autor e onde são disponibilizados aos hóspedes vários títulos através de um iPad; ou ainda, da Pousada Literária (Paraty), cujas suites dispõem de um cantinho de leitura com livros, entre tantos outros exemplos dispersos pelo mundo.

Distante de uma perspetiva comercial, até porque alguns dos hotéis selecionados já não existem, este volume é um novo olhar sobre os hotéis Grande Hotel de Paris, Grande Hotel do Porto, Hotel Mary Castro, Palace Hotel do Buçaco, Hotel Quinta das Lágrimas, Lawrence's Hotel, Grand Hotel Central, Hotel Avenida Palace e Hotel Britania. Com este trabalho, que se pretende de leitura fluída e cativante, e que resulta de apurada e rigorosa investigação, procurámos mapear alguns dos hotéis literários mais emblemáticos de Portugal e acreditamos oferecer um conjunto de textos que constituem

leituras surpreendentes, ricas e inesperadas dos nove hotéis apresentados. As fotografias incluídas, na maioria dos casos cedidas pelos respetivos hotéis, surgem como auxiliares à viagem que se pretende experimentar, na tentativa de ilustrar o ambiente de que se fala, para que o leitor possa usufruir ainda melhor desta experiência de leitura.

Esta é a primeira vez que se apresenta uma obra desta natureza em Portugal, condensando informação específica sobre uma matéria que se constitui como um campo de estudo e de conhecimento em franco desenvolvimento.

Boa estada e boas leituras!

Ana Cláudia Silva
Isabel Dâmaso Santos
Sílvia Quinteiro

BIBLIOGRAFIA

"Breve história da hotelaria" (2017). Consultado em https://centroeuropeu.com.br/blog/breve-historia-da-hotelaria/

Breve história do turismo e da hotelaria (2005). Rio de Janeiro: Confederação Nacional do Comércio. Consultado em https://docente.ifrn.edu.br/anavelasque/disciplinas/breve-historico-do-turismo-e-da-hotelaria-cnc

Cunha, Licínio (2010). A República e a afirmação do turismo. In Maria Alexandre Lousada e Ana Paula Pires, *Viajar: Viajantes e turistas à descoberta de Portugal no tempo da I República* (pp. 129-138). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Henriques, Eduardo Brito e Lousada, Maria Alexandre (2010). Férias em Portugal no primeiro quartel do século XX. A arte de ser turista. In Maria Alexandre Lousada e Ana Paula Pires, *Viajar: Viajantes e turistas à descoberta de Portugal no tempo da I República* (pp. 105-117). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

"História da hotelaria" (2009). Consultado em https://venturaeassociados.com/site/historia-da-hotelaria/

"História da hotelaria" (2021). Consultado em http://blog.hospedin.com/historia-hotelaria/

Nunes, Catarina Rosa (2009). *O controlo de gestão na hotelaria portuguesa* (Dissertação de Mestrado). ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa.

Santos, Miguel Dias (2017). "A evolução do alojamento nos primórdios do turismo em Portugal: Discursos e realizações (1800-1906)". Evolution of lodging in early portuguese tourism: Discourses and achievements (1800-1906). *Rosa dos Ventos: Turismo e Hospitalidade*, 9(4), pp. 506-520.

GRANDE HOTEL DE PARIS

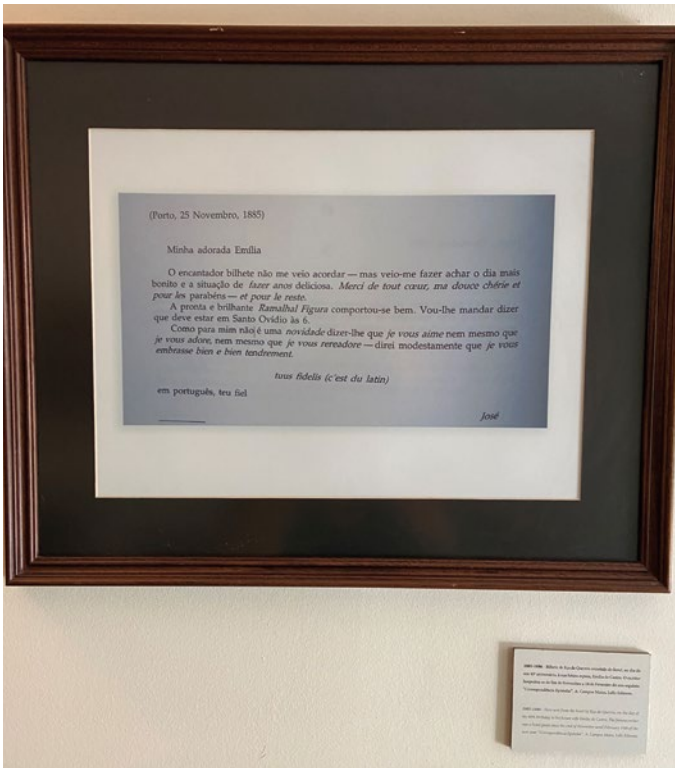
PORTO

***Dei-lhe os meus parabéns depois da meia-noite, hei-de dar-lhos a valer, logo, mas aproveito a ocasião para lhos dar mais uma vez […].* Et vous, mon très cher? *Hoje não quero esperar que me faça perguntas, mas digo-lhe de meu moto próprio que* je vous aime (Queirós, *Correspondência*, 1925).**

***Minha adorada Emília, o seu encantador bilhete não me veio acordar — mas veio-me fazer achar o dia mais bonito e a situação de «fazer anos» deliciosa.* Merci de tout coeur, ma douce chérie et pour les parabéns — et pour le reste *[…].* Tuus fidelis (c'est du latin)*, em português teu fiel, José* (Queirós, *Correspondência*, 1925).**

Entre novembro de 1885 e 10 de fevereiro de 1886, José Maria Eça de Queirós reside na cidade do Porto enquanto aguarda o seu casamento com Emília de Castro Pamplona, que ocorre em fevereiro de 1886, na capela da Quinta de Santo Ovídio, propriedade dos seus sogros, os Condes de Resende. Do Grande Hotel de Paris, onde se encontra instalado, Eça escreve ao escritor e amigo Ramalho Ortigão: *"Eu por aqui continuo entre Santo Ovídio e o Hotel, onde trabalho, às gotas, às migalhas […]. O meu casamento está fixado para a próxima quarta-feira, 10. Desejo saber quando V. chega: na terça é necessário que esteja cá, claro é; mas na segunda seria* gentil*"* (Queirós, 1925). Datam igualmente deste período o bilhete que Emília envia a Eça no dia do seu aniversário e a resposta ao mesmo, que transcrevemos acima. Na verdade, são várias as mensagens trocadas entre os noivos que têm como lugar de emissão ou de receção o Grande Hotel de Paris e que hoje adornam as paredes dos corredores daquele que afirma ser o mais antigo hotel do Porto.

Com mais de 140 anos, o Grande Hotel de Paris entra em funcionamento no dia 27 de novembro de 1877, na Rua da Fábrica, n.os 27-29, em pleno centro histórico da cidade. Como noticia *O Commercio Portuguez* na edição desse mesmo dia, trata-se de *"um magnifico hotel de primeira ordem […]. Os viajantes encontram ali, em tudo, a maior limpeza, aceio e conforto: quartos espaçosos, arejados, boas salas com muita luz,*



(Porto, 25 Novembro, 1885)

Minha adorada Emília

O encantador bilhete não me veio acordar — mas veio-me fazer achar o dia mais bonito e a situação de *fazer anos* deliciosa. *Merci de tout cœur, ma douce chérie et pour les* parabéns — *et pour le reste.*

A pronta e brilhante *Ramalhal Figura* comportou-se bem. Vou-lhe mandar dizer que deve estar em Santo Ovídio às 6.

Como para mim não é uma *novidade* dizer-lhe que *je vous aime* nem mesmo que *je vous adore*, nem mesmo que *je vous renvadore* — direi modestamente que *je vous embrasse bien e bien tendrement.*

tuus fidelis (c'est du latin)

em português, teu fiel

José

Figura 1 – Fachada do Grande Hotel de Paris
Fonte: Coleção Grande Hotel de Paris

Figura 2 – Bilhete de Eça de Queirós
Fonte: Coleção Grande Hotel de Paris

totalmente tapetadas; boa mobilia, excellentes camas com bons colxões fofos; serviço de meza magnifico, de cosinha franceza, italiana e inglesa: duas refeições de garfo variadas e abundantes, com café e licores; MENU especial e differente todos os dias".

Acresce a estas qualidades uma localização privilegiada: próximo da estação de São Bento, a mais central das estações de comboios da cidade, em estilo parisiense; da Torre dos Clérigos, classificada como Monumento Nacional desde 1910; e do Mercado do Bolhão, um dos mercados mais emblemáticos da cidade invicta.

Apesar de, como referimos, o hotel datar de 1877, o local em que se encontra já era anteriormente dedicado à hotelaria. Com efeito, em 1846, nasce na Rua da Fábrica a "Hospedaria Francesa", propriedade de João Baptista Arismendi, na qual se hospeda, em 1848, Camilo Castelo Branco, num período em que trabalha como colaborador d'*O Nacional: Jornal Político, Literário e Comercial*, publicado entre 1846 e 1870. Recordando este período, Camilo escolhe a cidade do Porto para contextualizar o romance *Onde Está a Felicidade?* (1856), referindo-se várias vezes a esta hospedaria: *"O jornalista entrou na* Águia d'Ouro*, entreteve um quarto de hora, esgaravatando umas costelletas, e pôs de sentinella o creado para avisar Amaral, quando saísse do quarto de seu tio, que elle o esperava ali. Sairam juntos, e entraram na* Hospedaria Franceza*, residencia do poeta".*

De referir que as alusões a este espaço vão sendo recorrentes na conceção das obras camilianas, como sucede em *Um Homem de Brios* (1856), *Vinte Horas de Liteira* (1864) e *A Mulher Fatal* (1870), que citamos: *"O ar do meu quarto incomodava os hóspedes. Eu tinha dez jarras de flores sobre uma estantinha de livros, sobre a banca de escrita, e à cabeceira do meu leito […]. Era um lindo quarto o meu, lindo e rico de tantas porcelanas, e flores […]. Vinte anos depois os olhos da minha saudade vão à rua da Fábrica, e procuram o hotel francês".*

Figura 3 – Espaço social
Fonte: Coleção Grande Hotel de Paris

Também o escritor Teixeira de Vasconcelos, na obra *O Prato de Arroz-Doce*, que reconstitui a época da revolta popular da Maria da Fonte (1846) e das lutas civis — Patuleia (1846/1847) —, menciona a "Hospedaria Francesa": *"Passara por diferentes vicissitudes este célebre estabelecimento, mas nunca até então deixara de ser pousada de todos os cavalheiros do Norte de Portugal […]. A Hospedaria Francesa […] era no Porto o verdadeiro clube da nobreza provinciana"*, tornando-se um espaço cultural onde *"se recitavam sonetos, odes, quadras e charadas, que por muito tempo fizeram as delícias dos elegantes do Minho. Nessas ocasiões a Hospedaria Francesa era uma verdadeira sociedade literária, uma espécie de Arcádia"* (Vasconcelos, 1862).

Porém, em 1852, a "Hospedaria Francesa" sofre um incêndio, na sequência do qual o Grande Hotel de Paris herdará esta localização, mas não de imediato. Em 1855, Manuel da Costa Guimarães, um negociante da cidade, constrói nesse local um edifício apalaçado, cujo primeiro inquilino é a "Sociedade Filarmónica Portuense". Contudo, o edifício fica desocupado em 1877 e é nessa altura que a Dupuy & C.a. decide transformá-lo no Grande Hotel de Paris. Chamamos a atenção para a constituição desta sociedade, uma vez que esta terá tido particular importância na ligação do hotel à literatura.

Com efeito, a Dupuy & C.a. é constituída por Manuel da Costa Guimarães; Leopold Dupuy; Ernesto Chardron e Mathieu Lugan — proprietários da Livraria Lello, reconhecida pelo seu valor histórico e artístico. A livraria tem origem em 1869, aquando da fundação da "Livraria Internacional", por Ernesto Chardron. Após o seu falecimento (1885), a "Livraria Chardron", que publica as primeiras edições de obras de Camilo Castelo Branco e de Eça de Queirós, é vendida a Jules Genelioux e Mathieu Lugan que, depois da morte de Genelioux, fica como único proprietário. Posteriormente, Lugan vende a livraria a José e a António de Sousa Lello e, em 1906, é inaugurado o edifício da "Livraria Lello", no local onde atualmente se encontra, permanecendo na posse desta família até aos dias de hoje. A Lello está classificada como Monumento de Interesse Público, desde 2013.

A permanência de várias figuras ligadas à literatura no Grande Hotel de Paris poderá, portanto, justificar-se pelo facto de dois dos sócios do hotel estarem ligados à editora de alguns autores que aqui se alojaram. De resto, esta ligação entre o Grande Hotel e a literatura não está só patente na sua decoração e na sua história; é também visível no espaço da "Livraria Lello", decorada com os bustos de alguns dos escritores/hóspedes deste hotel, como Camilo Castelo Branco, Eça de Queirós e Guerra Junqueiro.

Destaque ainda, nesta época, para a realização de jantares-concerto, concebidos para recreio das famílias, e de saraus musicais, no jardim iluminado, abrilhantados pelo piano: "*A soiréee foi muito concorrida, sendo applaudidos todos os artistas que executaram as diversas peças musicaes"* (*A Actualidade*, 1879).

Seguem-se várias administrações, sendo que a liderança francesa justificará certamente o facto de, nesse período, o Grande Hotel de Paris ter sido palco de alguns eventos pró-republicanos, como o banquete comemorativo do aniversário da Tomada da Bastilha que tem lugar a 14 de julho de 1901 e, mais tarde, em maio de 1910, o jantar de membros do Partido Republicano, o qual, a 5 de outubro, proclamaria a República em Portugal. Neste jantar, participa e discursa Guerra Junqueiro que, dois anos antes, tinha sido candidato do Partido Republicano pelo Porto.

Em 1999, a família Ferreira, oriunda de Trás-os-Montes, adquire o hotel, procedendo ao restauro, remodelação e preservação da identidade do espaço. Mantendo a sua tipicidade, *"em harmonia com os principaes hoteis do estrangeiro"* (*O Commercio do Porto*, 1880), o hotel está repleto de objetos antigos e recantos, dignos de um espaço museológico, como o patamar do gramofone ou a pequena sala do telefone, onde se efetuavam as chamadas e se recebiam as reservas: *"Em vez de arrebiques modernistas, como*

◂ **Figura 4 – Jardim**
Fonte: Coleção Grande Hotel de Paris

◂ **Figura 5 – Jardim**
Fonte: Coleção Grande Hotel de Paris

▴ **Figura 6 – Piano (espaço social)**
Fonte: Coleção Grande Hotel de Paris

tem acontecido a tantos estabelecimentos similares, destruindo as estruturas nas tais transformações, consideradas por muitos como inevitáveis, a traça mantém-se intocável mesmo com as obras a que tem sido sujeito o velho casarão" (Vale, 2011). As palavras são de Leandro Vale, figura do teatro, que fazia do Grande Hotel de Paris a sua casa na cidade portuense.

São três os pisos que compõem o edifício, aos quais se acede através de duas escadarias, cobertas por uma passadeira vermelha, ou por um charmoso elevador de grade, introduzido em 1966.

Os quartos encontram-se decorados com mobiliário da época e peças antigas: *"O Hotel Paris foi das primeiras casas na cidade a instalar aquecimento central e água corrente fria e quente nos quartos. As habitações para alojamento dividiam-se em quarto de dormir e quarto de vestir; havendo nestes uma escrivaninha para que se pudesse, por exemplo, escrever uma carta"* (Félix, 2011).

Nesta descrição, salientamos a presença da escrivaninha para escrever cartas como aquelas de Victor de Moigénie, pseudónimo de José Agostinho de Oliveira, que, no Grande Hotel de Paris, redige a obra *A Mulher em Portugal: Cartas d' um Estrangeiro* (1907). Um texto, em forma de missivas, nas quais o autor assume a visão de um estrangeiro que descreve o país e os seus habitantes numa troca de correspondência fictícia que tem como endereço o próprio hotel: *"Minha Mariette: Escreverás para o Hotel de Paris. Este hotel fica numa rua triste, rua da Fábrica. Visto assim, pela humidade gelada deste bairro, o Porto é uma cidade velha […]. Mas o Porto não é este bairro"*.

Presentemente, a filosofia da direção do hotel que, desde 2017, integra a rede hoteleira "Stay Hotels", consiste em ampliar o espaço, preservando o traçado original. Inspirado na atualidade e na simplicidade, a fim de promover o bem-estar dos clientes, o Grande Hotel de Paris dispõe de todas as comodidades modernas, assim como de uma sala de leitura, multilingue, aconchegante e

Figura 7 – Patamar do gramofone
Fonte: Coleção Grande Hotel de Paris

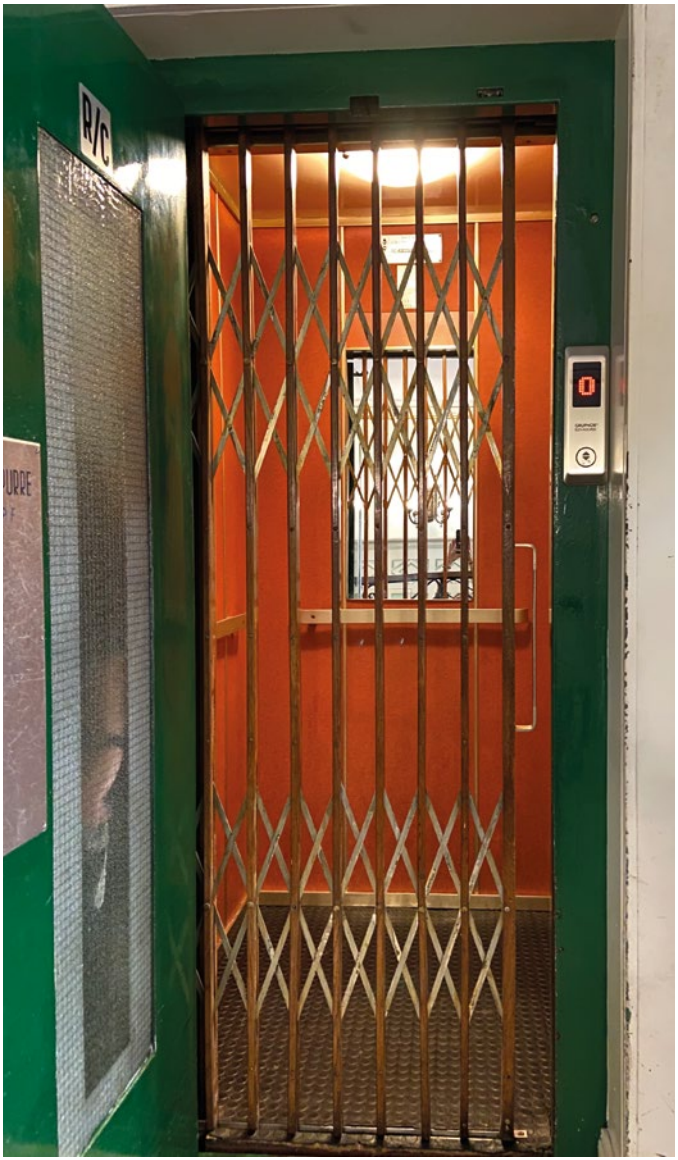


Figura 8 – Elevador de grade
Fonte: Coleção Grande Hotel de Paris

Figura 9 – Escadarias
Fonte: Coleção Grande Hotel de Paris

simples: *"Na SALA DE LEITURA ha jornaes portuguezes de Lisboa, Porto e das provincias, jornaes inglezes, francezes e hespanhoes"* (*O Commercio Portuguez*, 1877).

A ligação à literatura, essa mantém-se ao longo dos tempos. Atualmente, como vimos a propósito da intensa troca de correspondência entre Eça de Queirós e a sua noiva, podemos experienciar, ao longo dos corredores do hotel, memórias de hóspedes eternos, como Bordalo Pinheiro, o primeiro hóspede ilustre que aqui se instala em 1881. Aquando da sua estada, o autor desenha uma página para oferecer ao jornal *A Folha Nova*, publicado entre 1881 e 1888, no Porto, nomeadamente, na Rua da Fábrica, n.º 66, próximo do Grande Hotel de Paris.

Para além de Bordalo Pinheiro e de Eça de Queirós, que aqui revê o romance *Os Maias* (publicado em 1888, no Porto), a lista de autores/hóspedes célebres inclui Camilo Castelo Branco que, como referimos, se instala, primeiramente, na "Hospedaria Francesa", antecessora neste espaço do Grande Hotel de Paris, e, posteriormente, quando regressa em 1888, no já Hotel de Paris. Por essa altura, Camilo encontra-se doente e procura assiduamente a assistência do médico e amigo Ricardo Jorge. Numa dessas visitas, o médico surge no hotel acompanhado por Guerra Junqueiro, favorecendo a reaproximação entre Camilo e Junqueiro. Os escritores conheciam-se, mas não se falavam por divergências literárias.

Dois outros episódios assinalam a passagem de Camilo Castelo Branco pelo Grande Hotel de Paris. O primeiro é o caso Urbino de Freitas, um médico famoso na época, de quem Camilo é amigo, e que é acusado, em 1890, de tentar envenenar vários familiares, tendo sido condenado pela morte do sobrinho. O segundo caso é o do trágico naufrágio no rio Douro, em 1861, que vitima vários passageiros, entre os quais Gertrudes, a cozinheira que lhe salvara a vida, aquando da sua estada na "Hospedaria Francesa": *"Em 1849, a invasão subita de uma anemia vampirizou-me o pouco sangue desoxigenado […]. Gertruria, desde que eu fui à*

▲ **Figura 10 – Quarto com escrivaninha**
Fonte: Coleção Grande Hotel de Paris

▲ **Figura 11 – Sala de leitura**
Fonte: Coleção Grande Hotel de Paris

cama, visitava-me a miudo no Hotel-Francez, na Rua da Fabrica" (Castelo Branco, 1884), submetendo-o a uma dieta de mão de vaca, bifes de presunto de Melgaço, troixas de recheio e melão. Camilo presta-lhe homenagem: *"Era a Gertrudes, um thesouro de joias culinarias que a voragem enguliu […]. Tinha sido chamada por D. Antonia Ferreira para dirigir os jantares dados ao barão de Forrester. Ali acabou […]"* (Castelo Branco, 1884).

Cativado por este espaço, também o poeta Guerra Junqueiro se torna presença habitual. Em 1885, estando hospedado no Grande Hotel de Paris, faz aqui a revisão da obra *Velhice do Padre Eterno*, publicada no Porto. Por esta altura, encontra-se com Beldemónio, pseudónimo do escritor e jornalista Eduardo de Barros Lobo, que Junqueiro convida a subir ao seu quarto, no hotel. A memória deste dia fica registada por Beldemónio que refere: *"Há dois mezes de visita no Porto, procurei Guerra Junqueiro no Hôtel de Paris […]. Ouço sempre cantar os seus versos no meu crâneo, pela voz do poeta, que mos recitou todos […]. Perguntei-lhe: — O seu poema? Levantou-se: — Vou ler-lhe o prólogo […]. Quando acabou de ler, faltou-me completamente a palavra para a banalidade de um cumprimento […]. Creio que disse, como uma creança a quem acabam de servir alguma coisa doce: — Mais!…"* (Lobo, 1902; Oliveira, 1955).

Numa descrição do Grande Hotel de Paris, feita em 2011, pelo redator Octávio Félix, o mesmo refere que *"o edifício surge alinhado num arruamento de prédios de três e quatro andares, idênticos na sua estrutura estreita e comprida de fachada severa, assomando nas janelas varandins abalaustrados com ferro rendilhado. O hotel pode perfeitamente passar despercebido a quem passe e não repare na discreta placa identificativa, na inscrição «Hotel de Paris» pintada na soleira da entrada, e na própria entrada, logo ali à face da rua: grandes portadas em arco, um lance de degraus de mármore e de corrimões dourados que nos guiam até uma segunda porta"*.

Com efeito, influenciado pelo estilo da *Belle Époque*, o Grande Hotel de Paris encontra-se envolto por um ambiente de requin-

Figura 12 – Entrada do Grande Hotel de Paris
Fonte: Coleção Grande Hotel de Paris

te, remetendo para elementos de tempos remotos que, na sua grande maioria, se mantêm inalterados, como é o caso do piso de madeira, material recorrente na decoração, presente, por exemplo, na receção, onde se destacam as tapeçarias e a alvura das paredes trabalhadas, típicas da *Art Nouveau*, ou na sala de refeições, onde é servido o pequeno-almoço — a antiga sala de café e restaurante, inaugurados um ano após a abertura e onde *"os repastos eram leves […], com a sua comida exótica e as suas preocupações de elegância"* (Basto, 1932).

Comprida e luminosa, observam-se nesta sala *"ornamentos de madeira esculpida envolvendo os candeeiros, perfis de gesso rendilhado a toda a volta. Encostados às paredes os louceiros empilhavam na sua base de mármore pratos brancos reluzindo nos espelhos verticais. As costas das cadeiras formavam uma malha apertada, onde por vezes o sol se espreguiçava, vindo do jardim, compondo a sala de frescura matinal"* (Félix, 2011).

E o Grande Hotel de Paris passaria eventualmente despercebido não fora a sua história, as memórias que encerra e que nos guiam a um passado de festas, mas também de histórias amorosas e políticas, permanecendo como ponto de encontro *de* e *para* grandes histórias e permitindo hoje a cada visitante ou hóspede uma viagem no tempo, própria de uma história intemporal.

▲ **Figura 13 – Receção**
Fonte: Coleção Grande Hotel de Paris

▲ **Figura 14 – Sala de pequenos-almoços**
Fonte: Coleção Grande Hotel de Paris

OUTROS AUTORES QUE SE HOSPEDARAM NO GRANDE HOTEL DE PARIS

- **Bordalo Pinheiro** (Lisboa, 1846–Lisboa, 1905): Jornalista, desenhador, ilustrador, ceramista, caricaturista, áreas às quais conferiu uma qualidade e uma visibilidade nunca antes atingidas. Criou, em 1875, a figura do "Zé-Povinho", representação popular que se tornou símbolo do povo português.

- **Guerra Junqueiro** (Freixo de Espada à Cinta, 1850–Lisboa, 1923): Poeta e prosador. A sua voz foi de resistência à monarquia, mobilizando os ideais republicanos. Entre a carreira administrativa e política, ainda se dedicou à lavoura e ao colecionismo de obras de arte.

BIBLIOGRAFIA

Basto, Artur de Magalhães (1932). *O Pôrto do Romantismo*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

Castelo Branco, Camilo ([1856] 1905). *Onde está a felicidade?* Lisboa: A. M. Pereira.

— ([1870] 1990). *A mulher fatal*. Lisboa: Círculo de Leitores.

— ([1884] 1903). *O vinho do Porto: Processo de uma bestialidade ingleza*. Porto: Livraria Chardron.

"Concerto" (14 janeiro 1879). *A Actualidade*, p. 2.

Félix, Octávio (2011). *Grande Hotel de Paris: Uma história no Porto*. Porto: Edições Afrontamento.

Frier, David Gibson (2005). *As (trans)figurações do eu nos romances de Camilo Castelo Branco (1850-1870)*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

"Grand Hotel de Paris" (27 novembro 1877). *O Commercio Portuguez*, p. 4.

"Grande Hotel de Paris" (2020). Consultado em https://www.stayhotels.pt/grandehotelparis/home.

"Grande Hotel de Pariz" (2 maio 1880). *O Commercio do Porto*, XXVII (116), p. 3.

"Hospedes" (27 novembro 1881). *O Primeiro de Janeiro*, XVIII (290), p. 1.

Lobo, Eduardo de Barros [Beldemónio] (1902). *A volta do Chiado*. Lisboa: Parceria António Maria Pereira.

Marques, Nelson (12 janeiro 2019). "O crime da Rua das Flores". *Revista E-Cision*, pp. 48-55.

Moigénie, Victor de (1907). *A mulher em Portugal: Cartas d'um estrangeiro*. Porto: Livraria Figueirinhas.

Oliveira, José Lopes de (1955). *Guerra Junqueiro: A sua vida e a sua obra*. Vol. 2. Lisboa: Edições Excelsior.

Pereira, Sónia Martins (2014). *Da edição de guias para a mulher e ensaios sobre a condição feminina durante o Estado Novo (1933-1950)* (Dissertação de Mestrado). Universidade de Aveiro, Aveiro.

Pimentel, Alberto (1921). *O torturado de Seide: Camilo Castelo Branco*. Lisboa: Livraria Manoel dos Santos.

Pinheiro, Raphael Bordallo (22 dezembro 1881). A «Folha Nova» do Porto. *O Antonio Maria* (134), 401. Consultado em http://hemerotecadigital.cmlisboa.pt/Periodicos/OAntonioMaria/1881/1881_item1/P354.html.

Queirós, Eça de ([1925] 1983). *Correspondência*. Vol. 1. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

— Maria d'Eça de e Queirós, António d'Eça de ([1949] 2012). *Eça de Queiroz entre os seus. Cartas íntimas*. Alfragide: Editorial Caminho.

Vale, Leandro (2011). Prefácio. In Octávio Félix, *Grande Hotel de Paris: Uma história no Porto* (pp. 5-6). Porto: Edições Afrontamento.

Vasconcelos, Teixeira de ([1862] 1981). *O prato de arroz-doce*. Porto: Lello & Irmão.

GRANDE HOTEL DO PORTO

PORTO

***Tenho saudades de Pindela. Vejo daqui, deste quarto com vista para a Rua de S.ta Catarina, o vosso largo vale verde-negro, a casa, em baixo, antiquada e grave, meio adormecida entre as árvores, e a capelinha a branquejar lá no alto […]. Abraço apertado a vós ambos, jóias, do Vosso do c. Eça de Queirós* (Queirós, *Correspondência*, 1925a).**

Este é um excerto retirado de uma das muitas cartas escritas por Eça de Queirós no Grande Hotel do Porto, neste caso, dirigida ao diplomata Vicente Pinheiro Correia de Melo, Visconde de Pindela, e ao seu irmão, o escritor Bernardo Pinheiro Correia de Melo, Conde de Arnoso. A vista a partir do quarto de Eça para a Rua de Santa Catarina denuncia a localização do Grande Hotel do Porto, que é inaugurado a 27 de março de 1880, no n.º 197 dessa rua. Esta é então a artéria mais frequentada da cidade e, curiosamente, aquela em que viveram algumas figuras importantes da literatura portuguesa do século XIX, como Arnaldo Gama, António Nobre e Camilo Castelo Branco, que ali se instalou após o casamento com Ana Plácido, em 1888. Facilmente os imaginamos a circular nas proximidades deste hotel, numa rua por onde se movimentaram, ao longo de décadas, outros nomes da literatura e das artes, a caminho de um dos mais belos cafés do mundo, o *Majestic*, situado a menos de 100m do Grande Hotel. Destacamos, entre estes, os escritores José Régio e David Mourão-Ferreira e os artistas plásticos Júlio Resende e José Rodrigues. Acresce o facto de o Grande Hotel do Porto se situar perto da redação do jornal *O Primeiro de Janeiro*, local onde afluía um público peculiar, essencialmente constituído por intelectuais e artistas.

Concebido pelo arquiteto Silva Sardinha, o hotel resulta de um projeto do seu primeiro proprietário, Daniel Moura Guimarães, um gondomarense abastado, vindo do Brasil, que investe a sua fortuna na construção do edifício, importando novas modas e padrões para a cidade invicta. Este facto faz do Grande Hotel do Porto um dos muitos vestígios da diáspora portuguesa no Brasil que proliferam na paisagem arquitetónica do Norte de Portugal na segunda metade do século XIX e início do século XX, refletindo o percurso, o estilo de vida, o gosto pessoal e as memórias destes portugueses emigrados.

Figura 1 – Fachada do Grande Hotel do Porto
Fonte: Coleção Grande Hotel do Porto

Figura 2 – Pormenor da decoração
Fonte: Coleção Grande Hotel do Porto

No caso de Moura Guimarães, não se trata apenas de um emigrante endinheirado. É um apaixonado pelas artes e pelas viagens, autor de um guia que o torna célebre, o *Guia do Amador de Bellas-Artes* (1871), no qual descreve a arte, o património e os aspetos mais relevantes dos locais que visita. É, pois, com base nos conhecimentos adquiridos, e tendo como objetivo reproduzir, no Porto, o charme das capitais europeias, que Moura Guimarães decide construir um hotel semelhante aos que conhecera. Um projeto inovador para o Porto dessa época. Nas suas palavras, o Porto é *"a segunda cidade do reino, e sua população muito commercial e activa. É lindo e pittoresco o aspecto do Porto, principalmente visto de Villa Nova de Gaya, como são grandiosas todas as vistas, que dão sobre o rio Douro"*. Para concretizar o seu plano, o emigrante adquire propriedades na Rua de Santa Catarina — quintas e terrenos lavradios, maioritariamente pertencentes a D. Antónia Ferreira, figura de relevo na produção do vinho do Porto (cuja região vitivinícola está classificada, pela UNESCO, como Património da Humanidade, desde 2001), mais conhecida como a "Ferreirinha".

De fachada vitoriana, o Grande Hotel do Porto alia harmoniosamente o conforto e o luxo do *fin de siècle* oitocentista, destacando-se a porta giratória da entrada, a ornamentação glamorosa com veludos, espelhos, lustres e colunas em mármore e, ainda, os agradáveis espaços do restaurante e do bar.

No ano da inauguração, *O Commercio do Porto* anuncia que o estabelecimento *"tem commodos para todos os preços, serviço distincto e um grande numero de confortos […]. Falla-se francez, inglez e allemão. Têem caixa de correio e carro para todas as chegadas e partidas de comboyos do caminho de ferro"*.

O elogio a estas qualidades repete-se no anúncio de 1919, na *Revista de Turismo*, que se refere a este hotel como *"um dos mais importantes e modernos do paiz"*, dotado de *"instalações confortaveis, hygienicas e alegres. Amplos salões de jantar, leitura, recepção*

▲ **Figura 3 – Porta giratória**
Fonte: Coleção Grande Hotel do Porto

▲ **Figura 4 – Receção**
Fonte: Coleção Grande Hotel do Porto

e magestoso Hall. Grande terrasse com vistas sobre a cidade. Todos os lavatorios com esgoto e agua corrente, quente e fria. Quartos e apartements com banhos e W. C. Chauffage central e ascensor eletrico".

Com efeito, o Grande Hotel do Porto proporcionava aos seus hóspedes o acesso a um conjunto diversificado de espaços, como a sala de música, a sala de jogos e a sala das senhoras, possuindo, nas traseiras, balneários também abertos ao público. Encontramos essa referência no romance *A Filha do Capitão* (2004), de José Rodrigues dos Santos, no qual se explica em determinado momento que: *"Como não havia ligação ao Minho durante a noite, foram dormir ao Grande Hotel do Porto, na Rua de Santa Catharina, um edifício construído especificamente para ser uma unidade hoteleira e que oferecia aos hóspedes um sofisticado anexo para banhos e duches".*

O Grande Hotel do Porto distingue-se, assim, pelo seu valor arquitetónico e cultural, mas também pela qualidade das instalações e pela sofisticação. Segundo o escritor Hélder Pacheco, na obra *Porto* (1984), *"ladeando a travessa que se chamava das Pombas, ergue-se o Grande Hotel do Porto que no século XIX fazia a admiração dos visitantes".* Uma admiração que aqui terá atraído, por exemplo, D. Pedro II, ex-imperador do Brasil e filho de D. Pedro IV, que aqui se refugia com a esposa — D. Teresa Cristina —, aquando da queda da monarquia naquele país, em 1889. A memória dessa passagem real pelo Grande Hotel do Porto fica para sempre registada com a atribuição do nome de D. Pedro II ao restaurante e com a criação da suite "Petrópolis", alusiva à residência de verão dos ex-imperadores na cidade homónima.

Pelo "Restaurante D. Pedro II", com tetos trabalhados e ampla iluminação natural, onde, atualmente, é possível saborear iguarias de inspiração contemporânea, terão passado inúmeros hóspedes mais ou menos conhecidos. Destacamos o poeta Eugénio de Castro que, numa missiva de 17 de agosto de 1903, refere ir ao Porto, marcando encontro com o destinatário no Grande Hotel: *"Querido Amigo: Parto para o Porto amanhã, 3ª feira, devendo ahi chegar às 7 e 49 da tarde. Se isso não lhe causar grande transtorno, mto obsequiará apparecendo áquela hora no Gde Hotel do Porto, para marcarmos a primeira sessão. Abraço-o".*

Também o poeta Teixeira de Pascoaes, pseudónimo de Joaquim Teixeira de Vasconcelos, é hóspede habitual do Grande Hotel, fazendo alusão a esta unidade hoteleira na biografia romanceada de *Santo Agostinho* (1945): *"Sobe a rua dos Clérigos, e passeia na Via Láctea. Almoça no Grande Hotel do Porto, e não é milagre se for jantar, no mesmo dia, com Plutão, no seu tartárico palácio".*

E, se o restaurante perpetua a memória da presença de D. Pedro II neste espaço, o "The Windsor Bar" deve o seu nome ao Duque de Windsor. De decoração sóbria e atmosfera elegante, o bar assinala a estada, em 1934, do príncipe de Gales (futuro Eduardo VIII de Inglaterra, que abdica do trono, em 1936), no Grande Hotel do Porto; contudo, a dedicatória do príncipe desapareceu, ficando apenas a história que circula ao longo dos tempos e uma tradição inglesa que ainda hoje aqui se mantém: o "chá das cinco".

Outro espaço emblemático do Grande Hotel do Porto é o "Salão das Colunas", caracterizado pela riqueza dos materiais e pelos detalhes decorativos e que homenageia diversos escritores do Porto, como Almeida Garrett e Júlio Dinis, e outros que, não sendo da região, foram hóspedes no hotel, como Luísa Dacosta e Lídia Jorge, a qual, na dedicatória que faz ao hotel, datada de 10 de maio de 2014, refere: *"Muito grata pelo acolhimento neste Hotel, o Grande de outrora e o Grande de hoje. Sempre que seja possível, aqui hei-de voltar, para desfrutar deste ambiente antigo que faz a ponte com o Futuro desta cidade […]. Até breve, até sempre".* Neste salão, onde se privilegia o culto da leitura, das conversas e do bem-estar, foi muitas vezes recebido o cineasta Manoel de Oliveira, um entusiasta dos chás-dançantes dos anos 20, que aqui regressa para filmar cenas dos seus filmes "Amor de Perdição" (1979) e "Cristóvão Colombo – O Enigma" (2007).

Figura 5 – "Restaurante D. Pedro II"
Fonte: Coleção Grande Hotel do Porto

Figura 6 – "Restaurante D. Pedro II"
Fonte: Coleção Grande Hotel do Porto

Figura 7 – "The Windsor Bar"
Fonte: Coleção Grande Hotel do Porto

◂ **Figura 8 – "Salão das Colunas"**
Fonte: Coleção Grande Hotel do Porto

◂ **Figura 9 – "Salão das Colunas"**
Fonte: Coleção Grande Hotel do Porto

▴ **Figura 10 – Dedicatória de Luísa Dacosta**
Fonte: Coleção Grande Hotel do Porto

Após o falecimento de Moura Guimarães, os filhos vendem a sua parte a José de Oliveira Bastos, também ele regressado do Brasil. O novo proprietário realiza obras de ampliação no hotel, então frequentado *"por varios chefes de estado e por muitas notabilidades de todo o mundo"* (*Revista de Turismo*, 1919), como o bailarino/coreógrafo ucraniano Pavlo Virsky, o pianista soviético Sviatoslav Richter e o escritor espanhol Miguel de Unamuno que, em 1907, remete, do Grande Hotel do Porto, uma carta ao amigo e escritor Azorín, pseudónimo de José Martínez Ruiz, na qual dedica um poema a Portugal:

> *"Portugal, Portugal, terra descalça,*
> *encolhida junto ao mar, sua mãe,*
> *chorando saudades*
> *de trágicos amores […];*
> *e, naufragando lentamente, medita,*
> *das suas glórias de oriente,*
> *cantando fados chorosos e lentos"* [sublinhado no original].

Nesta carta, o escritor despede-se, referindo: *"Dentro de quatro ou cinco dias estarei em Salamanca, a trabalhar. Vou ver Guimarães, o berço da monarquia portuguesa. Um forte aperto de mão do seu amigo, Miguel de UNAMUNO"* (*Manuscritos*, 1907).

O Grande Hotel do Porto é, portanto, local de eleição para muitas figuras célebres da vida social, política e cultural portuguesa e estrangeira e presta, como vimos, homenagem aos seus clientes mais ilustres, atribuindo o seu nome a diversas áreas do hotel, como é o caso de D. Pedro II, do Duque de Windsor, de Manoel de Oliveira, mas também da "Ferreirinha"; da violoncelista Guilhermina Suggia, que conhece o marido, no Grande Hotel do Porto; da atriz Sarah Bernhardt, que fica hospedada no hotel, aquando da sua visita à cidade para dois espetáculos; e dos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral que, em 1922, são recebidos no Grande Hotel do Porto, após a sua travessia aérea do Atlântico Sul. Estes hóspedes notáveis veem os seus nomes inscritos nas respetivas suites temáticas — espaços confortáveis, que dispõem de sala de estar e onde os homenageados são destacados através de fotografias ou de pequenos apontamentos relacionados com a sua vida profissional.

Eça de Queirós, que passa várias temporadas neste hotel, provavelmente quando se dirige ao Porto para tratar de assuntos relativos à herança da esposa — a quinta de Tormes (Santa Cruz do Douro); de assuntos associados à publicação dos seus livros, pela "Livraria Lello" (na época, "Livraria Chardron"), ou, simplesmente, para conviver com companheiros de letras, não é exceção. Com o objetivo de eternizar a sua ligação ao hotel, também existe uma suite com o seu nome.

Mais uma vez, recorremos a uma carta escrita durante uma estada no Grande Hotel do Porto, dirigida ao escritor Luís de Magalhães: *"Querido Luís: Parti hoje do Porto […]. Hoje, na pressa, o criado do Hotel do Porto esqueceu, não trouxe para a estação, uma pequenina caixa de pau contendo um presentinho que a minha Mãe mandava à Maria. Vou escrever para o Hotel, que guardem essa caixa à sua ordem. E Você quando tiver oportunidade a mandará buscar ao Hotel e ma fará dirigir para Paris […]. — E agora um largo e fraternal abraço e* sans adieu *[…] do seu Queirós"* (Queirós, 1925b).

Entre os escritores que se instalam com regularidade no Grande Hotel, destacamos ainda Guerra Junqueiro, que publica várias das suas obras no Porto, onde se sabe ter declamado versos em vários pontos da cidade, incluindo neste hotel. Como nos conta o poeta Alberto d'Oliveira, *"lembro-me de mil encontros e palestras que melhor chamarei monólogos fulgurantes, em que o poeta nos inebriava com as suas imagens […]. Estou a ouvi-lo recitar os poemetos com que depois formou* Os Simples. *Ouvimos-lhos pelas ruas e passeios do Porto, na Praça Nova (ou de D. Pedro), no Palácio, no Hotel do Porto"* (Oliveira, 1955).

Para além da escrita, Junqueiro revela gosto por obras de arte, comprando e vendendo velharias. Para o efeito, escreve a Joaquim de Mello Freitas, seu antigo companheiro de curso, que o acompanha às casas dos potenciais vendedores: *"Meu Caro Am.º: Peço-te que perguntes ao irmão do dono da fábrica de louça, em cuja casa estivemos, quanto lhe hei-de dar pela cama antiga de que gostei […]. Recebeste o meu postal? Teu am.º Guerra Junqueiro. P.S. Podes responder para o Porto, Hotel do Porto. Estou lá na 5ª feira"* (Azevedo, 1981).

Entre 1960 e 2000, o Grande Hotel sofre uma remodelação total. Fazem-se melhoramentos na fachada, nos quartos e nas áreas comuns, procurando manter o carisma e perpetuar as histórias e vivências patentes, por exemplo, no corredor que dá acesso aos quartos. São memórias cristalizadas em fotografias e quadros com dedicatórias de hóspedes especiais que aqui deixaram a sua marca.

De entre eles, e mencionando apenas escritores, destacamos Júlio Dantas, Aquilino Ribeiro, Volodia Teitelboim, Fernando Namora, Luís de Sttau Monteiro, Eduarda Chiote, Alice Vieira, Margarida Rebelo Pinto e Fernando Assis Pacheco que, em 1990, regista no Livro de Honra as seguintes palavras: *"Já estou tão calhado no Grande Hotel que bem merecia ser considerado uma peça do mobiliário da casa. Tirando isso é isso mesmo: há longos anos que o Grande Hotel é a minha casa no Porto. Sinto-me nele como um pinto no ovo"*; e ainda António Lobo Antunes que, em 2004, apresenta, no Grande Hotel do Porto, o romance *Eu Hei-de Amar Uma Pedra*, celebrando o 25.º aniversário da sua carreira literária.

De salientar ainda que, ao longo da sua já vasta história, o Grande Hotel do Porto tem acolhido muitos outros hóspedes famosos das mais diversas áreas, como o Presidente da República General Óscar Carmona, que se desloca à cidade portuense para a inauguração da Exposição Colonial Portuguesa (1934). Nesta ocasião, é aberto o Livro de Honra, presentemente utilizado.

▲ **Figura 11 – Suite Eça de Queirós**
Fonte: Coleção Grande Hotel do Porto

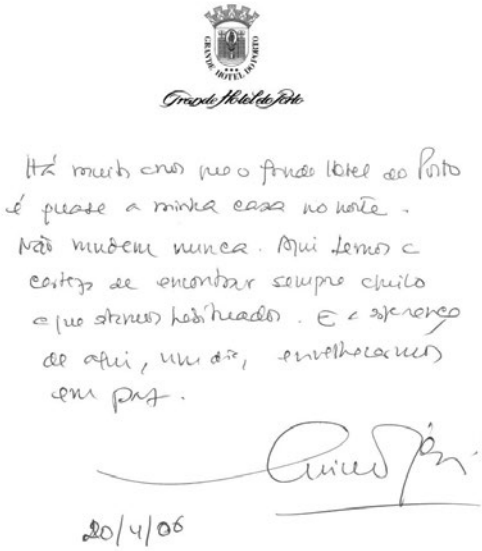
▲ **Figura 12 – Suite Eça de Queirós**
Fonte: Coleção Grande Hotel do Porto

Todavia, por este livro ser inaugurado apenas em 1934, não estão contemplados muitos dos nomes ilustres que passaram por este hotel, como é o caso do político e estadista Afonso Costa e do Presidente Sidónio Pais. Aliás, um dos episódios mais relevantes da história deste hotel é a detenção de Afonso Costa que aqui é preso, em 1917, após *"uma minuciosa busca em algumas dependências do hotel, sendo afinal encontrado e igualmente levado para o quartel-general"* (*O Commercio do Porto*, 1917), na sequência do golpe de Estado, protagonizado por Sidónio Pais que, tomando posse como Presidente, inicia, em 1918, a sua viagem presidencial. Principia pelo Norte do país: de 12 a 15 janeiro, visita o Porto e a chegada *"pelas 16h.30m. suscitou mensagens ainda mais enfáticas, falando-se da recepção entusiástica e de um concorrido cortejo desde S. Bento até ao Grande Hotel do Porto"*, sendo que, no dia 15, se realiza *"à noite e até altas horas da madrugada um baile,* no *Grande Hotel do Porto, organizado pelas damas da primeira sociedade portuense em honra do Chefe do Estado"* (Silva, 2006).

Ainda assim, no Livro de Honra, constam comentários de individualidades, como o historiador José Hermano Saraiva, o líder espiritual Dalai Lama, o maestro António Victorino de Almeida, o cantor Roberto Carlos, o político Alberto João Jardim, a pianista Maria João Pires e o cantor Pedro Abrunhosa, trineto do fundador.

Ficar no Grande Hotel do Porto significa, pois, mergulhar nesta história, cruzar-se com os que por aqui passaram, mover-se num ambiente único, num espaço privilegiado em termos patrimoniais, históricos e culturais.

Figura 13 – Corredor com memórias de hóspedes ilustres
Fonte: Coleção Grande Hotel do Porto



◂ **Figura 14 – Dedicatória de Luís de Sttau Monteiro**
Fonte: Coleção Grande Hotel do Porto

◂ **Figura 15 – Dedicatória de Alice Vieira**
Fonte: Coleção Grande Hotel do Porto

▴ **Figura 16 – Abertura do Livro de Honra pelo General Óscar Carmona**
Fonte: Coleção Grande Hotel do Porto

OUTROS AUTORES QUE SE HOSPEDARAM NO GRANDE HOTEL DO PORTO

- **Alice Vieira** (Lisboa, 1943): Escritora e jornalista. Considerada uma das mais importantes escritoras portuguesas de literatura infantojuvenil, as suas obras estão traduzidas em várias línguas, tendo recebido diversos prémios. Também tem publicado poesia, teatro e recolhas de histórias tradicionais.

- **António Lobo Antunes** (Lisboa, 1942): Escritor e psiquiatra. Destacado como médico militar durante a guerra colonial, esta experiência marca profundamente os seus primeiros romances. Dedica-se exclusivamente à literatura, desde 1985, sendo conhecido a nível nacional e internacional e tendo recebido diversos prémios.

- **Aquilino Ribeiro** (Sernancelhe, 1885–Lisboa, 1963): Escritor. Sobressaiu como ficcionista, autor dramático, cronista e ensaísta, deixando uma extensa obra, que abrange vários domínios, como o romance, as memórias, os estudos etnográficos e a literatura infantil. Em 1960, foi proposto para o Prémio Nobel da Literatura.

- **Eduarda Chiote** (Bragança, 1930): Escritora. Em 1975, foi editado o seu primeiro livro de poesia, *Esquemas*, seguindo-se outros volumes. Em 2006, recebeu o Prémio Teixeira de Pascoaes com *O Meu Lugar à Mesa*. Tem publicação dispersa por vários jornais, revistas e antologias.

- **Fernando Namora** (Condeixa-a-Nova, 1919–Lisboa, 1989): Escritor e médico. Autor de vasta obra, muitos dos seus textos foram adaptados ao cinema, como *Retalhos da Vida de Um Médico* (1949/1963). Para além de poesia e romances, escreveu contos, memórias, impressões de viagem e crítica.

- **Júlio Dantas** (Lagos, 1876–Lisboa, 1962): Escritor e político. Colaborou em jornais e revistas portugueses e estrangeiros, cultivando vários subgéneros literários: romance, conto, ensaio, poesia e teatro, onde alcançou os seus maiores êxitos. Alguns dos seus textos foram adaptados a óperas, operetas e cinema.

- **Luís de Sttau Monteiro** (Lisboa, 1926–Lisboa, 1993): Escritor e jornalista. Dramaturgo, encenador e romancista, ficou conhecido pela peça *Felizmente Há Luar* (1961), que ganhou o Grande Prémio de Teatro da Associação Portuguesa de Escritores.

- **Luísa Dacosta, pseudónimo de Maria Luísa Pinto dos Santos** (Vila Real, 1927–Matosinhos, 2015): Escritora e professora. Em 1970, escreveu *O Príncipe que Guardava Ovelhas*, distinguido pelo International Board on Books for Young People. A sua obra abrange ainda traduções, ensaios, crónicas e poesia.

- **Margarida Rebelo Pinto** (Lisboa, 1965): Escritora. Colaborou em várias publicações e, em 1999, publicou *Sei Lá*, que se torna *best-seller*, vencendo, nesse ano, o Prémio Literário Fnac. É uma das escritoras portuguesas mais famosas, dedicando-se, também, ao cinema e ao teatro.

- **Volodia Teitelboim** (Chillán, 1916–Santiago do Chile, 2008): Escritor e político chileno. Em 1935, publicou *Antologia da Nova Poesia Chilena*, juntamente com o poeta Eduardo Anguita. Seguiram-se biografias, memórias, ensaios, poesia e romances. Em 2002, recebeu o Prémio Nacional de Literatura do Chile.

BIBLIOGRAFIA

Aguiar, Maria Paula Brito Torres Peixoto de (2009). *Casas de "brasileiros" no norte de Portugal: Do Porto à ruralidade (1850-1930)* (Tese de Doutoramento). Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela. Consultado em https://dialnet.unirioja.es/servlet/tesis?codigo=110019.

Aurora, José de Sá Pereira Coutinho (1962). *Itinerário romântico do Porto*. Porto: Editorial Domingos Parreira.

Azevedo, Manuela (1981). *Guerra Junqueiro: A obra e o homem*. Lisboa: Arcádia.

Brochado, Alexandrino (1996). *Santa Catarina: História de uma rua*. Porto: Livraria Telos Editora.

"Detenções no Hotel do Porto" (9 dezembro 1917). *O Commercio do Porto*, LXIV, p. 1.

"Grande Hotel do Porto" (8 abril 1880). *O Commercio do Porto*, XXVII (92), p. 3.

"Grande Hotel do Porto" (5 julho 1919). *Revista de Turismo: Publicação Quinzenal de Turismo, Propaganda, Viagens, Navegação, Arte e Literatura*, IV (73).

"Grande Hotel do Porto" (2020). Consultado em https://www.grandehotelporto.com/pt-pt/.

Guimarães, Daniel Martins de Moura (1871). *Guia do amador de bellas-artes*. Porto: Typographia Commercial.

Matos, Alfredo Campos (2017). *Eça de Queiroz: Uma biografia*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Monteiro, Gomes (1944). *Vencidos da Vida: Relance literário e político da segunda metade do século XIX*. Lisboa: Romano Torres.

Oliveira, José Lopes (1955). *Guerra Junqueiro: A sua vida e a sua obra*. Vol. 2. Lisboa: Edições Excelsior.

Pacheco, Hélder (1984). *Porto*. Lisboa: Editorial Presença.

Pascoaes, Teixeira de ([1945] 1995). *Santo Agostinho: Comentários*. Lisboa: Assírio & Alvim.

Pires, Maria do Carmo Marques (2007). *O arquitecto José Geraldo da Silva Sardinha – Construtor de espaços de passagem, encontros e permanências*. In *Artistas e artífices e a sua mobilidade no mundo de expressão portuguesa: Actas do VII colóquio luso-brasileiro de história de arte* (pp. 349-357). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Queirós, Eça de ([1925a] 1983). *Correspondência*. Vol. 1. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

— ([1925b] 1983). *Correspondência*. Vol. 2. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Santos, José Rodrigues dos (2004). *A filha do capitão*. Lisboa: Gradiva.

Silva, Armando Malheiro da (2006). *Sidónio e sidonismo: História de um caso político*. Vol. 2. Coimbra: Imprensa da Universidade.

Unamuno, Miguel de (1907). *Manuscritos*. Madrid: Biblioteca Nacional de Espanha, pp. 28-30. Consultado em http://bdh.bne.es/bnesearch/biblioteca/Cartas%20de%20Miguel%20de%20Unamuno%20a%20Azor%C3%ADn%20%20%20/qls/Unamuno,%20Miguel%20de%20(1864%201936)/qls/bdh0000187087;-jsessionid=833937308401811CB646121927516331.

HOTEL MARY CASTRO

PORTO

Quero ir para a Foz. Vae commigo D. Anna Plácido. Precisamos dois quartos contíguos, e preferimos o hotel Mary Castro. Pode-se arranjar? Afora a espécie humana, vão commigo um criado e um cavallo. No mesmo hotel ha commodos para esta parelha? Quanto me custa o sustento dos quatro indivíduos? […] Logo que obtenha estes esclarecimentos avise-me, sim? Nós partiremos dois dias depois, se não houver exaggeração no preço.

É assim que Camilo Castelo Branco, em carta datada de 11 de agosto de 1878, pede a Alberto Braga (influente jornalista, contista e dramaturgo) que lhe forneça informações acerca das comodidades e dos custos da estada no Hotel Mary Castro, na Foz do Douro.

O amigo Braga corresponde ao solicitado e comunica-lhe os dados que obteve sobre o hotel: *"No primeiro andar, os quartos não são muito espaçosos; mas são os destinados para famílias. A mobília não é luxuosa; mas há nela o asseio britânico muito conhecido"*. Sublinha ainda a deferência com que a proprietária pretende tratar Camilo Castelo Branco: *"Disse-me Mary Castro que, atendendo a honra que o hotel recebe hospedando o primeiro romancista da península, pode, sem aumento de preço [1400 réis diários por pessoa], atapetar o quarto que escolher. Os quartos que mais convém a V. Exª e à Exmª Srª D. Ana Plácido são do primeiro andar, contíguos, sem comunicação interior; porque nenhum quarto da casa a tem"* (Cabral, 1989). A amabilidade de Mary Castro vai ao ponto de considerar isentá-lo do pagamento da taxa de 60 réis, devidos normalmente *"por cada garrafa de vinho que o hóspede desarolha, não sendo fornecida pelo hotel"*.

Sabe-se que Camilo Castelo Branco era um frequentador assíduo da Foz do Douro, local onde ambienta algumas das suas obras, e que, a partir de 1879, passaria a alojar-se com frequência neste hotel, de onde escreverá algumas das cartas que constituem o seu espólio epistolar. Numa dessas cartas, dirigida à sua amada Ana Plácido, pode ler-se: *"Fui para a Foz, Hotel Mary&Castro. É o quarto onde estivemos no 1º andar. Saudades"* (Castelo Branco, 1895).

Mary Castro, que dá nome ao hotel, torna-se uma ativa empresária no ramo da hotelaria portuense. De origem inglesa, partilha

laços familiares com o célebre tenor Frank de Castro, muito popular no Porto em meados do século XIX. Já em 1854 dirigia o prestigiado "English Hotel", na Baixa do Porto, um dos mais conceituados da cidade, onde se alojou, entre outras figuras de renome, o arquiteto inglês Barry Parker, responsável pelo projeto da Avenida dos Aliados. Inicialmente, abre portas na Rua da Reboleira, onde vai ganhando notoriedade, mudando-se depois para a Rua de Sampaio Bruno. Posteriormente, o edifício é ocupado pelo "Hotel Aliança" que coloca na fachada uma placa onde se podia ler: "Sucessor do English Hotel de Mary Castro".

Em 1864, estabelece uma filial do "English Hotel" na Foz do Douro, na Rua das Motas — o Hotel Mary Castro —, conhecido mais tarde como Mary Castro's English Hotel, famoso também pela sua cozinha inglesa e considerado um dos melhores hotéis da localidade, procurado por personalidades eminentes. Com efeito, veio a ser a acomodação preferida daqueles que, não tendo casa na Foz, desejavam passar uma temporada junto ao mar, por lazer ou por motivos de saúde. Ambos os espaços hoteleiros de Mary Castro, localizados em pontos estratégicos da cidade, enquadram-se na pujança empresarial que caracterizou a comunidade britânica portuense, com marcas no tecido social local.

Se a principal clientela dos hotéis de Mary Castro começa por ser de origem inglesa, rapidamente atrai clientes portugueses, nomeadamente uma certa elite literária e cultural. Assim acontece com diversos escritores com notoriedade no panorama português, tais como Camilo Castelo Branco, Júlio César Machado, Ramalho Ortigão, Raúl Brandão, António Nobre e José Rodrigues Miguéis.

Em carta datada de 3 de julho de 1899, António Nobre conta como tem tudo planeado para ir passar uns dias à Foz, alojando-se no Hotel Mary Castro, onde espera receber a visita do amigo Luiz Martins de Queiroz, destinatário da carta.

Raúl Brandão também passava temporadas alojado no mesmo hotel, de onde chegou a enviar carta, datada de 29 de julho de 1913, ao amigo Antero de Figueiredo, conhecido escritor seu coetâneo.

Também José Rodrigues Miguéis refere os dias que passou no Hotel Mary Castro, em carta dirigida ao amigo Luís da Câmara Reis, reconhecido intelectual fundador da revista *Seara Nova*.

Importa recordar que, no último quartel do século XIX, a zona da Foz do Douro apresentava já condições para se assumir como zona de veraneio, nomeadamente através da instalação de um parque ajardinado muito agradável, bem como da modernização de estradas e de transportes. Porém, Ramalho Ortigão considera que faltava praticamente tudo à Foz como estância balnear: *"A arte de empregar o tempo agradavelmente, rara em portugueses, é inteiramente desconhecida na Foz. Não há o estabelecimento dos banhos como nas praias francesas; […] não há sequer um club — um triste club — pelo menos em que as senhoras se reúnam de dia"* (Ortigão, 1876). E quanto às estruturas de restauração, refere que os *"restaurantes e as mesas redondas são apenas frequentadas pelos viajantes e pelos estrangeiros"* (Ortigão, 1876).

O restaurante do hotel chegou a ser palco de um encontro entre os amigos Bernardino Machado e Guerra Junqueiro, destacado apreciador da galinha que aqui era servida numa especialidade culinária cozinhada sob a orientação da própria Mary Castro, que procurava satisfazer sempre as preferências dos seus hóspedes.

Júlio César Machado também teve o privilégio de almoçar no Hotel Mary Castro quando, numa rápida visita ao Porto para visitar Camilo Castelo Branco na cadeia, se deslocou à Foz do Douro, onde viveu uma experiência inesquecível: *"Foi todo esse dia um dos mais alegres e entretidos da minha vida. O almoço era dado pelo nosso amigo Ricardo Browne no hotel inglez da Foz. Éramos todos rapazes; o cèo estava azul, o sol vivo e esplendido, as*

japoneiras erguiam-se no jardim, ao nosso lado mesmo, magnificas, prestigiosas, scintilantes, carregadas de camélias vermelhas, raiadas, brancas, — camélias como nunca as teve aquella infeliz heroina do drama e da novella, que delas tirou a triste celebridade do seu nome, talvez porque a sua delicadeza nervosa lhe não permittisse o perfume de nenhuma flor!…

Por entre as japoneiras, — e deixem que eu lhes conte que as camélias no Porto brotam em arvores mais altas e robustas que larangeiras — andava uma rapariga, decerto criada do hotel. Com quanto se visse que era uma mulher do povo, pelo seu traje, em toda ella respirava uma distincção finíssima, e não podia uma pessoa dispensar-se de admirar aquelle casto oval, aquelles olhos negros assombreados de longas franjas, e uma aristocracia de formas que parecia prometter nella um futuro de condessa!… […] um erro da sorte seria também, — quem adivinha? — o qué fez tão bella essa pobre rapariga da Foz, que parecia esconder-se entre as arvores, para nos espreitar sem ser vista, devorada de curiosidade por saber como é a voz dos rapazes da cidade, ou, mais ainda por ventura, por saber como lhes é a alma, ao escutar-nos sem a presentirmos!… " (Machado, 1862).

Ainda a propósito da excelência do hotel e do restaurante, o professor e historiador portuense Artur Magalhães Basto publicava, no jornal *O Primeiro de Janeiro* (1939), o seguinte episódio: *"Às onze horas da noite dum dia qualquer de 1872, entre outros passageiros trazidos da Capital, apeou-se […] uma distinta senhora inglesa"*. Interroga-se onde esta senhora inglesa, Lady Jackson, após ter sofrido uma experiência atroz num hotel no Porto, devido à falta de higiene e limpeza, inclusive com existência de percevejos, *"foi encontrar um hotel à altura das suas britânicas exigências de higiene, de conforto e de bom-gôsto? Mudou para a Foz! Escusado será acrescentar — embora a senhora o não diga expressamente — que o tal Hotel ideal era o de Mary Castro… Entusiasmada, a viajante escreveu: — «o meu hotel é bom e cómodo, e em tudo tão limpo quanto era sujo o outro onde pernoitei a primeira noite» — Et ce n'est pas peu dire…*

Figura 1 – Hotel Mary Castro
Fonte: Ed. "A Nossa Foz do Douro"

Figura 2 – Hotel Mary Castro
Fonte: *No Porto Romântico, com Camilo*

Com que visível satisfação ela passa então a elogiar os almoços e jantares que aí lhe davam! Classifica-os textualmente de «excelentes e esmeradamente servidos». Como deleitavam a sua sensibilidade delicada os ramilhetes de lindas flores, todos os dias renovados, que adornavam a grande mesa redonda, com a sua graça, a sua frescura, o seu perfume! Para os criados toda ela se desfaz em palavras de louvor: eram «destros, cuidadosos», e trajavam impecáveis «jalecas de linho branco». E as criadas?! Achava-as adoráveis e pitorescas, «com os seus coletes espartilhados e aventais brancos, lenços de pescoço azuis ou amarelos, flores no cabelo, grandes brincos e colares»; nos pés calçavam tamancos, mas deixavam-nos fóra da porta, quando iam arrumar os quartos. Numa palavra; tudo ali respirava aceio, ordem e bom-gôsto!".

Em 1907, Joaquim Leitão menciona que, em termos de equipamentos hoteleiros, não houve evolução significativa ao longo de cerca de trinta anos, relativamente à descrição de Ramalho Ortigão, mantendo-se o Mary Castro's English Hotel *"muito preferido por estrangeiros e portugueses de tratamento (e) é das melhores casas do género que há no Porto e no País"* (Leitão, 1907).

No final dos anos 30 do século XX, este tão carismático hotel seria leiloado, conforme noticiado com mágoa e saudade na imprensa local: *"Custa-me a crer que seja verdade! Acabar o Hotel Mary Castro, êsse Hotel tão cheio de recordações, de que sempre ouvi falar, e tão ligado à vida da Foz que a sua história constitui por certo, desde que haja quem a saiba contar, um dos capítulos mais interessantes da crónica elegante daquela praia encantadora!"* (Basto, 1939).

OUTROS AUTORES QUE SE HOSPEDARAM NO HOTEL MARY CASTRO

- **António Nobre** (Porto, 1867–Foz do Douro, 1900): Formado em Direito, poeta simbolista, decadentista e saudosista, representa a geração literária do final do século XIX.

- **Guerra Junqueiro** (Freixo de Espada à Cinta, 1850–Lisboa, 1923): Poeta, escritor, jornalista, deputado, político. Chegou a ser embaixador de Portugal na Suíça. Poeta panfletário, a sua poesia ajudou a criar o ambiente revolucionário que conduziu à implantação da República.

- **José Rodrigues Miguéis** (Lisboa, 1901–Nova Iorque, 1980): Formado em Direito, pedagogo e escritor português, integrou o grupo «Seara Nova». Em rutura com o Estado Novo, exilou-se em Nova Iorque, onde trabalhou como tradutor e redator das Selecções do Reader's Digest.

- **Lady Jackson, pseudónimo de Catherine Hannah Charlotte Elliott** (Yorkshire [?] 1824–Bath, 1891): Aristocrata inglesa, viúva do diplomata Sir George Jackson, desembarcou em Lisboa, vinda de Londres, em julho de 1873, para empreender uma viagem de três meses, visitando diversos lugares de Portugal. De regresso a Inglaterra, publicou, no ano seguinte, a obra *Fair Lusitania*, que, três anos depois, viria a ser traduzida por Camilo Castelo Branco.

- **Raúl Brandão** (Foz do Douro, 1867–Lisboa, 1930): Militar, jornalista e escritor português, destacou-se pelo realismo das suas descrições e pelo lirismo da linguagem, revelando-se elemento ativo da Geração de 90.

BIBLIOGRAFIA

Basto, Artur de Magalhães (10 novembro 1939). "O Hotel Mary Castro vai acabar?", *O Primeiro de Janeiro*, pp. 1 e 3.

Brandão, Raúl. Carta [manuscrita], datada de 29 de julho de 1913, dirigida a Antero de Figueiredo.

Briz, Maria da Graça Gonzalez (2003). *A vilegiatura balnear marítima em Portugal (1870-1970): Sociedade, arquitectura e urbanismo* (Tese de Doutoramento). Vol. II. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.

Cabral, Alexandre (1989). Hotel Mary Castro. In *Dicionário de Camilo Castelo Branco* (pp. 319-320). Lisboa: Editorial Caminho.

Castelo Branco, Camilo (1895). *Cartas de Camilo Castelo Branco*. Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão.

Fernandes, José Alberto Rio e Martins, Luís Paulo Saldanha (1989). *Fragmentos de um século de vida dos cafés, restaurantes e hotéis do Porto*. Comunicação apresentada no Congresso «O Porto na época contemporânea». Consultado em https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/23648/2/luispaulomartinsfragmentos000096386.pdf.

Hotel Mary Castro, Ed. "A Nossa Foz do Douro" (Agostinho Barbosa Pereira). Consultado em http://portodeantanho.blogspot.com.

Leitão, Joaquim (1907). *Guia illustrado da Foz, Mattosinhos, Leça e Lavadores*. Porto: Magalhães e Moniz.

Machado, Júlio César (1862). *Scenas da minha terra*. Lisboa: Ed. José Maria Correa Seabra.

Miguéis, José Rodrigues. Carta [manuscrita], (1928-1938), dirigida a Luís da Câmara Reis. In Ferreira, Manuel (1988). *Catálogo da preciosa colecção de manuscritos reunida pelo poeta Alberto de Serpa*. Lisboa: Soares & Mendonça, Lda.

Nobre, António. Carta [manuscrita], datada de 3 de julho de 1899, dirigida a Luiz Martins de Queiroz. In *Correspondência* (1982) (Org., introd. e notas de Guilherme de Castilho. 2ª ed., ampliada e revista) (p. 445). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Ortigão, Ramalho (1876). *As praias de Portugal: Guia do banhista e do viajante*. Porto: Magalhães e Moniz.

Pereira, Gaspar Martins (1997). *No Porto romântico, com Camilo*. Porto: Casa Comum/«O Progresso da Foz»/Casa de Camilo.

BUSSACO PALACE/PALACE HOTEL DO BUÇACO

LUSO, MEALHADA

Começaram a subir a mata, por um pequeno carreiro tortuoso que ia ter às ruínas do convento […] [que,] com suas velhas pedras forradas de musgo e folhas de hera, tinham um ar sereno bucólico e fora do tempo. De cima das paredes esboroadas avistava-se a paisagem de florestas sem fim […]. Por uma clareira via-se lá em baixo o Palácio Hotel, com seu jardim colorido como a paleta de um pintor.

É assim que Branquinho da Fonseca, no romance *Porta de Minerva* (1947), nos apresenta o Buçaco, espaço através do qual somos guiados pelo protagonista desta obra, Bernardo Cabral. Esta primeira imagem do Buçaco que nos é proporcionada por uma descrição quase cinematográfica de Branquinho da Fonseca permite-nos penetrar na densa vegetação e desvendar os tesouros que esta oculta, fazendo jus à policromia dos jardins de bucho, geometricamente desenhados à volta de pequenos lagos, fontes e canteiros floridos, que embelezam o cenário em que se enquadra o Palace Hotel do Buçaco/Bussaco Palace.

Na verdade, Martin Hume, em *Through Portugal* (1907), após uma descrição do palácio tão ou mais deslumbrada que a que nos oferece Branquinho da Fonseca, referindo o hotel como *"provavelmente o mais bonito hotel da Europa, certamente o melhor da Península"*, acrescenta que: *"Para o hotel-palácio, o salão de baile, e todas as outras atrações adicionais, são apenas incidentes subsidiários do paraíso terrestre que o rodeia, emoldurado por uma alta parede de granito com seis mil metros de circunferência […]. Descrever em detalhe as belezas do Buçaco é impossível no espaço que tenho à minha disposição"*.

Localizado na zona Centro de Portugal (distrito de Aveiro, concelho da Mealhada, freguesia do Luso), este hotel está inserido na Mata Nacional do Buçaco, que se constitui como um conjunto arquitetónico, botânico e paisagístico único na Europa.

O Palace Hotel do Buçaco é considerado um dos mais belos, românticos e históricos hotéis do mundo e proporciona ao visitante a experiência única de se hospedar num verdadeiro palácio real de finais do século XIX.

Em 1881, já era explorada a Hospedaria Monumental da Matta do Buçaco, com alojamentos e um restaurante a funcionarem em anexos do Convento de Santa Cruz do Buçaco. Antero de Figueiredo, no capítulo que dedicou ao Buçaco na sua obra de 1918, *Jornadas em Portugal*, refere: *"Ainda conheci o Bussaco humilde, com uma única hospedaria modesta onde se albergavam os raros visitantes que subiam à serra, a passar horas suaves na paz de floresta religiosa, e horas de elevação nos panoramas das Portas de Coimbra, das de Sula, e da Cruz-Alta"*.

O Palace Hotel do Buçaco foi edificado, entre 1888 e 1907, como palácio real para os últimos reis de Portugal. Tornou-se o local de veraneio de eleição, constando inclusive que terá servido de cenário idílico para o último verão de D. Manuel II em Portugal, na companhia de uma atriz e corista francesa, Gaby Desly, por quem se apaixonara em Paris. E, a propósito da ligação deste espaço à monarquia portuguesa, refira-se que foi aqui que teve lugar a sua última cerimónia oficial — a comemoração do centenário da Batalha do Buçaco, no dia 27 de setembro de 1910. Uma semana depois, caía a Monarquia, era implantada a República e o rei partia para o exílio.

Em 1917, o edifício foi (re)inaugurado como hotel de luxo. Foi sendo ampliado e remodelado desde então, contando atualmente com sessenta quartos e quatro suites alusivas às origens monárquicas, designadas D. Manuel, D. Luís, Rainha D. Amélia e Suite Real D. Carlos.

Este luxuoso hotel de cinco estrelas é gerido pela terceira geração de descendentes de Alexandre de Almeida, o primeiro grande industrial hoteleiro português e o criador do Palace Hotel do Buçaco enquanto hotel de luxo.

Considerado Imóvel de Interesse Público a partir de 1943, tendo em conta o património histórico, cultural, ambiental, religioso e militar, o conjunto constituído pelo Palace Hotel

Figura 1 – Jardins do Bussaco Palace
Fonte: Coleção Palace Hotel do Buçaco

Figura 2 – Acesso ao Palace Hotel do Buçaco
Fonte: Coleção Palace Hotel do Buçaco

do Buçaco e a mata envolvente, incluindo as capelas e ermidas, Cruz Alta e Convento de Santa Cruz, foi classificado como Monumento Nacional, em 2017. Em 2018, foi distinguido pelo Word Luxury Hotel Awards como o melhor hotel castelo de luxo da Europa, através de uma votação que contou com cerca de 300.000 viajantes e profissionais do setor, a que se seguiu a distinção "Luxury Castle Hotel of the Year 2019", igualmente nos World Luxury Awards. Também em 2020, o Palace Hotel do Buçaco voltou a ser nomeado para três categorias em competição nos World Luxury Awards — de hotel histórico, de hotel castelo e de hotel "heritage" —, tendo sido novamente premiado com o galardão European Win in Luxury Castle Hotel, que o fez manter o prestigioso estatuto já alcançado em 2019. Em 2021, entrou no Top 4 "Best Luxury Hotels in Portugal" pela Luxury Lifestyle Awards.

Fernando Dacosta, em *O Botequim da Liberdade* (2013), quase replicando as palavras de José Saramago e de Jaime Cortesão, diz-nos que: *"Há quem considere o Buçaco único na Europa. Subi-lo devagar, vencer as suas fronteiras (a entrada faz-se-lhe por sete portas), percorrer o Vale dos Fetos, sentir a frescura dos ciprestes e dos freixos, beber na bica da Samaritana, afagar o cedro de São José (plantado em 1644), parar na Varanda de Pilatos, junto às estátuas de terracota, é uma experiência transfiguradora. A musicalidade atinge nele ressonâncias de salmos de David, de sinfonias de Haydn. À distância, o Grande Hotel parece um transatlântico a vogar sob acordes de Siegfried em oceano de verdura. O seu perfil de ópera (o arquiteto que o construiu, Luigi Manini, era coreógrafo em São Carlos) agiganta-se como uma Belém fantástica, sob torreões, estátuas, cornijas, chaminés, painéis, ribaltas"*.

Trata-se de uma descrição que faz justiça ao palácio, em estilo neomanuelino, que é exemplo da moda arquitetónica da época em que foi projetado e construído, e que pretendeu ser um hino nacionalista à Epopeia dos Descobrimentos Portugueses, celebrando também a Batalha do Buçaco. Como refere Dacosta, o

Figura 3 – Suite Real
Fonte: Coleção Palace Hotel do Buçaco

projeto é da responsabilidade do arquiteto italiano Luigi Manini, cenógrafo do Teatro Nacional de São Carlos, tendo contado ainda com intervenções, em diferentes fases, dos arquitetos Nicola Bigaglia, Manuel Joaquim Norte Júnior e José Alexandre Soares. A estrutura apresenta elementos recolhidos da Torre de Belém, lavrados em pedra de Ançã, motivos do claustro do Mosteiro dos Jerónimos, bem como alguns arabescos e florescências do Convento de Cristo de Tomar. José Saramago, passando por aqui na sua *Viagem a Portugal* (1981), reconhece *"como bem cinzelada está esta pedra, como são bem lançadas as salas e cómodas as cadeiras, como tudo está disposto para o conforto"*.

Com efeito, o mobiliário, além de preparado para garantir o bem-estar aos hóspedes, prima pela sumptuosidade, incluindo peças portuguesas, indo-portuguesas e chinesas, realçadas por faustosas tapeçarias. Destacam-se notáveis obras de arte de grandes mestres portugueses da época: graciosas esculturas de António Gonçalves e de Costa Motta Sobrinho; pinturas de António Ramalho, Carlos Reis e João Vaz; e a coleção de painéis de azulejos, de índole historicista e nacionalista, de Jorge Colaço, evocando temas da literatura portuguesa, nomeadamente *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões, os autos de Gil Vicente e *Menina e Moça*, de Bernardim Ribeiro, bem como a Batalha do Buçaco, episódio local da Guerra Peninsular que marca a primeira derrota do exército napoleónico em terras portuguesas.

Destaque ainda para o Salão Nobre e para a Sala de Leitura, onde os hóspedes podem descansar e ler. A majestosa Sala de Jantar do Palácio, outrora cenário de importantes banquetes reais, é hoje em dia um dos melhores e mais refinados restaurantes de Portugal, quer quanto ao serviço, quer especialmente quanto à cozinha portuguesa reinventada que propõe e, ainda, quanto à sua garrafeira própria, de renome mundial.

Fernando Dacosta, na anteriormente referida obra *O Botequim da Liberdade*, e a propósito do passeio que fez ao Buçaco com

Figura 4 – Salão Nobre
Fonte: Coleção Palace Hotel do Buçaco

Figura 5 – Escadaria
Fonte: Coleção Palace Hotel do Buçaco

Natália Correia, refere, com graça, que neste restaurante *"almoçamos divinamente a convite do director do hotel, admirados ambos por Natália — o director e o hotel."* Além disso, o espaço do restaurante serve também de cenário a um dos momentos da crónica «Amacord», integrada na obra de Miguel Sousa Tavares, *Não te Deixarei Morrer, David Crockett* (2001). Segundo o autor, a cena reporta-se ao mês de junho de 1995, provavelmente aquando da deslocação de Hélène de Beauvoir a Aveiro, onde a pintora realizou uma exposição de pinturas a óleo e desenhos de paisagens e cenas da vida quotidiana, particularmente protagonizadas por mulheres, pintadas durante o período em que residiu no Algarve, durante a Segunda Guerra Mundial. Sentado no restaurante do palácio, o narrador avista Hélène de Beauvoir e confidencia: *"O que quer que tenha sido decisivo na vida daquela mulher, com quem eu falava, só podia ter sido uma história de amor. Percebi isso assim que a vi entrar na varanda do Hotel do Buçaco, onde almoçava sozinho. Ela entrou, vestida com um vestido leve e claro, rodeada de um grupo de pessoas, uns com ar de estrangeiros, outros portugueses, que falavam com ela em francês. Ela deslizou para a mesa, como um cisne desliza sobre águas quietas de um lago, era uma tarde de Verão, havia uma brisa fresca no ar, em frente estava a Montanha Mágica e eu pensei que há muito tempo que não via uma mulher tão bonita como aquela"*.

Esta e outras presenças glamorosas terão contribuído para sublinhar a beleza extraordinária do hotel e a exuberância natural da mata circundante que não têm escapado à observação literária de vários autores que nele se hospedaram e a eles se referiram em diversos registos. Com efeito, o Palace Hotel tem recebido inúmeros hóspedes ilustres, entre os quais muitos relacionados com as artes e as letras nacionais e internacionais. Refira-se, por exemplo, Luigi Pirandello, Gabriela Mistral, Agatha Christie, Miguel de Unamuno, Mircea Eliade, Suzanne Chantal e Philippe Soupault.

De acordo com a escritora Suzanne Chantal (1966), *"foi desde logo uma moda. Ia-se ao Buçaco para ver e ser visto […]. Depois*

Figura 6 – Floreira, varanda do Salão de Jantar
Fonte: Coleção Palace Hotel do Buçaco

do jantar, jogava-se jogos de todos os tipos: jogos de palavras e jogos de papel, além de cartas e bilhar. Não faltava talento na sala de estar para tocar piano, ou cantar canções sentimentais e compor rimas românticas, tudo em louvor à água e às árvores e ao céu, e ao silêncio celestial da noite". Por sua vez, o escritor, poeta, jornalista e ativista político francês Philippe Soupault (1981) confessa: *"Quando entrei neste bosque e neste hotel, tive a impressão de que ia descobrir um segredo, o segredo de Portugal […]. Bussaco é um dos lugares de Portugal, um dos lugares do mundo, onde o ser humano pode elevar-se para lá do quotidiano até ao eterno, onde o ser humano se sente orgulhoso de pertencer à raça humana. No Bussaco, no alto da colina, na clareira do bosque, o poeta que era e sou aceitava a grandeza e a potência do seu destino de homem"*.

Sabe-se ainda que o escritor Valery Larbaud esteve em Portugal de 26 de janeiro a 7 março de 1926, sendo que, no primeiro mês, ficou hospedado na capital portuguesa e, a 26 de fevereiro, partiu à descoberta da província, instalando-se no Buçaco, onde terá escrito a obra *200 Chambres, 200 Salles de Bains* (1927), em torno do conceito de viagem e da experiência de hotel.

Refira-se igualmente a passagem pelo Palace Hotel do Buçaco de grandes nomes das letras nacionais como Júlio Dantas, Teixeira de Pascoaes, Antero de Figueiredo, Miguel Torga, Jaime Cortesão, Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Natália Correia, Fernando Dacosta, José Saramago, Maria Teresa Horta, Vitorino Nemésio, David Mourão-Ferreira e Pedro Paixão, entre outros.

A propósito da relação de Miguel Torga com este espaço, foi aqui que comemorou as bodas de ouro da conclusão do curso de Medicina, no dia 18 de junho de 1983, tendo inscrito no seu diário, provavelmente inspirado pela mata circundante, que *"o tempo já nos fez compreender a exemplaridade de certos comportamentos, e que basta às vezes a sombra dum cedro e uma nesga de infinito para encher uma alma"* (volume XIV do *Diário*).

Para outro grande nome da literatura portuguesa, Maria Teresa Horta, a inspiradora Mata do Buçaco foi o cenário propício para dar início à sua carreira de poeta. Numa entrevista dada em 2014, explica *"um dia vou com o meu pai, as minhas irmãs e a minha madrasta para o Hotel do Buçaco passar dois ou três dias, acordo muito cedo — sempre acordei, antes de toda a gente, até hoje —, saio com papel e lápis e escrevo o meu primeiro poema na mata do Buçaco. Foi uma descoberta incomparável, uma liberdade…"*.

A Mata Nacional do Buçaco, referida por Maria Teresa Horta, encontra-se no sopé da serra e estende-se por terras que no século VI pertenciam ao Mosteiro Beneditino da Vacariça. Plantada e murada pela Ordem dos Carmelitas Descalços no 1.º quartel do século XVII, esta mata surge como resposta à aspiração da Ordem de criar na região um deserto espiritual, no qual a reclusão absoluta do mundo exterior viabilizasse uma vida austera e silenciosa, inteiramente dedicada à contemplação e à meditação. Por forma a garantirem o seu perfeito isolamento, os frades construíram um muro de cerca de três metros de altura à volta do seu domínio monacal, circunscrevendo dessa forma e, ao longo de seis quilómetros, o atual perímetro da mata. Esta imensa floresta, de 105 hectares, possui espécies vegetais do mundo inteiro, muitas delas gigantescas, e proporciona inúmeros e inesquecíveis passeios pedestres em contacto estreito com a natureza. Foi, portanto, esta a origem da construção do Convento de Santa Cruz e de um trabalho de séculos na criação de um frondoso bosque que representaria simultaneamente o Monte Carmelo, no qual a Ordem havia sido fundada, e o "Paraíso Terrestre". De facto, os encantos da Mata do Buçaco são referidos por inúmeras figuras de relevo das letras portuguesas, tais como Antero de Quental, Ramalho Ortigão e Bulhão Pato, entre outros.

Na vida real, como na literatura, o fascínio que o Palace Hotel do Buçaco exerce é indissociável da magia do espaço envolvente que o complementa. Uma magia e um mistério à altura da mundialmente famosa escritora de romances policiais, Agatha

Christie, que passava temporadas no Hotel do Buçaco, em descanso e quando acompanhava o marido, um conceituado arqueólogo, a Conímbriga. Crê-se até que Agatha Christie aqui terá escrito parte do seu mais conhecido romance, *Um Crime no Expresso do Oriente* (1934), na origem de várias adaptações teatrais e cinematográficas. O fascínio desta autora pelo hotel, onde gostava de beber chá chinês e comer maçãs verdes enquanto escrevia, e pela inspiradora mata envolvente, constitui o mote que levou Luísa Monteiro de Sá a transformá-la em protagonista do seu romance *Agatha Christie e o Fantasma do Bosque Sagrado* (2004), merecedor do Prémio Nacional de Literatura *Lions* de Portugal. Numa alusão à última estada da escritora no Palace Hotel do Buçaco, em junho de 1965, presta-se-lhe homenagem.

Para além da referência a Agatha Christie, a obra de Luísa Monteiro de Sá menciona um aspeto frequentemente elogiado neste hotel, a cozinha. A sua obra dá a conhecer algumas das iguarias então confecionadas no hotel e servidas aos hóspedes, tais como Canja de Ave-do-Paraíso do Buçaco, Mousse de *Foie Gras en Bellevue*, Pernas de Peru assadas à Portuguesa, Sorvete da Fonte Fria ou Pingos de Tocha do Convento, entre muitas outras.

No Palace Hotel do Buçaco, a beleza natural alia-se à do edifício, à da decoração de interiores, à excelência do serviço e ao riquíssimo património arquitetónico e cultural envolvente, nomeadamente aos jardins e ao parque; ao Convento de Santa Cruz do Buçaco; ao Deserto monacal; ao Sacromonte que simboliza Jerusalém e a paixão de Cristo, com os passos da Via Sacra; a Cruz Alta; as inúmeras ermidas e capelas; o Vale dos Fetos e os seus lagos; a Fonte Fria com a cascata artificial, de forte influência italiana, e os miradouros românticos. Como explicam Ann Bridge e Susan Lowndes, em *Duas Inglesas em Portugal – Uma Viagem pelo País nos Anos 40* (2009): *"Os ciprestes do Buçaco, famosos para os botânicos e peritos em árvores de todo o mundo, erguem-se num espaço murado com vários quilómetros de extensão na encosta sul da serra e, à sua maneira, são mais românticos do que qualquer batalha. A teoria geralmente aceite sobre a sua origem indica que os monges adquiriram as sementes no século XVI a uma comunidade irmã no México e plantaram-nos no meio da luxuriosa vegetação da floresta nativa de carvalhos, sobreiros, folhados, mimosas e urzes, que já revestiam a encosta e ainda hoje se mantêm. Mas a sua dimensão, a sua raridade e a beleza extrema da sua forma e folhagem tornaram-nos famosos, tão famosos que, em 1643, o papa Urbano VIII publicou uma Bula ameaçando de excomunhão toda e qualquer pessoa que entrasse no terreno murado e cortasse ou danificasse «As Árvores do Buçaco»".*

Para além da beleza natural, da beleza arquitetónica e da aura criada pela dimensão histórica deste espaço, existe uma dimensão transcendental a considerar, que resulta não só das marcas deixadas pelos Carmelitas, mas do conjunto de todos estes aspetos que aqui transportam o ser humano para um espaço de meditação e de encontro com a natureza, consigo próprio e, eventualmente, com Deus, como sugere o testemunho de Natália Correia sobre Antero de Quental registado por Fernando Dacosta: *"Antero ia a pé de Coimbra, mais de trinta quilómetros, e embrenhava-se na mata como num claustro. Ajoelhava-se junto das capelas, pregava aos que passavam, esquecia-se do tempo"*.

Desta dimensão religiosa, ou transcendental, nos dá conta Bernarda Ferreira de Lacerda, conhecida como "a décima musa portuguesa". A poeta publicou, em 1634, *Soledades de Buçaco* para celebrar o "deserto" carmelita do Buçaco vedado às mulheres. Através dos seus poemas, Bernarda revelou o espaço proibido às freiras do convento de Santo Alberto de Lisboa, a quem dedica o livro, e sublinhou a feminilidade da paisagem e a fertilidade do lugar, personificando a floresta como mulher.

O ano de 1834 assinala a extinção das ordens religiosas em Portugal, momento em que a mata, que Miguel Sousa Tavares refere como sendo *"a mais bonita mata de Portugal"*, foi nacionalizada,

permitindo ao cidadão comum transpor as suas portas e admirar um arboreto único na Europa, até então reservado aos frades.

De facto, a Mata do Buçaco constitui, do ponto de vista botânico, um dos mais valiosos patrimónios naturais do país, capaz de proporcionar vivências e sensações imperdíveis, indescritíveis e até indizíveis. Aliás, José Saramago, em *Viagem a Portugal*, assegura que o viajante *"não sabe exprimir mais do que um silencioso pasmo diante da explosão de troncos, folhas várias, hastes, musgos esponjosos, que se agarram às pedras ou sobem pelos troncos acima e quando os segue com os olhos dá com o emaranhado das ramagens altas tão densas que é difícil saber onde acaba esta e começa aquela. A mata do Buçaco requer as palavras todas e estando ditas elas, mostra como ficou tudo por dizer. A mata do Buçaco não se descreve. O melhor ainda é perder-nos nela […]"*. Sugestão que deixamos aos que, como os escritores referidos ao longo deste texto, optarem por desfrutar da magia do Palace Hotel do Buçaco, propondo que o façam acompanhados dos textos literários que referem mata e hotel, num apelo à imaginação que permita visualizar a presença nestes espaços dos muitos escritores que aqui se hospedaram e por aqui deambularam.

OUTROS AUTORES QUE SE HOSPEDARAM NO BUSSACO PALACE/PALACE HOTEL DO BUÇACO

- **Agatha Christie** (Torquay, 1890–Wallingford, 1976): Romancista, contista, dramaturga e poeta inglesa, destacou-se no subgénero romance policial.

- **António Ferro** (Lisboa, 1895–Lisboa, 1956): Escritor, jornalista, político e diplomata português, considerado o grande dinamizador da política cultural do Estado Novo e fundador do Secretariado de Propaganda Nacional (SPN).

- **Carolina Michaëlis de Vasconcelos** (Berlim, 1851–Porto, 1925): Crítica literária, escritora, lexicógrafa, professora universitária, lusitanista e hispanista alemã. Primeira mulher a lecionar numa universidade portuguesa, na Universidade de Coimbra, e uma das duas primeiras a entrar na Academia das Ciências. Mediadora entre a cultura portuguesa e a cultura alemã.

- **David Mourão-Ferreira** (Lisboa, 1927–Lisboa, 1996): Poeta, ficcionista, ensaísta, crítico literário, dramaturgo e tradutor, foi também professor catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Desempenhou ainda as funções de secretário de Estado da Cultura. Foi por ele assinado, em 1977, o despacho que criou a Companhia Nacional de Bailado.

- **Gabriela Mistral, pseudónimo de Lucila de María del Perpetuo Socorro Godoy Alcayaga** (Vicuña, 1889–Nova Iorque, 1957): Poeta, educadora, diplomata e feminista chilena, agraciada com o Nobel da Literatura de 1945.

- **Jaime Cortesão** (Ançã/Cantanhede, 1884–Lisboa, 1960): Médico, político, professor, escritor e historiador, foi um intelectual destacado no panorama cultural português.

- **Júlio Dantas** (Lagos, 1876–Lisboa, 1962): Escritor, médico, político e diplomata, que se distinguiu como um dos mais conhecidos intelectuais portugueses do início do século XX.
- **Luigi Pirandello** (Agrigento, 1867–Roma, 1936): Poeta e romancista siciliano, que se destacou como dramaturgo e renovador do teatro, com profundo sentido de humor e grande originalidade.
- **Miguel de Unamuno** (Bilbau, 1864–Salamanca, 1936): Ensaísta, romancista, dramaturgo, poeta e filósofo espanhol.
- **Mircea Eliade** (Bucareste, 1907–Chicago, 1986): Professor, cientista das religiões, mitólogo, filósofo e romancista romeno, naturalizado norte-americano.
- **Natália Correia** (São Miguel, 1923–Lisboa, 1993): Escritora, poeta, romancista, dramaturga e ensaísta, com atividade política.
- **Pedro Paixão** (Lisboa, 1956): Catedrático, romancista, contista e cronista, escreveu obras hospedado em retiro de escrita no hotel.
- **Teixeira de Pascoaes, pseudónimo de Joaquim Pereira Teixeira de Vasconcelos** (Amarante, 1877–Amarante, 1952): Poeta, escritor e filósofo, um dos principais representantes do Saudosismo.
- **Valery Larbaud** (Vichy, 1881–Vichy, 1957): Romancista, ensaísta e tradutor francês. Viajou pela Península Ibérica, interessando-se pelas literaturas espanhola e portuguesa.
- **Vitorino Nemésio** (Praia da Vitória, 1901–Lisboa, 1978): Poeta, romancista, cronista, académico e intelectual açoriano, foi também professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

BIBLIOGRAFIA

Anacleto, Regina (2004). "Palace-Hotel: Projectos de construção". In *Monumentos*, n.º 20, pp. 64-73. Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

Bridge, Ann e Lowndes, Susan (2009). *Duas inglesas em Portugal – Uma viagem pelo país nos anos 40*. Lisboa: Quidnovi.

Castro, Augusto Mendes Simões de (1896). *Guia historico do viajante no Bussaco: Com estampas e um mappa*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Chantal, Suzanne (1966). *Bussaco*. Lisboa: Casa Portuguesa.

Cortesão, Jaime ([1966] 1987). "A elegia mística do Buçaco". In *Portugal, a terra e o homem* (pp. 133-135). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Dacosta, Fernando (2013). *O botequim da liberdade*. Lisboa: Casa das Letras.

"É português o melhor hotel castelo de luxo da Europa" (2020). Consultado em https://ncultura.pt/melhor-hotel-castelo-de-luxo-da-europa/.

Ferro, Rita (2016). *António, um homem por amar*. Lisboa: Dom Quixote.

Figueiredo, Antero (1918). "Bussaco". In *Jornadas em Portugal* (pp. 338-376). Lisboa: Aillaud e Bertrand.

Fonseca, António José Branquinho da ([1947] 2010). *Porta de Minerva*. *Obras completas II*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Horta, Maria Teresa (2014). Consultado em https://www.noticiasmagazine.pt/2014/mariateresa-horta/historias/9263/.

Hume, Martin (1907). *Through Portugal*. London: E. Grant Richards.

"Palace Hotel do Buçaco" (2011). Consultado em http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/sipa.aspx?id=5687.

Sá, Luísa Monteiro de (2004). *Agatha Christie e o fantasma do bosque sagrado*. Lisboa: Âncora Editora.

Saramago, José (1981). *Viagem a Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores.

Soupault, Philippe (1981). *Mémoires de l'oubli (1927-1933)*. Paris: Gallimard.

Tavares, Miguel Sousa (2001). *Não te deixarei morrer, David Crockett*. Lisboa: Oficina do Livro.

HOTEL QUINTA DAS LÁGRIMAS

COIMBRA

Depois de atravessarem o portão, tinham contornado a grande casa amarela e caminhavam através do jardim, onde cresciam árvores enormes de troncos grossíssimos e copas espessas. Os raios de Sol, coados através da folhagem, criavam uma atmosfera de sombras ondulantes, muito misteriosa. […]

— Que bonito!

***— Parece um jardim mágico* (Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada, *Uma Aventura na Quinta das Lágrimas*, 1999).**

A magia do jardim que encantou estes jovens aventureiros e a história de (des)amor que lhe está associada tem dado origem a muitas histórias que acompanham a história deste lugar. Com efeito, ao visitarmos o espaço, que manteve o espírito romântico aquando da notável adaptação a hotel em 1995, somos imediatamente seduzidos pelas belezas que o jardim medieval e o jardim romântico nos proporcionam, transportados para o refúgio amoroso de Pedro e Inês, bem como para o seu fim trágico. Este episódio, que acentua a nostalgia do lugar, vai servir de inspiração a poemas, romances, contos, novelas, bandas desenhadas, narrativas de viagem, peças de teatro, bailados, óperas e artes plásticas. António Ferreira, Voltaire, Victor Hugo, Ezra Pound, Stendhal, António Feliciano Castilho, Almeida Garrett, Serpa Pimentel, Luís Augusto Palmeirim, Soares de Passos, João de Lemos, Agustina Bessa-Luís, Manuel Alegre, Maria Leonor Machado de Sousa, Henri Montherlant, Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada são alguns dos escritores que imortalizaram a lenda, deslumbrando-se com as belezas paisagísticas do local.

"Introduzida na literatura logo no início de Quinhentos, a paisagem tornar-se-á um elemento estruturante do mito inesiano" (Bule, 2017) que perdura até aos nossos dias. A natureza (o cenário bucólico da história) é tratada pelos escritores como *locus amoenus*, mas também como *locus horrendus*, ajudando a compor um quadro que pretendem quase sempre dramatizado.

São muitos os viajantes que, na segunda metade do século XVIII e na primeira metade do século XIX, passam por Coimbra e descrevem minuciosamente o arvoredo luxuriante, apreciam deleitados o som acolhedor das águas e o cheiro inebriante

Figura 1 – Entrada principal – Hotel Quinta das Lágrimas
Fonte: Coleção Hotel Quinta das Lágrimas

Figura 2 – A exuberância da vegetação
Fonte: Coleção Hotel Quinta das Lágrimas

Figura 3 – Cenário bucólico do Hotel Quinta das Lágrimas
Fonte: Fotografia de Pedro Aboim (2011)

da profusão de flores. Na viagem que realizam a Portugal, em finais do século XVIII, o Conde Hoffmansegg e Johann Heinrich Friederich Link, botânicos, deixam-nos uma impressiva e bucólica descrição, que ainda hoje nos enternece pela valorização das belezas naturais, cenário da história dos trágicos amantes: *"Inez e Don Pedro pareciam conhecer bem as belezas da natureza, ao escolher este belo local, onde Coimbra se apresenta em toda a sua magnificência. A Quinta das Lágrimas oferece no vale um espaço favorável ao espírito romântico, e se, em Portugal, a poesia aparece também, de tempos a tempos, em todo o seu esplendor, é a este belo vale que estamos em dívida"* (Link e Hoffmansegg, 1808).

A antiga Quinta do Pombal, propriedade da ordem monástica dos frades de Santa Cruz, viu o seu nome alterado para Quinta das Lágrimas, no século XVI, por 'sugestão' indireta de um dos muitos poetas que se deixaram inspirar por este local idílico. Com efeito, esta quinta agrícola, cuja primeira referência surge no século XIV, possuía duas nascentes que, por ordem da Rainha Santa Isabel, abasteceram o Mosteiro de Santa Clara, situado nas imediações. Uma das nascentes passou, por inspiração camoniana, a ser conhecida por *Fonte das Lágrimas*, onde a "linda Inês" (Camões, 1572) chorou antes de ser morta e na qual o seu sangue se derramou, "tingindo" a água. A outra, a denominada *Fonte dos Amores*, envolvida pelos muros do Jardim Medieval, foi cenário de importantes momentos da história portuguesa; e o canal, conhecido como "Cano dos Amores", por, segundo a lenda, ter transportado as missivas amorosas que D. Pedro, neto da Rainha Santa Isabel, mandava à sua amada em barquinhos de madeira. No canto III d'*Os Lusíadas* (1572), lemos:

"As filhas do Mondego, a morte escura
Longo tempo chorando memoraram,
E, por memória eterna, em fonte pura
As lágrimas choradas transformaram;
O nome lhe puseram, que ainda dura,
Dos amores de Inês que ali passaram.
Vede que fresca fonte rega as flores
Que lágrimas são água, e o nome — Amores!"

Camões deu, portanto, um enorme contributo para a construção do espírito deste lugar, na medida em que as suas palavras *"reforça[m] a lenda, imprimindo-lhe veracidade e perenidade, com a definição da toponímia e consequente associação dos nomes dos lugares"* (Bule, 2017).

E se o amor impossível aqui vivido por Pedro e Inês nos acompanha no exterior do edifício, ele está igualmente bem presente no seu interior. Sentimo-nos envolvidos pela aura de mistério e romance que evoca esta lenda amorosa medieval quando deambulamos pelos corredores e varandins, ou quando descansamos nos recantos escondidos da quinta: na sala de repouso, a biblioteca forrada a madeiras exóticas, considerada pela *Forbes* como uma das melhores bibliotecas do mundo, ou a capela e os sofisticados cinquenta e cinco quartos que compõem o primeiro hotel de cinco estrelas da cidade de Coimbra. Os aposentos, divididos entre o palacete do século XVIII, decorado com mobiliário da época — que conquistou o rei D. Miguel e o duque de Wellington — e o edifício, desenhado pelo arquiteto Gonçalo Byrne, no qual se encontra o SPA Bamboo Garden, remetem-nos para um verdadeiro conto de fadas. A Quinta das Lágrimas é membro da *Small Luxury Hotels of the World*. Os jardins, mantidos pela Fundação Inês de Castro e abertos ao público, são membros da Associação Portuguesa dos Jardins e Sítios Históricos e fazem parte da Rota do Litoral Centro das Rotas dos Jardins Históricos de Portugal.

A quinta pertence à mesma família desde 1730. Anteriormente, pertenceu à Universidade de Coimbra e a uma Ordem Religiosa. O Palácio, construído no século XVIII, sofreu um violento incêndio que obrigou à sua reconstrução no século

XIX, tendo sido concebido em 1850 um jardim romântico que existe nas suas imediações.

Os jardins, que envolvem o Hotel Quinta das Lágrimas e que se encontram sob a tutela da Fundação Inês de Castro, permitem-nos acompanhar os tempos e as múltiplas vivências deste espaço. Lenda e História, passado e presente, entrelaçam-se, proporcionando-nos uma verdadeira viagem no tempo, que nos transporta até à Idade Média. Atualmente, os jardins ocupam uma área de 12 hectares e apresentam uma enorme variedade arbórea que conta com espécies exóticas provenientes dos cinco continentes. Nestes jardins, o botânico Avelar Brotero plantou e registou várias árvores, entre elas um exemplar do *Cupressus lusitanica* que ainda hoje podemos observar perto da Fonte das Lágrimas.

Rodeados pela vegetação, podemos imaginar a presença, neste espaço, dos reis, príncipes e muitas outras figuras ilustres que por aqui passearam ao longo dos séculos. Algumas deixaram memórias intemporais na sua passagem pela Quinta das Lágrimas. Atentemos ao Duque de Wellington que, em 1820, visitou este lugar a convite do proprietário António Maria Osório Cabral da Gama e Castro, seu ajudante de campo, e aqui plantou as duas *Sequoias sempervirens* que ainda hoje existem perto do Cano dos Amores. Foi também o Duque de Wellington que ofereceu a placa, em pedra, que podemos admirar junto à Fonte das Lágrimas, na qual se encontram gravados os versos que n'*Os Lusíadas* descrevem a morte de Inês e que transcrevemos acima.

A 24 de outubro de 1832, D. Miguel visitou a quinta e também ele se perdeu de amores pelos encantos do espaço. José Maria Osório Cabral, filho do proprietário, dedicou-lhe um soneto apologético (*Gazeta de Lisboa*, 1832), feito de improviso, de clara inspiração camoniana, em que o trágico desfecho de Inês não poderia deixar de estar presente:

Figura 4 – Fonte das Lágrimas
Fonte: Fotografia de Pedro Aboim (2020)

Figura 5 – Fonte das Lágrimas — algas vermelhas — o 'sangue' de Inês
Fonte: Fotografia de Pedro Aboim (2020)

"Nas meigas Nymphas lágrimas formaram
Na fonte que contemplas, rei amado,
Da miseranda Ignez o acerbo Fado
To saudosas, com tanta dor choraram:

Hoje de nossos corações brotaram
Lágrimas do prazer mais sublimado,
Por vermos o monarcha idolatrado,
Por quem to anciosos suspiraram.

Mas vae, senhor, ganhar-vos a victoria,
Corta da hydra feroz cruéis enganos
Novo esplendor darás lusa história.

E sabe que entre peitos lusitanos
N'estes sítios ser tua memória
Brazo perenne até ao fim dos annos".

Também o sobrinho de D. Miguel, Pedro II, Imperador do Brasil, na viagem que fez a Portugal visitou a Quinta das Lágrimas e foi recebido por Miguel Osório. Registou-se a propósito dessa visita que, junto à Fonte dos Amores, o anfitrião *"tinha preparado um mimoso refresco, disposto em duas mesas, debaixo dos cedros que ensombram a decantada nascente de água […] e tão agradável acharam o local, que por três quartos de horas se demoraram juncto da fonte, da qual beberam água"* (Corte-Real, Rocha e Castro, 1872). Interessante notar que *"o Imperador perguntou se a tradição da Fonte dos Amores tinha fundamento, ao que o sr. Miguel Osório respondeu, com a sua costumada franqueza, que a tinha por infundada e por devaneios do poeta"* (Corte-Real, Rocha e Castro, 1872). Esta espécie de névoa que dilui as fronteiras da realidade e da imaginação justifica-se em parte pelo facto de *"o tema inesiano [ter conhecido], no século XIX, uma verdadeira explosão literária […]. Foram, sobretudo, os poetas que celebraram o cenário bucólico da história inesiana, relevando o elemento da lenda que atraía particularmente os autores românticos: a fonte"* (Bule, 2017).

Figura 6 – Fonte dos Amores
Fonte: Fotografia de Pedro Aboim (2020)

Ainda no século XIX, o jornalista, poeta e dramaturgo português João de Lemos, miguelista e ultrarromântico, outrossim não resistiu ao encanto do lugar, deixando-se inspirar pela lenda e, obviamente, pela fonte. Desse encantamento resultaram os seguintes versos sobre a trágica morte de Inês (*A Fonte d'Ignez*, 1848):

"Como a fonte d' Ignez soluça ao longe!
Parece inda chorar-lhe a morte escura,
Osculando na pedra eternas manchas
Do sangue espadunado."

Ainda que a associação deste hotel à literatura se faça esmagadoramente por via da tragédia de Pedro e Inês, um outro acontecimento funesto marcou a Quinta das Lágrimas: a morte precoce da filha de uma das proprietárias da Quinta, D. Maria Victoria, que faleceu com apenas 14 anos, em 1855. A propósito desta morte, João de Lemos escreveu o poema *Victoria Linda*, publicado na *Revista Academica*, nesse mesmo ano. Mais uma vez, e apesar de o tema ser a tragédia de Maria Victoria, Pedro e Inês, o cedro e a fonte são elementos evocados na composição de um cenário para o acontecimento que se quer profundamente lúgubre:

"Sopro de morte, em tua aurora ainda,
Victoria linda, desbotou-te a cor;
Voz do Senhor a outra vida infinda,
Victoria linda, te chamou em flor.

Nascida à sombra de formoso cedro,
Onde Dom Pedro meiga Ignez amou,
Como chorou a morta Ignez Dom Pedro,
Ao pé do cedro tua mãe chorou.

Fonte de lagrimas o amor chamada
Viu-te embalada na tua infância ahi;

Figura 7 – O Cano dos Amores
Fonte: Fotografia de Pedro Aboim (2020)

Do Ceu aqui tu vinhas já fadada
A ser chorada neste amor por ti".

Já Soares de Passos (1856), o expoente máximo do Ultrarromantismo português, emoldura, no poema *A Fonte dos Amores*, a trágica morte de Inês, colocando-a num cenário em que a paisagem, dotada de sentimentos, chora a sua morte:

"Inda, infeliz Ignee, inda saudosos
Estes sities que amavas te pranteiam.
As aves do arvoredo, os echos, brisas
Parecem murmurar a infanda historia;
Teu sangue tinge as pedras, e esta fonte
A fonte dos amores, dos teus amores,
Como que em som queixoso inda repete
As margens, e aos rochedos comovidos,
Teu derradeiro, moribundo alento".

A par da poesia, a Quinta das Lágrimas também inspirou a prosa oitocentista, que nela encontrou um cenário de fuga ou de passeio. Camilo Castelo Branco, escritor romântico, viveu em Coimbra enquanto estudante, nos anos de 1845/1846, tendo regressado em 1875/1876 para acompanhar o estudo dos filhos. A sua passagem pela cidade dos estudantes serviu de inspiração para alguns dos seus romances. Na *Luta de Gigantes* (1865), história de rancor e ódio entre duas famílias poderosas seiscentistas, Brás Garcia de Mascarenhas, "primeiro poeta improvisador de Coimbra", é preso na cadeia da Portagem na sequência de um duelo à espada. O amigo, Diogo César de Meneses, planeia a sua libertação e avisa-o de que *"à meia-noite. Os cavalos esperavam, no ressio [sic] da Quinta do Pombal"* (atual Quinta das Lágrimas, como já mencionámos), a sua chegada. Consumada a fuga da prisão, "*entre o arvoredo chegado ao portão da Quinta do Pombal ou das Três Fontes estavam os três cavalos de Brás Garcia preparados para sair apressadamente de Coimbra*".

Figura 8 – Biblioteca
Fonte: Fotografia de Pedro Aboim (2020)

Figura 9 – Biblioteca
Fonte: Fotografia de Pedro Aboim (2020)

Em *O Bem e o Mal* (1863), Casimiro e a sua mulher, *"num sábado ao cair da tarde, passaram à Ponte, vindos da Quinta das Lágrimas"*. Na realidade, neste excerto, o autor expressa o enorme fascínio que o local exercia sobre a sociedade romântica do século XIX, nomeadamente como espaço propício à meditação e à realização de passeios e deambulações: *"Que bello sitio não é este para quem gosta de meditar longe do tumulto da cidade!... As belezas, que juntou aqui a natureza, excedem muito em encantos esses fructos do genio e industria dos homens, que tem esgotado o thesouro da imaginação para fazer aprazivel qualquer lugar. Esta Fonte e estes cedros são o monumento mais precioso, que se tem levantado à memoria da desgraçada Esposa de D. Pedro"* (Corte-Real, 1831).

Nos séculos XX e XXI, a Quinta das Lágrimas continua a encantar poetas e escritores que perpetuam a lenda e a simbologia do espaço. Nos anos 40, o escritor e historiador Ruben A. e o seu primo Ruy Leitão embrenham-se no ambiente ensombrado do jardim. O escritor transporta-nos até ao episódio da morte de Inês, oferecendo-nos uma visão quase cinematográfica do momento dessa interseção entre presente e passado: *"O encarnado sugestivo ali como sangue petrificado, o ambiente de árvores grandes... magnólias, cedros, laranjeiras, tuias, limoeiros, japoneiras, miosótis, flores a quererem Primavera, flores delicadas para o meu amor, flores quase glicínias, cheias de avencas, canforeiras, castanheiros de folhas vermelhas, tudo eu reparava com a bicicleta na mão e o Ruy a ler, a ler o episódio num silêncio de que a verdade para nós estava em que Inês de Castro havia sido assassinada mesmo há cinco ou dez minutos"* (*O Mundo à Minha Procura*, 1964).

Mergulhados nos ares saudáveis que rodeiam o hotel e nos abrem o apetite, deixemos agora os jardins para conhecer o restaurante. Mais uma vez, diríamos que, quase inevitavelmente, o grande tema é o romance de D. Pedro e Inês de Castro. Um dos pratos da ementa, perpetuando a lenda, não

Figura 10 – Biblioteca
Fonte: Coleção Hotel Quinta das Lágrimas

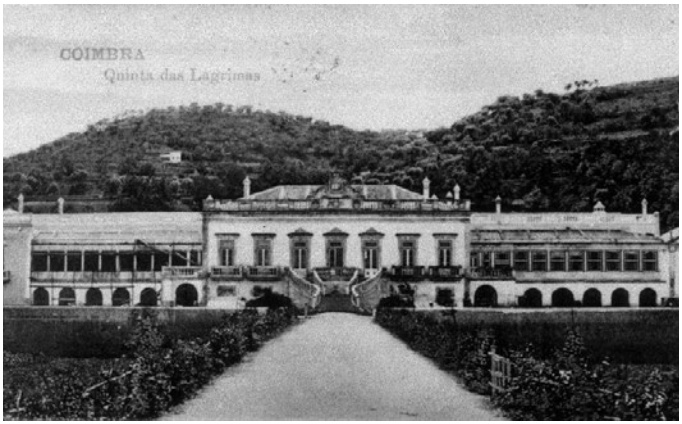


Figura 11 – Ampliação do Hotel Quinta das Lágrimas – Arquiteto Gonçalo Byrne
Fonte: Fotografia de Pedro Aboim (2020))

Figura 12 – Desenho do Palácio após o incêndio de 1879
Fonte: Coleção Hotel Quinta das Lágrimas

Figura 13 – Fachada principal – Palácio da Quinta das Lágrimas (finais do século XIX)
Fonte: Coleção Hotel Quinta das Lágrimas

poderia deixar de se chamar "Pedro & Inês", sendo servido um vinho com o mesmo nome feito a partir de duas castas de uva: a baga — mais masculina — e a alfrocheiro — mais perfumada e feminina.

Aliemos a gastronomia à arte e partamos à descoberta das obras inspiradas na história dos nossos apaixonados. No espaço do hotel, onde se encontra o núcleo museológico e Biblioteca da Fundação Inês de Castro, deparamo-nos com uma estátua de D. Inês da autoria de João Cutileiro e os quadros de D. Pedro e D. Inês de Luís Pinto Coelho. Joana Vasconcelos, Albuquerque Mendes, Cristina Ataíde e Diogo Muñoz são alguns dos artistas que nos acompanham em mais esta viagem entre a contemporaneidade e a época medieval.

Este lugar tranquilo, "oásis de paz e tranquilidade", como o atual Aga Khan testemunhou no Livro de Honra do hotel, ainda hoje mantém uma atmosfera propícia ao amor e ao romance e, tal como escreveu Amália Rodrigues no mesmo livro, gostava "tanto de ter nascido aqui".

Mais recentemente, a quinta deslumbrou outra escritora e cantora que aqui ficou hospedada durante quatro meses, a brasileira Adriana Calcanhotto. Neste ambiente tranquilo e inspirador, encontrou um espaço propício a longas horas de leitura e atuou, em 2017, no Festival das Artes que aqui se realiza anualmente. Desde 2007, atribui-se anualmente o *Prémio Literário Fundação Inês de Castro*, destinado a galardoar obras de expressão literária publicadas sobre motivos do mito inesiano, bem como o *Prémio Carreira – Tributo de Consagração* que distingue a obra de um autor.

Esta é, pois, uma quinta com uma mística única, que enfeitiça os que por aqui passam e que não deixa ninguém indiferente, seja pelo espaço em si, seja pela História ou pelas histórias. Assim, facilmente compreendemos o encantamento e o espan-

Figura 14 – Palácio da Quinta das Lágrimas (1915/20)
Fonte: Coleção Hotel Quinta das Lágrimas

Figura 15 – Estrofe d'*Os Lusíadas* gravada em pedra
Fonte: Fotografia de Pedro Aboim (2020)

to que as jovens personagens Luísa, João, Pedro, Chico e Teresa, de *Uma Aventura na Quinta das Lágrimas*, expressam ao chegarem ao imponente portão em busca da "história da mancha vermelha":

"— Eh pá! Esta quinta é um espectáculo!"

Embalados pelas palavras de José Régio no belíssimo fado *Balada de Coimbra* (1941), despedimo-nos da:

"Quinta das lágrimas, onde
Chora a fonte doce e langue!
Corre a água, e não esconde
Aquelas manchas de sangue…"

Prometemos, todavia, regressar para mais uma aventura a este lugar mágico que é, sem dúvida, muito mais do que um hotel.

Saímos, então...

Dirigimo-nos à outra margem, atravessando a ponte pedonal Pedro e Inês da autoria de Cecil Balmond e António Adão da Fonseca. No ouvido, levamos agora o som do fado *Saudades de Coimbra* (1929), enquanto, trauteando e caminhando sobre as águas do rio, partimos à descoberta da romântica e nostálgica cidade que foi palco do amor de Pedro e Inês, mas também de muitos outros como nos recorda o autor deste fado, o cantor e poeta Edmundo Bettencourt:

"Oh Coimbra do Mondego
E dos amores que eu lá tive
Quem te não viu anda cego
Quem te não amar não vive

Do Choupal até à Lapa
Foi Coimbra os meus amores

▲ **Figura 16 – Estrofe d'*Os Lusíadas* gravada na parede de um dos quartos**
Fonte: Coleção Hotel Quinta das Lágrimas

▲ **Figura 17 – O 'sangue' de Inês imortalizado na rocha**
Fonte: Coleção Hotel Quinta das Lágrimas

A sombra da minha capa
Deu no chão, abriu em flores".

Ao deambular pela cidade, poderemos fruir d'*A Quinta das Lágrimas*, música do grupo galego Milladoiro, publicada em 2008.

Figura 18 – Inês de Castro por João Cutileiro
Fonte: Fotografia de Porfírio da Silva/Coleção Hotel Quinta das Lágrimas

Figura 19 – Inês de Castro por Luís Pinto Coelho (1997)
Fonte: Coleção Hotel Quinta das Lágrimas

Figura 20 – D. Pedro por Luís Pinto Coelho (1997)
Fonte: Coleção Hotel Quinta das Lágrimas

OUTROS AUTORES QUE SE HOSPEDARAM NO HOTEL QUINTA DAS LÁGRIMAS

- **Adriana Calcanhotto** (Porto Alegre, 1965): Cantora, compositora, intérprete, instrumentista, produtora musical, arranjadora, escritora e ilustradora brasileira.
- **Almeida Faria**: Prémio Carreira, Tributo de Consagração Fundação Inês de Castro – 6.ª ed. 2012.
- **Andreia C. Faria**: Vencedora do Prémio Literário Fundação Inês de Castro – 13.ª ed. 2019, com a obra A*legria para o Fim do Mundo*.
- **António Osório de Castro**: Prémio Carreira, Tributo de Consagração Fundação Inês de Castro – 2.ª ed. 2008.
- **Armando Silva Carvalho**: Vencedor do Prémio Literário Fundação Inês de Castro – 8.ª ed. 2015, com a obra *A Sombra do Mar*.
- **Djaimilia Pereira de Almeida**: Vencedora do Prémio Literário Fundação Inês de Castro – 12.ª ed. 2018, com a obra *Luanda, Lisboa Paraíso*.
- **Eugénio Lisboa**: Prémio Carreira, Tributo de Consagração Fundação Inês de Castro – 11.ª ed. 2017.
- **Fernando Echevarria**: Prémio Carreira, Tributo de Consagração Fundação Inês de Castro – 5.ª ed. 2011.
- **Fernando J. B. Martinho**: Prémio Carreira, Tributo de Consagração Fundação Inês de Castro – 9.ª ed. 2015.
- **Gastão Cruz**: Prémio Carreira, Tributo de Consagração Fundação Inês de Castro – 7.ª ed. 2013.
- **Gonçalo M. Tavares**: Vencedor do Prémio Literário Fundação Inês de Castro – 5.ª ed. 2011, com a obra *Uma Viagem à Índia*.
- **Hélia Correia**: Vencedora do Prémio Literário Fundação Inês de Castro – 4.ª ed. 2010, com a obra *Adoecer*.
- **José Bento**: Prémio Carreira, Tributo de Consagração Fundação Inês de Castro – 12.ª ed. 2018.
- **José Tolentino de Mendonça**: Vencedor do Prémio Literário Fundação Inês de Castro – 3.ª ed. 2009, com a obra *O Viajante sem Sono*.
- **Lídia Jorge**: Prémio Carreira, Tributo de Consagração Fundação Inês de Castro – 13.ª ed. 2019.
- **Luís Quintais**: Vencedor do Prémio Literário Fundação Inês de Castro – 8.ª ed. 2014, com a obra *O Vidro*.
- **Manuel Alegre**: Prémio Carreira, Tributo de Consagração Fundação Inês de Castro – 3.ª ed. 2009.
- **Maria do Rosário Pedreira**: Vencedora do Prémio Literário Fundação Inês de Castro – 6.ª ed. 2012, com a obra *Poesia Reunida*.
- **Maria Velho da Costa**: Prémio Carreira, Tributo de Consagração Fundação Inês de Castro – 10.ª ed. 2016.
- **Mário de Carvalho**: Vencedor do Prémio Literário Fundação Inês de Castro – 7.ª ed. 2013, com a obra *A Liberdade de Pátio*.
- **Nuno Júdice:** Prémio Carreira, Tributo de Consagração Fundação Inês de Castro – 8.ª ed. 2014.

- **Pedro Tamen**: Vencedor do Prémio Literário Fundação Inês de Castro – 1.ª ed. 2007, com a obra *Analogia e Dedos*.
- **Rosa Oliveira**: Vencedora do Prémio Literário Fundação Inês de Castro – 11.ª ed. 2017, com a obra *Tardio*.
- **Rui Lage**: Vencedor do Prémio Literário Fundação Inês de Castro – 10.ª ed. 2016, com a obra *Estrada Nacional*.
- **Teolinda Gersão**: Vencedora do Prémio Literário Fundação Inês de Castro – 2.ª ed. 2008, com a obra *A Mulher que Prendeu a Chuva*.
- **Urbano Tavares Rodrigues**: Prémio Carreira, Tributo de Consagração Fundação Inês de Castro – 1.ª ed. 2007.
- **Vasco Graça Moura**: Prémio Carreira, Tributo de Consagração Fundação Inês de Castro – 4.ª ed. 2010.

(*Nota bene*: A biografia e a obra dos autores vencedores podem ser consultadas em https://fundacaoinesdecastro.com/premio-literario-fundacao-ines-de-castro/.)

BIBLIOGRAFIA

AA. VV (31 de outubro 1832). "Parte não oficial – Idem, 24" – [Visita de D. Miguel à Quinta das Lagrimas] "Por hum fiel observador", *Gazeta de Lisboa*, n.º 259, p. 1250, Lisboa: Impressão Régia. https://books.google.pt/books?id=OuwvAAAAYAAJ&pg=PA1250&lpg=PA1250&dq=Da+miseranda+Ignez+o+acerbo+Fado.

Andrade, Carlos Santarém (1990). *Coimbra na vida e obra de Camilo*. Coimbra: Coimbra Editora.

Araújo, Joaquim (1894). *Ácerca dos versos de João de Deus* (Carta ao Dr. Rodrigo Velloso). Barcelos: Typographia da Aurora do Cavado, Editor R.V. Consultado em junho de 2020 em https://archive.org/details/cercadosversos00arau/page/32/mode/2up?q=quinta+das+l%C3%A1grimas.

Bettencourt, Edmundo de (1936). "Saudades de Coimbra". In *Fados e baladas de Coimbra* [áudio]. Lisboa: Valentim de Carvalho.

Bule, Lara Miguel (2017). "Os amores de Pedro e Inês: Inspiração histórica e Naturalismo na pintura portuguesa oitocentista", *Revista de História, da Sociedade e da Cultura*, n.º 17, Centro de História, da Sociedade e da Cultura, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 253-276.

Camões, Luís Vaz (1572). *Os Lusíadas*. Lisboa: António Gõnçalvez Impressor.

Castel-Branco, Cristina (2006). *O Jardim das Lágrimas: Renovar um espaço com sete séculos de História*. In Congresso Internacional "O Jardim Medieval e as suas interpretações românticas", Quinta das Lágrimas, Coimbra, 1 e 2 de maio de 2006.

— e Júdice, José Miguel (2008). "7 séculos de Quinta das Lágrimas – A sustentabilidade da Casa Nobre", *Da Linhagem ao Solar História*. In Congresso Internacional Casa Nobre – um património para o futuro, 2, Arcos de Valdevez, 14 e 15 de novembro de 2008.

Castelo Branco, Camilo (1863). *O bem e o mal*. Porto: Typographia do Commercio.

— (1865). *Luta de gigantes*. Lisboa: Parceria A. M. Pereira, Lda.

Cidraes, Maria de Lourdes (2004). "A representação da paisagem na literatura inesiana – Símbolos e alegorias, nova versão refundida e ilustrada da comunicação "O Cedro e a Rosa" apresentada no Colóquio ACT9", *Corpo e Paisagem Românticos*, Lisboa: Edições Colibri/Centro de Estudos Comparatistas, pp. 199-209.

Corte-Real, António Moniz Barreto (1831). *Bellezas de Coimbra: Parte primeira*. Coimbra: Real Imprensa da Universidade.

— José Alberto; Rocha, Manuel António da Silva; Castro, Augusto Mendes Simões de (1872). *Viagem dos imperadores do Brasil em Portugal*. Coimbra: Imprensa da Universidade. Consultado em agosto de 2020 em https://archive.org/details/viagemdosimpera00rochgoog/page/n227/mode/2up?q=quinta+das+l%C3%A1grimas.

Dias, Aida Fernandes (fixação de texto e estudo) (1998). *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Dulcineia (2014). *A súplica de D. Pedro*. Lisboa: Chiado Editora.

"Fundação Inês de Castro". Consultado em maio de 2020 em https://fundacaoinesdecastro.com/ines-de-castro/.

Garrett, Almeida ([1825] 1949). *Camões*. Porto: Editorial Domingos Barreira.

"Jardim da Quinta das Lágrimas/Jardim da Quinta do Pombal". Consultado em abril de 2020 em http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=7013.

Júdice, Maria da Assunção de Alarcão (2013). "A Fonte dos Amores no Arquivo da Quinta das Lágrimas: 1364-1916". In Maria Helena da Cruz Coelho (coord.), *Pedro e Inês – O futuro do passado* (pp. 203-211). Congresso Internacional. Vol. I. Coimbra: Associação dos Amigos de D. Pedro e D. Inês.

Lemos, João de (1845 a 1848). "A Fonte d'Ignez". In *Revista Academica: Jornal Litterario e Scientifico*. Vol I. Coimbra.

— (1855). "Victoria Linda". In *Revista Academica, n.º 6: Jornal Litterario e Scientifico*. Coimbra.

Link, Johann e Hoffmansegg, Johann (1808). *Voyage en Portugal, fait depuis 1797 jusqu'en 1799*. Paris: Dentu, Imprimeur-Libraire (trad. do alemão). Consultado em https://books.google.com.ar/ebooks/reader.

Magalhães, Ana Maria e Alçada, Isabel (1999). *Uma aventura na Quinta das Lágrimas*. Lisboa: Caminho.

Passos, Soares de ([1856] 1983). "A Fonte dos Amores". In *Poesias*. Lisboa: Vega.

Pires, Catarina (2018). "A Coimbra que apaixonou Adriana Calcanhotto". In *Notícias Magazine*. Consultado em julho de 2020 em https://www.noticiasmagazine.pt/2018/coimbra-apaixonou-adriana-calcanhotto/historias/221781/.

Régio, José (1941). *Fado*. Coimbra: Arménio Amado Editor.

Ruben A. ([1964] 1993). *O mundo à minha procura*. Vol. II. Lisboa: Assírio e Alvim.

Silva, Innocencio Francisco (1860). *Diccionario bibliographico portuguez: Estudos de Innocencio Francisco da Silva aplicaveis a Portugal e ao Brasil*, Tomo 5, Lisboa: Imprensa Nacional, pp. 44-46. Consultado em junho de 2021 em https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5437.

Sousa, Maria Leonor Machado de (1984). *Inês de Castro na literatura portuguesa*. Col. Biblioteca Breve. Vol. 96. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.

— (2005). *Inês de Castro. Um tema português na Europa*. Lisboa: ACD Editores.

Viterbo, Francisco Marques Sousa (1889). *A Fonte dos Amores. Florilégio poético*. Lisboa: Imprensa Nacional.

LAWRENCE'S HOTEL

SINTRA

O antigo e bem conhecido Hotel que foi de mr. Durand, situado n'uma das mais apreciáveis posições em Cintra, tendo sido re-edificado e inteiramente renovado, acaba de abrir-se por Mrs. Lewrence [sic]. As ilustres pessoas que honrarem este Hotel encontrarão os melhores commodos com um bom e variado serviço, a preços rasoáveis.

É desta forma que no jornal *A Revolução de Setembro*, de 25 de julho de 1858, se anuncia a reabertura do 'hotel', considerado por muitos o mais antigo da Península Ibérica e que, apesar de vicissitudes várias — até foi uma fábrica de pastéis —, se mantém em atividade com o requinte e o *glamour* de outrora.

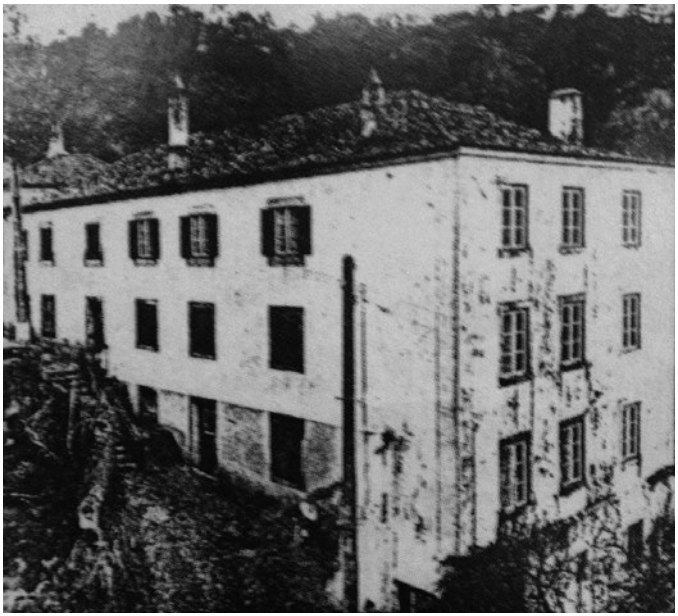
Inaugurado em 1764 como "Estalagem dos Cavaleiros", lugar indicado para recuperação de doentes pulmonares e tuberculosos, aqui funciona, em 1850, a "Hospedaria Inglesa", da senhora Durand. Nesta altura, é propriedade do Capitão-mor Máximo José dos Reis.

Ao ser reaberto em 1858 pela família britânica Lawrence Oram, que também possui quartos particulares na Rua do Sacramento à Lapa, n.º 57, em Lisboa, vai albergar *"sobretudo a aristocracia e alta burguesia lisboetas, os funcionários de Estado e casais em lua-de-mel"* (Rodil, 1991), visto que o *"hotel tem salas particulares para quem desejar viver retirado, como se fosse em casa própria"*, lê-se no jornal acima mencionado.

A proprietária que mais notabiliza este espaço é a dinâmica Jane Lawrence Oram, imortalizada por Eça de Queirós n'*Os Maias* (1888):

> *"— E onde estás tu, Alencar? perguntou logo Carlos.*
> *— Pois onde queres tu que eu esteja, filho? Lá estou com a minha velha Lawrence. Coitada! está bem velha! mas para mim é sempre uma amiga, é quasi uma irmã!... E vocês, que diabo? Para onde vão vocês com essas flores nas lapelas?*
> *— A Sitiais... Vou mostrar Sitiais ao maestro."*

Ora, ir do Lawrence's a Seteais é como que *"uma peregrinação obrigatória"* na época (Rodil, 1991) a que os dois amigos não podem faltar.



▲ **Figura 1 – Lawrence's Hotel (c. 1800)**
Fonte: Coleção Lawrence's Hotel

▶ **Figura 2 – Lawrence's Hotel**
Fonte: Fotografia de Francisco Pereira do Valle (2020)

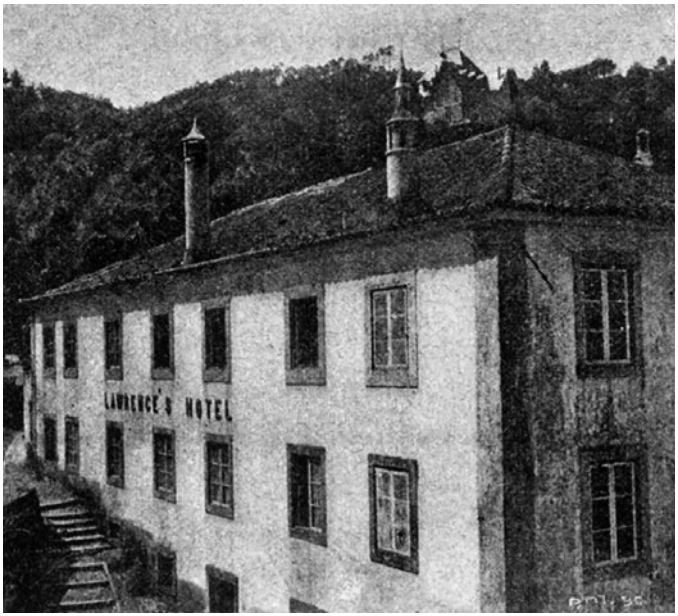


Figura 3 – Lawrence's Hotel
Fonte: Fotografia de Luiz Oram (1860)/Coleção Lawrence's Hotel

Figura 4 – Família Lawrence à porta do hotel
Fonte: Coleção Lawrence's Hotel

O autor — que *"Sempre gostara muito de Sintra! Logo ao entrar, os arvoredos escuros e murmurosos do Ramalhão lhe davam uma melancolia feliz!"* — vai aqui hospedar-se, utilizando este refúgio bucólico como cenário amoroso de algumas das suas obras: *"No dia seguinte, num momento de enternecimento, querendo dar à sua felicidade um quadro mais poético, Godofredo propôs que fossem passar uns dias a Sintra. Foi uma nova lua-de-mel. Estavam na Lawrence, onde tinham um pequeno salão só para eles. Levantavam-se tarde, bebiam champanhe ao jantar e beijavam-se às escondidas, pelos bancos, debaixo das árvores"* (*Alves & Cª*, 1925). O percurso de Lisboa a Sintra pode ser feito, tal como Vítor na *Tragédia da Rua das Flores* (1877), no *"*coupé *do Toirão, um batedor"* que bem depressa *"parou à porta da Lawrence"*. Aí seríamos recebidos pelo *"criado, de jaqueta, que correu à portinhola"*.

N'*Os Maias*, a personagem principal, Carlos da Maia, acompanhada do seu amigo, o maestro Cruges, dirige-se a Sintra, de *break*, com a intenção de se encontrar com a senhora que vira no Hotel Central. Pensa alojar-se no Lawrence's, supondo que a sua paixão, Maria Eduarda, aí estaria: *"Era possível que daí a pouco, na velha Lawrence, ele a cruzasse de repente no corredor, roçasse talvez o seu vestido, ouvisse talvez a sua voz. Se ela lá estivesse, decerto viria jantar à sala, aquela sala que ele conhecia tão bem, que já lhe estava apetecendo tanto, com as suas pobres cortininhas de cassa, os ramos toscos sobre a mesa, e os dois grandes candeeiros de latão antigo..."*.

Cruges, alheio à paixão do amigo, mas deliciado com a exuberância da natureza, acompanhada do sossego rejuvenescedor da Serra, está entusiasmadíssimo com a possibilidade de aí pernoitar:

> *"— A Lawrence onde é? Na serra? — perguntou ele com a ideia repentina de ficar ali um mês naquele paraíso"*.

Então, Carlos muda rapidamente de ideia:

> *"— Nós não vamos para a Lawrence, disse Carlos saindo bruscamente do seu silêncio, e espertando os cavalos. Vamos para o Nunes, estamos lá muito melhor!"*

Apesar desta inusitada 'fuga', Carlos não resiste por muito tempo ao afastamento do local onde permanecem os seus afetos: *"Defronte do hotel da Lawrence, Carlos retardou o passo, mostrou-o ao Cruges.*

> *— Tem o ar mais simpático, disse o maestro. Mas valeu muito a pena ir para o Nunes, só para ver aquela cena... E então com quê o Sr. Carlos da Maia tem experiência de espanholas?*
>
> *Carlos não respondeu, os seus olhos não se despegavam daquela fachada banal, onde só uma janela estava aberta com um par de botinas de duraque secando ao ar. À porta, dois rapazes ingleses, ambos de knicker-bokers, cachimbavam em silêncio […]. Defronte da Lawrence, os dois burriqueiros, de cigarro na boca, não tendo podido apoderar-se dos ingleses, preguiçavam ao sol"*.

Os ingleses, frequentemente disputados pelos burriqueiros, contam-se entre os muitos estrangeiros que se deslumbraram pelos encantos de Sintra. Modelam-na, não apenas pela edificação dos jardins exuberantes, *chalets* e palácios que aqui construíram, como também pelo património literário que nos legaram. Alguns colocam este hotel na lista das suas preferências apesar da diversidade de hospedarias existente: *"Tem Cintra vários hotéis; mas o de mrs. Lawrence, depois do de Victor, é o mais favorecido dos ingleses"*, diz-nos Lady Jackson em 1873.

Apreciado pela *"rica vastidão de arvoredo cerrado, a que só se veem os cimos redondos, vestindo um declive da serra como o musgo veste um muro, e tendo àquela distância, no brilho da luz, a suavidade macia de um grande musgo escuro"* (*Os Maias*), que se podia desfrutar do terraço onde Carlos da Maia e os amigos bebiam *cognac*, este hotel foi *"residência temporária de ilustres viajantes*

▲ **Figura 5 – Floresta na Quinta dos Pisões**
Fonte: Coleção Lawrence's Hotel

▲ **Figura 6 – Hotel e arvoredo na atualidade**
Fonte: Coleção Lawrence's Hotel

▶ **Figura 7 – Esplanada e floresta na atualidade**
Fonte: Coleção Lawrence's Hotel

que deram a conhecer ao mundo anglo-saxónico uma nova imagem do Portugal de oitocentos" (Domingues, 2000).

Já um século antes, em finais de Setecentos, o romântico William Beckford saíra de Inglaterra com destino à Jamaica onde detinha grandes plantações de açúcar. Enfrenta uma tempestade que o traz a uma Lisboa em reconstrução no pós-terramoto. Desiludido com a cidade, ruma a Sintra, esse *"vasto templo da natureza"*, instalando-se faustosamente no Palácio do Ramalhão e, numa segunda visita, arrenda o Palácio de Monserrate (1793-1795). Nestas deambulações, não perde a oportunidade de ir ao Lawrence's, como nota o testemunho: *"Jantámos em certa estalagem, asseada e aconchegada, no meio da vila de Sintra […]. Da estalagem descobrem-se, em baixo, umbrosas ravinas e íngremes vertentes cobertas de matas e de soutos, à mistura com variegadas rochas musgosas e antigos e definhados castanheiros"*.

O espaço ganha notoriedade, sobretudo, depois de Lord Byron se ter aqui hospedado, *"num grande quarto com três janelas e belas vistas"* (Macaulay, 1946) no verão de 1809. O poeta inglês para quem *"a vila de Cintra na Estremadura é, talvez, a mais bela do mundo inteiro"* escreveu neste lugar, presume-se, parte do poema *Childe Harold's Pilgrimage*, onde Sintra é descrita como "glorioso Éden":

> *"Eis que em vários labirintos de montes e vales*
> *surge o glorioso Eden de Sintra.*
> *Ai de mim! Que pena ou que pincel*
> *logrará jamais dizer a metade sequer*
> *das belezas destas vistas [...]?"*

A crer no testemunho indireto de Lady Macdonell, citado por Fátima Teixeira (2020), *"Byron escreveu algumas linhas de Child Harold numa das vidraças. A sala teve uma festa turística de americanos, e quando eles partiram, o painel de vidro também desapareceu!"*.

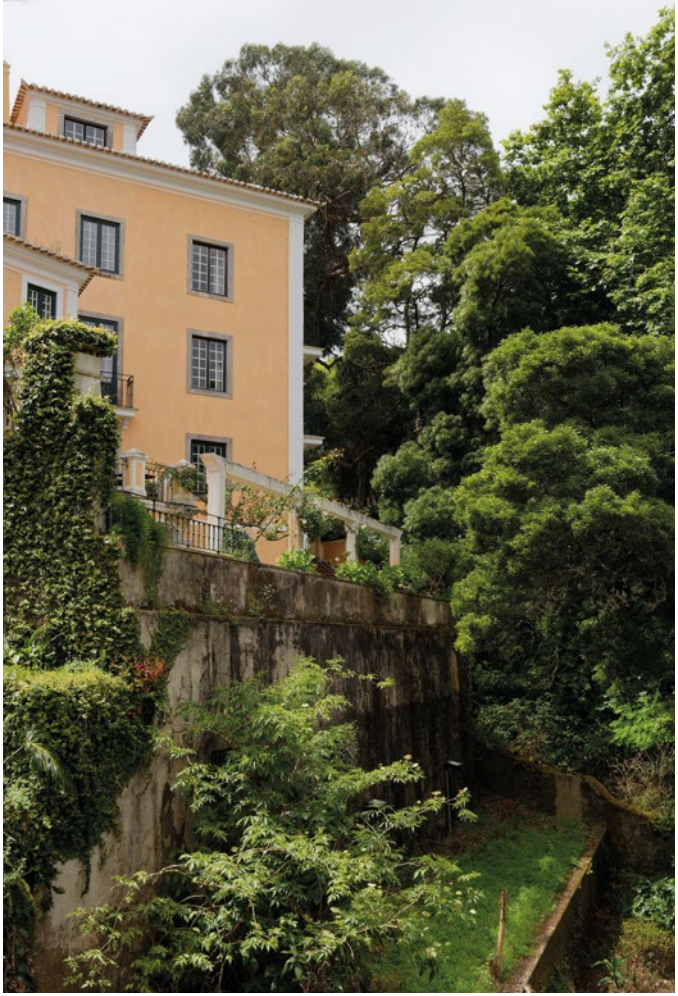


Figura 8 – Hotel e arvoredo na atualidade
Fonte: Fotografia de Francisco Pereira do Valle (2020)

▲ **Figura 9 – Pormenor da fachada (anos 50, século XX)**
Fonte: Coleção Lawrence's Hotel

▲ **Figura 10 – Pormenor da fachada (anos 20, século XXI)**
Fonte: Coleção Lawrence's Hotel

Do alojamento, onde pernoitou dois dias, despede-se, sem saudades, o companheiro de viagem de Lord Byron, John Cam Hobhouse: *"Disse adeus a Sintra, onde a hospedeira da estalagem, uma irlandesa, parladora, bêbeda, imunda, oferecia uma bilhazinha execranda por 40 dólares e meio"*.

Em finais de Novecentos, Lady Jackson, chegada a Sintra de Larmanjat — sistema ferroviário monocarril —, encanta-se com este 'glorioso Éden' e também ela vai ao Lawrence's. Elogia a limpeza, qualidade e preço das refeições: *"É de justiça dizer que a sua caza, se não está tão graciosamente situada como as outras, é limpa. Dá almoços e jantares excelentes, posto que as nuvens de moscas disputem a posse de cada bocado que se come. Quanto a preços paga-se moderadamente"*. Porém, desiludiu-se com a decoração antiquada que apresentava. Por ser um retrato tão pormenorizado, quase cinematográfico, vale a pena reproduzi-lo na íntegra: *"Mais despida e desconfortável cousa dificilmente haverá. Parte dos quartos está ao rez da rua. A mobília de uma das saletas contíguas sem vista para parte nenhuma, era trez ou quatro mezinhas oblongas com seus guarda-pés de musselina branca, e cobertas de fustão à maneira do que se usa nas bancas de toucador; um sophá comprido, de encovado assento, estreito, de espaldar alto, com almofadas redondas, embuçado todo em festão, e trez ou quatro poltronas fundas e altas, de costas estreitas, e também ensacadas, algumas estampas velhas, e um copo n'um pires de barro completavam a decoração. Penso eu que a mobília d'esta saleta desperta uma pálida reminiscência da moda predominante em Portugal em passadas eras, e ainda hoje se encontram nas cazas antigas, onde mezas, cadeiras, armários e tremós se cobrem de pannos escarlates ou damasco de qualquer cor"*.

Apesar da crítica acutilante, acaba por fazer alguma justiça, ao destacar o asseio dos tecidos: *"Ora as musselinas e fustões de Mrs. Lawrence eram alvos e limpos"*.

No início do século XX, a *"mesa estrangeira do Laurence's Hotel"*, com as suas iguarias irresistíveis, é analogamente o local escolhido

▲ **Figura 11 – Aspeto da fachada (anos 20, século XXI)**
Fonte: Fotografia de Francisco Pereira do Valle (2020)

▲ **Figura 12 – Fachada (anos 20, século XXI)**
Fonte: Fotografia de Francisco Pereira do Valle (2020)

pelo protagonista d'*A Engomadeira – Novela Vulgar de Lisboa* (1917) de Almada Negreiros na sua deslocação a Sintra, da qual deixa a seguinte nota: *"Se fôssemos tão independentes como o nosso estômago não teria eu tido a necessidade de me despedir com tanto apetite […] para ir jantar sozinho à mesa estrangeira do Laurence's Hotel; mas a verdade é que quanto mais não fosse isto já era uma razão de ter vindo para Sintra"*.

Contrastando com a frugalidade do pequeno-almoço degustado por Lady Jackson, quarenta anos antes, composto por *"café, pão hespanhol, manteiga fresca de Cintra, morangos, pecegos e figos"*, a personagem, criada por Almada, deixa-se seduzir pela ementa na qual, naturalmente, predomina o sotaque francês: *"O criado disse-me o 'menu' […] mas que se eu não quisesse 'potage à la valencienne' também tinha 'puré de legumes à la mexicaine' […]. Mas fosse pelo que fosse a sopa vinha a escaldar […]. Depois veio galantine de perdiz […] mas enquanto o criado me aconselhava o puding de cozinha que estava delicioso, que até tinha sido feito pelo Augusto, ela prometeu beber outra garrafa de champagne"*. Longe vão os tempos em que o poeta romântico Alencar, na companhia de Carlos e Cruges, tendo combinado *"jantar ali, na Lawrence"*, antes de irem de *break* para Lisboa, se ia *"entender lá abaixo à cozinha com a velha Lawrence, e preparar-vos um bacalhau à Alencar, recipe meu... E vocês verão o que é um bacalhau! Porque, lá isso, rapazes, versos os farão outros melhor; bacalhau, não!"* Os amigos que, entretanto, tinham ido ao Nunes liquidar a conta, aguardavam com curiosidade o repasto na sala de jantar *"com seus dois candeeiros de azeite, as duas janelas para o terraçozinho"* (*A Tragédia da Rua das Flores*). Não se desiludiram, porquanto *"a aparição do bacalhau foi um triunfo"* (*Os Maias*). *"Na Lawrence o jantar prolongou-se até às oito horas, com luzes"* (*Os Maias*) e bem regado com *"grandes copos"* de Colares.

Em 1935, o espaço é comprado por Marie Janoveová de Mello Abreu que, em 1950, o (re)inaugura, como "Estalagem dos Cavaleiros", em memória do seu primitivo nome e função, pois

Figura 13 – Lawrence's Hotel visto do Mont Fleuri
Fonte: Fotografia de Francisco Pereira do Valle (2021)

teriam sido os cavaleiros os seus primeiros fregueses. *"Cavaleiros esses que se apeavam, prendiam a montada à argola e iam dentro encomendar uma peça de lombo assada no espeto e um cangirão de vinho a fumegar"* (Rego, 1961). Este lugar idílico, situado na Rua Consiglieri Pedroso, encostado à Quinta dos Pisões, com quatro quartos todos sem casa de banho, fecha portas em 1961 para reabrir em 1999, com a designação de Lawrence's Hotel, por iniciativa de Jan-Willem Bos e Coreen Bos. O casal holandês, apaixonado por Portugal, permanece à frente do Lawrence's até 2001 e, posteriormente, o hotel fica a cargo de Catarina Caracol. Continua, nesta fase grandiosa da sua existência, a ser uma referência literária. Na obra de Montserrat Rico Góngora, *Passageiros da Neblina* (2009), cuja ação se passa nos anos trinta do século XX e, em parte, numa Sintra palco de crimes, é local de refúgio amoroso para o casal Seoane que *"estava em Sintra a passar, muito possivelmente, uma prolongada lua-de-mel, embora as más línguas — e a elementar análise de qualquer mau observador — pudessem chegar à conclusão de que o Lawrence's Hotel se tinha convertido no perfeito refúgio para o seu concubinato"*.

Sintra, musa inspiradora de prosadores, poetas, artistas e músicos, classificada em 1995 pela UNESCO como *Património da Humanidade – Paisagem Cultural*, mantém, nos seus caminhos mágicos, o *glamour* romântico, nostálgico, exótico, eclético e misterioso tão bem documentados nas vivências ancestrais deste hotel, através dos excertos apresentados.

Memória e herança a que a modernização do Lawrence's Hotel, desde 2016 sob a atual administração, presta homenagem. Os quartos e as suites mantêm a decoração bucólica e romântica. Não ostentam números, mas sim os nomes de escritores e artistas que aqui pernoitaram ou ainda os vocábulos Cynthia ou Monte da Lua, que nos remetem para a ancestralidade da vila.

OUTROS AUTORES QUE SE HOSPEDARAM NO LAWRENCE'S HOTEL

- **Alexandre Herculano** (Lisboa, 1810–Vale de Lobos/Santarém, 1877): Historiador, poeta, romancista e jornalista, ideólogo do movimento liberal oitocentista. O poema *A Cruz Mutilada* foi inspirado e composto no Convento do Carmo em Colares.

- **Bulhão Pato** (Bilbau, 1829–Monte da Caparica, 1912): Memorialista, poeta e ensaísta, foi um dos representantes do movimento romântico. De origem basca, veio para Portugal em 1837, fugido da guerra. Nas suas obras, retrata a Serra, Colares, a Várzea de Colares, a Pedra de Alvidrar e o Convento do Carmo.

- **Camilo Castelo Branco** (Lisboa, 1825–S. Miguel de Seide, 1890): Escritor, investigador histórico, jornalista e tradutor. Na novela *A Queda d'um Anjo* (1866), refere a Serra, Seteais e a Várzea de Colares.

- **Ramalho Ortigão** (Porto, 1836–Lisboa, 1915): Escritor e colaborador em diversas publicações periódicas portuguesas e brasileiras. As obras em que se refere a Sintra foram escritas em parceria com Eça de Queirós: *O Mistério da Estrada de Sintra* (1870) e *As Farpas* (tomo VI).

BIBLIOGRAFIA

Azevedo, José Alfredo (1978). *Vila Velha, ronda pelo passado*. Sintra: Câmara Municipal de Sintra.

Beckford, William ([1834] 2009). *Diário de Beckford em Portugal e Espanha*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal.

Brito, Sérgio Palma de (2003). *Notas sobre a evolução do viajar e a formação do turismo*. Lisboa: Medialivros.

Byron, Lord (1825). *Childe Harold's pilgrimage*. London.

Domingues, Celestino de Matos (2000). *Quatro décadas de turismo em Portugal: Contributo de uma instituição*. Lisboa: Instituto de Financiamento e Apoio ao Turismo.

Góngora, Montserrat Rico (2009). *Passageiros da neblina*. Editorial Planeta.

Guimarães, Manuel e Valdemar, António (2001). *Grandes hotéis de Portugal*. Lisboa: Edições Inapa.

Hume, Martin (1907). *Through Portugal*. New York: McClure, Phillips & Company.

Jackson, Lady ([1874] 2007). *A formosa Lusitânia – Portugal em 1873* [Tradução e notas de Camilo Castelo Branco]. Lisboa: Edição Caleidoscópio.

Leite, José Augusto (17 outubro 2017). "Lawrence's Hotel". *Blog Restos de Colecção*. Consultado em abril de 2020 em https://restosdecoleccao.blogspot.com/.

Macaulay, Rose (1946). *They went to Portugal*. Penguin Books.

Matos, Alfredo Campos ([1976] 1985). *Imagens do Portugal queirosiano*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Mónica, Maria Filomena (2020). *O olhar do outro – Estrangeiros em Portugal do século XVIII ao século XX*. Lisboa: Relógio d'Água.

Negreiros, Almada (1917). *A engomadeira – Novela vulgar lisboeta*. Lisboa: ed. Autor.

Queirós, Eça de ([1877] 2018). *A tragédia da Rua das Flores*. Lisboa: Livros do Brasil.

— ([1888] 1975). *Os Maias: Episódios da vida romântica*. Lisboa: Círculo de Leitores.

— ([1925] 2019). *Alves & Cª*. Lisboa: Bertrand.

Rego, Raul (16 de novembro 1961). "Transforma-se a casa de Sintra onde Byron escreveu versos e Carlos da Maia "jantou" com os amigos", *Diário de Lisboa*, n.º 13983, Ano 41, Vida Literária e Artística – Suplemento semanal, pp. 17 e 20. Consultado em maio de 2020 em http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_16062.

Reis, Luciano e Helena, Maria (2005). *Sintra: A história se fez jardim*. Lisboa: Sete Caminhos.

Ribeiro, José Cardim (1998). *Sintra – Património da Humanidade*. Sintra: Câmara Municipal de Sintra.

Rodil, João (1991). *Sintra na obra de Eça de Queirós*. Sintra: Câmara Municipal de Sintra.

Ruders, Carl Israel ([1981] 2002). *Viagem em Portugal: 1798-1802*. Lisboa: Biblioteca Nacional.

Sampaio, António Rodrigues (25 julho 1858). *A Revolução de Setembro*, n.º 4873, p. 4.

Teixeira, Maria de Fátima (novembro 2020). "Hotéis queirosianos: Hotel Lawrence". Araújo, Luís Manuel (Dir.), *Revista de Portugal* – Vila Nova de Gaia, Amigos do Solar Condes de Resende – Confraria Queirosiana, n.º 17, pp. 20-38.

GRAND HOTEL CENTRAL

LISBOA

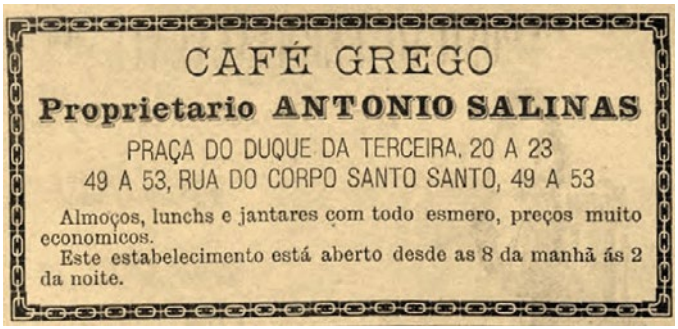
***Em compensação aí temos o Aterro, com as suas altas e esguias chaminés empenachadas de fumo, a fabrica de gelo artificial, o gazometro, a oficina de serração a vapor. Lá está o Grande Hotel Central, com a sua casa de banhos e o seu restaurante francês* (Ramalho Ortigão, *As Praias de Portugal*, 1876).**

O Grand Hotel Central, com cerca de 6.200 m^2 (Antunes, 2019), localizava-se no coração do Cais do Sodré, na Praça Duque de Terceira, correspondendo aos n.os 20-27. Em *Lisboa de Outrora*, menciona-se a existência de um clube denominado "Café do Grego", em 1808, instalado na loja que anteriormente correspondera ao armazém de equipamentos para navios, de John Bockley (Carvalho, 1938).

Situava-se na esquina da Praça dos Romulares com a Rua do Corpo Santo, ocupando os n.os 21-23. Com a mudança de proprietário, em 1907, cede lugar ao "Café Londres".

Por volta de 1835, o edifício foi ocupado pela hospedaria "Estrella Branca", n.os 20-27 e, em 1842, albergou o Príncipe Felix von Lichnowsky. Nas suas memórias sobre Portugal, o nobre prussiano destaca a (ainda) formosura e graciosidade da proprietária, que, a julgar pelos rumores, se relacionara amorosamente com D. Miguel, na juventude. Descreve, também, a beleza da paisagem sobre o Tejo e alude concretamente ao espaço e à decoração da hospedaria: *"Os quartos eram espaçosos, altos, arejados, e tinham camas largas […]. O chão, como se usa em […] Portugal, era coberto com esteiras finas, d'um amarello claro, que são tecidas de junco, e são muito elegantes, e agradáveis"* (1845).

Cerca de 1838, a hospedaria torna-se o "Hotel de France", de Madame Langlet, e, por volta de 1855, é trespassado ao proprietário do Grand Hotel Central. Júlio Verne jantou aqui pelo menos duas vezes (*Restos de Colecção*). Na já citada obra *Lisboa de Outrora*, alude-se ao encontro dos Cadetes do General Palmeirim, diretor do Colégio Militar, e do conde de Ozevoff, ministro da Rússia, numa sala do primeiro andar do hotel. Menciona-se, ainda, que, no ano de 1870, Prim foi assassinado pelo revolucionário Paulo y Angulo, em Madrid. O autor do crime fugiu para a capital portuguesa e homiziou-se num quarto do 2.º andar do Hotel Central, conseguindo iludir a polícia secreta e todos os que o procuravam, de entre os quais


CAFÉ GREGO
Proprietario ANTONIO SALINAS
PRAÇA DO DUQUE DA TERCEIRA, 20 A 23
49 A 53, RUA DO CORPO SANTO SANTO, 49 A 53
Almoços, lunchs e jantares com todo esmero, preços muito economicos.
Este estabelecimento está aberto desde as 8 da manhã ás 2 da noite.

Café Londres
21, 22, 23—PRAÇA DUQUE DA TERCEIRA (ao CAES DO SODRÉ)
LISBOA
Telephone 1952
Situated in the best part of the city
Excellent service
Table d'hôte and "à la carte"
Moderate charges.
Situé au centre de la ville
Service excellent
Table d'hôte et "à la carte"
Prix modérés.

▲ **Figura 1 – Anúncio (20 de janeiro de 1894)**
Fonte: Restos de Colecção – https://restosdecoleccao.blogspot.com/search?q=grande+hotel+central

▲ **Figura 2 – Café Londres (1914)**
Fonte: Restos de Colecção – https://restosdecoleccao.blogspot.com/search?q=grande+hotel+central

▲ **Figura 3 – Café Londres**
Fonte: Restos de Colecção – https://restosdecoleccao.blogspot.com/search?q=grande+hotel+central

o marquês de Nisa. No *Diário de um Monárquico*, Thomaz de Mello Breyner, 4.º Conde de Mafra, refere ter almoçado no Hotel Central com a família, numa segunda-feira, dia 10 de agosto de 1903.

No início do século XX, o hotel pertence a Conrad Wissmann; porém, durante a Primeira Guerra Mundial, o governo português confisca ao alemão todos os hotéis que possui e deporta-o para Espanha. O hotel é encerrado em 1919 e a Sociedade Estoril, que arrendara aos Caminhos de Ferro Portugueses a linha de Cascais, fica como nova locatária (*Restos de Colecção*; Ferreira, 2014).

Atualmente, esse edifício, adquirido por uma empresa alemã — Patrizia Immobilien (Antunes, 2019) —, alberga escritórios, vários estabelecimentos e o conhecido bar irlandês "Henessy's".

Remontemos à década de 60 do século de Oitocentos. No n.º 1 da revista *Archivo Pittoresco* (1860), emoldura-se o Grand Hotel Central na Praça dos Romulares, um terreiro onde existiam figueiras italianas, da espécie *romulare*. Atendendo ao facto de muitos locais de Lisboa tomarem a designação de árvores, o autor do artigo aventa a possibilidade de tal nome derivar da espécie citada. Contudo, como o próprio salvaguarda, tratar-se-ia de uma suposição, de uma conjetura. O hotel enquadrava-se numa praça, arborizada a mando da Câmara Municipal, e foi empedrada em 1845, *"de enxequetado preto e branco"*.

De acordo com os guias turísticos internacionais epocais, o Grand Hotel Central pontifica entre os mais afamados de Lisboa. Um anúncio que figura no *Guía Turístico Espanhol*, de De los Ríos (1888), descreve-o como um hotel à altura dos melhores hotéis estrangeiros: *"**Grand Hotel Central**, Caes do Sodrè. – Lisbonne. – Hôtel de premier ordre, situé sur le quai avec vue spléndide sur le Tage. – Cuisine française. – Cabinet de lecture. – Bains. – Table d'hôte à 6 heures. – Les employés parlent les principales langues étrangères"*.

Figura 4 – Hotel Central (Lisboa) – Gravura retirada de *Archivo Pittoresco. Semanário Illustrado*, 1860, página 1
Fonte: http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/ArquivoP/ArchivoPittoresco_TomoIII.htm

Todavia, não obstante os relatos históricos a ele associados, as referências ao Hotel Central e a sua relevância ao nível da urbanidade são, em larga medida, configuradas pela literatura. A análise comparativa de enunciados literários permite esboçar um retrato epocal e reconstruir espaços, mas não realizar uma fotografia objetiva e fiel do passado, porque a literatura, enquanto arte, plasma, modela, preenche os espaços lacunares da História. Tal como a pintura, apresenta *uma* realidade — verosímil —, mas instituída *por* e *nesse* jogo do faz-de-conta que as palavras configuram.

Pelo crivo de Eça de Queirós, o autor que mais prolificamente faz situar a narrativa diegética das suas obras no Hotel Central, poderemos reconstruir o ambiente vivenciado nesse espaço luxuoso da Lisboa de então, em cujos salões, quartos ou salas convivia a aristocracia e a alta burguesia: médicos, políticos, advogados, jornalistas, negociantes, banqueiros, agiotas, poetas, diletantes… Num discurso analéptico, evocativo do passado, quando era amanuense do Ministério do Reino, Teodoro, o narrador de *O Mandarim* (1880), diz que outrora o pungia o desejo de poder jantar no Hotel Central e beber champanhe, rodeado de *"mimosas viscondessas"* e dos homens mais ilustres do reino. O célebre episódio do jantar do Hotel Central de *Os Maias* (1888) figura como palco de sociabilidade das elites lisboetas. Este encontro serve para questionar o estatuto e o papel da literatura na sociedade. A discussão que se instaura parodia o antagonismo literário consubstanciado no Ultrarromantismo (de que é paladino Tomás de Alencar) e no Realismo/Naturalismo (propugnado pela figura de João da Ega). Da confraternização de todas estas personagens, socialmente influentes e relevantes, sobressaem diálogos e focalizações do narrador que apontam para a decadência do país, em todas as suas cambiantes, também mencionadas em obras como *As Farpas*, de Eça de Queirós e Ramalho Ortigão.

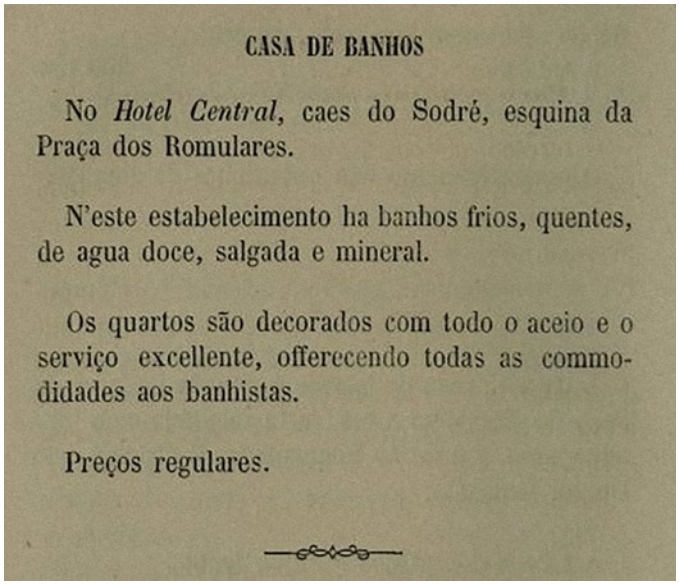
Miguel Sousa Tavares importa para a sua obra *Equador* (2003) o paradigma das tertúlias amiúde ocorridas no Hotel Central,

Figura 5 – Planta Topográfica de 1856
Fonte: Restos de Colecção – https://restosdecoleccao.blogspot.com/search?q=grande+hotel+central

protagonizadas pela chamada Geração de 70: *"[H]omens entre os 30 e os 50 anos, que todas as quintas-feiras se reuniam ao jantar, celebrando a apurada cozinha do Central e discutindo as novidades do mundo e os males do Reino"*. E, se os elementos integrantes do grupo mencionado — personalidades da maior relevância cultural portuguesa do século XIX, de entre os quais se destacam Eça de Queirós, Ramalho Ortigão, Teófilo Braga, Oliveira Martins e Guerra Junqueiro, se autointitulavam *Vencidos da Vida* — em *Equador*, contrapõe-se-lhe o grupo *Os Sobreviventes*. Este epíteto contraria o desânimo existencial evidenciado por aquela geração finissecular, porque neste romance as personagens não demonstram a angústia do atraso *"visceral lusitano"* e mostram-se dispostas *"a extrair daquela vida lisboeta do início de novecentos todo o partido que ela lhes pudesse dar"*.

Na esteira da referência supracitada de De los Ríos, vários autores sancionam o cosmopolitismo do hotel em estudo, essencialmente pela peculiaridade dos banhos de água do mar oferecidos e da cozinha, como Ramalho Ortigão (1876): *"Lá está o Grande Hotel Central, com a sua casa de banhos e o seu restaurante francês"*. Em *Os Maias*, alude-se aos banhos deste hotel como uma espécie de refrigério: *"– Pois eu* [Vilaça]*, depois de nos separarmos em Santa Apolónia, fui tomar um banho ao Central"*; em *O Primo Basílio* (1878), o Visconde Reinaldo frui dos banhos tépidos do hotel, de cuja tina saía a frescura aromática da água de Lubin.

O Dr. André Cavaleiro, de *A Ilustre Casa de Ramires* (1900), almoçava frequentemente no hotel, desde rapaz; no romance *O Primo Basílio*, a personagem homónima cita, orgulhosamente, *"o boeuf à la mode"* do Hotel Central. Em *A Capital* (1925), certa noite, Artur e Melchior saboreiam *"jambon d'York aux épinards"*. Num outro passo, em *A Tragédia da Rua das Flores* (1877), o Meirinho convida Vítor para jantar, mencionando-se a existência de gabinetes particulares e o vinho de qualidade que ali se serve. No romance *Equador*, alude-se aos *"crêpes Suzette"*, ao pato e ao rodovalho assados no forno, aos *"hors d'oeuvres"*, entre outros.



CASA DE BANHOS

No *Hotel Central*, caes do Sodré, esquina da Praça dos Romulares.

N'este estabelecimento ha banhos frios, quentes, de agua doce, salgada e mineral.

Os quartos são decorados com todo o aceio e o serviço excellente, offerecendo todas as commodidades aos banhistas.

Preços regulares.

Figura 6 – O Hotel Central no *Novo Guia do Viajante*. Precedido d'uma introdução de Julio Cesar Machado. Quarta Edição Muito Augmentada. Lisboa: J.J. Bordalo, 1880, página 66
Fonte: Restos de Colecção – https://restosdecoleccao.blogspot.com/search?q=grande+hotel+central

Vida de Lisboa (1900), de Alberto Pimentel, apresenta-nos, humoristicamente, um quadro lisboeta típico do mês de agosto. Nesta altura, por causa do calor, a população abandonava a capital, em busca de lugares frescos e aprazíveis. Numa dessas tardes, por volta das quatro horas, dois amigos, os únicos transeuntes da Rua Nova do Almada, resolvem jantar ali mesmo, desprovidos de pundonor e de medos, numa patuscada condimentada com toalha, mesa, cadeiras e belas colheres de prata, e salpicada com bom vinho e um delicioso lombo: *"— Eu te digo, foi hontem o Figaro no menu do Grand Hotel, que me suscitou a idéia de o mandar fazer para hoje. Justo é que, pelo menos à mesa, sejamos uma vez portuguezes. Eis aqui a razão do nosso «aloyau à portugaise»"*.

Um dos *ex-libris* do Hotel Central consubstanciava-se no reconhecimento da qualidade gastronómica da *cuisine française* que ali se confecionava, como temos referido. Se atentarmos nos manjares apresentados nas narrativas ficcionais, facilmente compreendemos a ironia alusiva à "importação" de tudo o que é estrangeiro, veiculada no diálogo supracitado. Curiosamente, de todas as menções concernentes ao hotel, apenas a de Maria Rattazzi se assume como pouco laudatória, mostrando-se (quase) depreciativa, na 16.ª carta inserta na obra *Portugal de Relance* (1881): *"[P]assa pelo melhor como cozinha; entretanto, nada ha n'elle de extraordinário"*.

Num estudo relativo aos serviços de restauração praticados em Lisboa no século XIX, João Pedro Gomes (2017) descreve, pormenorizadamente, a evolução efetuada nos serviços de jantar e respetivo preçário, no Hotel Central, abarcando as décadas de 70, 80 e 90. Refere, a este propósito, que, em 1899, o *Annuario Comercial de Lisboa* (edição de 1896-99) dá conta da existência do serviço de quartos e salas para famílias e jantares particulares e de jantares de mesa redonda, a mil réis, servidos às 18h30.

A título parentético, também podemos aduzir a ostentação das louças e da decoração luxuosa do hotel: n'*Os Maias*, refere-se que,

Figura 7 – Grand Hotel Central
Fonte: Restos de Colecção – https://restosdecoleccao.blogspot.com/search?q=grande+hotel+central

ao declinar o dia, enquanto Ega esperava pelos seus companheiros no gabinete, sentado num *"divã de marroquim"*, um criado acendeu o gás e, como num passe de mágica, *"a mesa surgiu da penumbra, com um brilho de cristais e louças, um luxo de camélias em ramos"*. Em *O Primo Basílio*, o hotel figura como o ninho dos amores adúlteros de Luísa e, num desses encontros furtivos, o requinte faz-se notar em pequenos detalhes, como o serviço particular de refeição no quarto, acompanhado de champanhe, e a marca do hotel impressa na louça.

O hábito de ingerir bebidas alcoólicas contribui, igualmente, para recriar o ambiente do hotel, espaço onde os homens se reúnem para tratar dos assuntos mais relevantes aos mais prosaicos e mundanos. Em *O Mandarim*, o narrador diz que, sobre a mesa do jantar, num gabinete do Hotel Central, se apresentavam garrafas de Bordéus, Borgonha, Champagne, Reno e licores *"de todas as comunidades religiosas"*. Num outro passo, no largamente citado jantar do Hotel Central, os convivas bebem champanhe e vermute, que substitui o absinto, enquanto esfumaçam charutos.

Num extenso romance, intitulado *Os Invisíveis de Lisboa*, transmite Gervásio Lobato a Lisboa que o cerca, com a *"objetividade de uma câmara fotográfica"* (Ferro, 2011), num franco riso humorista. O Barão do Pico, intrigado com o que lera no jornal, onde se aludia a uma sessão de espiritismo, refere ao Conselheiro Frangilhosa que irá ao Hotel Central perguntar da veracidade do episódio ao senhor Carvalho: *"– […] Eu conheço muito o gerente do hotel, vou lá muitas vezes, já lá tenho estado hospedado"* (1887). Este não se encontrava no local, portanto, o Barão utiliza outro expediente, para tentar obter a informação. No diálogo que estabelece com o criado, sanciona-se a permanência da *"feiticeira"*, Dolmar Van der-Pruck, naquele espaço, evocando uma antiga hóspede, mesclando-se, destarte, o mundo ficcional e a factualidade: *"– [S]ão aquelles quartos ali, que fazem esquina para a rua dos Romulares e para o largo, onde esteve a princesa Rattazzi"*.

Figura 8 – Hotel Central e a Meridiana dos Romulares
Fonte: Restos de Colecção – https://restosdecoleccao.blogspot.com/search?q=grande+hotel+central

Todavia, não obstante as alusões que apresentam o Hotel Central como cenário romanesco, frequentado pelas mais nobres estirpes sociais ou como um hotel que prima pela *cuisine française* e pelos banhos, figurará para sempre como um marco inolvidável no universo da literatura portuguesa, por razões trágicas. Falamos, obviamente, da trama que o destino habilmente tece para nele enredar os incestuosos amores dos netos de Afonso da Maia (*Os Maias*). A descrição que anuncia a figura de Maria Eduarda aos olhos de Carlos da Maia enquadra o Hotel Central numa moldura que propicia uma ampla visão — (re)criada — do espaço, numa perspetiva subjetiva da paisagem, a partir da focalização que opera o narrador. Trata-se, efetivamente, de uma descrição ominosa, repleta de sinais. De facto, muito embora salpicada de palavras graciosas e de pinceladas quase feéricas, antecipam, de forma muito subtil, a tragédia, contida nas sinestesias (a confusão de sentidos) e nos verbos, que a traduzem: *"Sobre o rio, no céu largo, a tarde* ***morria****, sem uma aragem […]; as terras, os longes da outra banda já se iam* ***afogando*** *num vapor aveludado, do tom de violeta; a água* ***jazia*** *lisa e luzidia"*.

Precisamente no dia do jantar que oferece ao Cohen no Hotel Central, Carlos da Maia vê, pela primeira vez, essa mulher que lhe iluminará o olhar e o sorriso. A figura de Maria Eduarda destaca-se das demais lisboetas: alta, com o *"esplendor da sua carnação ebúrnea"*, de *"passo soberano de deusa"*, *"deixando atrás de si como uma claridade, um reflexo de cabelos de ouro, e um aroma no ar"*.

Estavam lançados os dados…

OUTROS AUTORES QUE SE HOSPEDARAM NO GRAND HOTEL CENTRAL

- **Guerra Junqueiro** (Freixo de Espada à Cinta, 1850–Lisboa, 1923): Estudou Teologia em Coimbra, curso que abandonou, transferindo-se para o de Direito. Foi Ministro Plenipotenciário da República Portuguesa na Suíça. Grande poeta social, considerado o Victor Hugo português, e um dos principais representantes da Geração de 70. Frequentou as tertúlias literárias realizadas no Hotel Central.

- **Júlio Verne** (Nantes, 1828–Amiens, 1905): Estudou Direito em Paris. Foi frequentador assíduo de tertúlias literárias. Conheceu outros notáveis escritores, como Victor Hugo e Alexandre Dumas Filho. Autor de romances, como *Vinte Mil Léguas Submarinas*. Em 1886, sobreviveu a uma tentativa de assassinato, mas foi atingido numa perna e ficou coxo para o resto da sua vida.

- **Luís Augusto Xavier Palmeirim** (Lisboa, 1825–Lisboa, 1893): Poeta ultrarromântico, dramaturgo, deputado, jornalista… Diretor do Colégio Militar, onde estudou, tendo participado na revolta da Maria da Fonte. Foi censor do teatro e Diretor do Conservatório Real de Lisboa, durante longo período. Membro da Academia Real das Ciências, da Sociedade Escolástico-Filomática e da Associação Literária Internacional.

- **Oliveira Martins** (Lisboa, 1845–Lisboa, 1894): Um dos principais representantes da Geração de 70. É conhecido como um dos fundadores da moderna historiografia portuguesa e um dos maiores vultos da intelectualidade do nosso país. Frequentou as tertúlias literárias realizadas no Hotel Central.

- **Paulo y Angulo** (Jerez de la Frontera, 1842–Paris, 1892): Político e escritor, oriundo de uma família que negociava

em vinhos. Em Londres, torna-se grande amigo do General Juan Prim y Prats. Todavia, os seus ideais revolucionários e republicanos levam-no a assassiná-lo, em 1870. Depois, homiziou-se num quarto do 2.º andar do Hotel Central, embarcou num vapor e fugiu para Buenos Aires.

- **Teófilo Braga** (Ponta Delgada, 1843–Lisboa, 1924): Um dos principais representantes da Geração de 70. Fundou o Partido Republicano e foi nomeado Presidente da República por via constitucional, em 1915. A sua obra constitui uma abordagem pioneira na História da Literatura Portuguesa. Frequentou as tertúlias literárias realizadas no Hotel Central.

- **Thomaz de Mello Breyner** (Lisboa, 1866–Lisboa, 1933): Médico notável da casa real e clínico nos Hospitais Civis de Lisboa. Acompanhou a transição do século e dos regimes, tendo colaborado em publicações periódicas. Conviveu com gente muito humilde e privou com ilustres nomes, como o rei D. Luís, a rainha D. Amélia ou Almada Negreiros. Foi colega do Professor Sousa Martins.

BIBLIOGRAFIA

Antunes, Marisa (2019). "Hotel das obras de Eça comprado por investidor alemão". Consultado em maio de 2020 em https://visao.sapo.pt/imobiliario/2019-07-10-Hotel-das-obras-de-Eca-comprado-por-investidor-alemao/.

Archivo Pittoresco (1860), n.º 1. http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/ArquivoP/ArchivoPittoresco_TomoIII.htm

Breyner, Thomaz de Mello. *Diário de um monárquico: 1902-1904*. Consultado em agosto de 2020 em https://archive.org/stream/DirioDeUmMonrquicoThomazDeMelloBreyner.o/Di%C3%A1rio%20de%20um%20Mon%C3%A1rquico-Thomaz%20de%20Mello%20Breyner.o_djvu.txt.

Carvalho, João Pinto de (1938). *Lisboa de outrora*. Vol. I. Lisboa: Grupo de Amigos de Lisboa.

Ferreira, Ana Maria (2014). "Estilo de vida, modelos de urbanismo e de desenvolvimento turístico das estâncias balneares no século XIX – A costa de Cascais e do Estoril: Casos de Cascais, Monte Estoril e Santo António do Estoril". *Revista Turismo & Desenvolvimento*, n.º 21/22, pp. 365-374. Consultado em agosto de 2020 em https://www.researchgate.net/publication/264167248.

— (2014). "Os hotéis de Lisboa no contexto das políticas e das culturas urbanas do século XIX". *Revista Turismo & Desenvolvimento*, n.º 21/22, pp. 355-364. Consultado em agosto de 2020 em https://www.researchgate.net/publication/264167050.

Ferro, Manuel (2011). "Narrativas inconclusas: Lisboa na pena de folhetinistas de finais do século XIX (Fialho de Almeida e Gervásio Lobato)". *Dossiê*. Hist. R., Goiânia, v. 16, n.º 1, pp. 151-184, jan./jun.

Gomes, João Pedro (2017). "«Almoços, *lunchs*, jantares e ceias»: os serviços de restauração em Lisboa à luz dos anuários comerciais (1871-99). Tipologias, serviços e produtos". Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra. *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, 18, pp. 130-155. Consultado em maio de 2020 em https://doi.org/10.14195/1645-2259_18_7.

Leite, José Augusto (1 setembro 2016). "Grand Hotel Central em Lisboa". *Blog Restos de Colecção*. Consultado em maio de 2020 em https://restosdecoleccao.blogspot.com/2016/09/grand-hotel-central-em-lisboa.html.

Lichnowsky, Felix von (1845). *Portugal. Recomendações do anno de 1842*. Lisboa: Imprensa Nacional.

Lobato, Gervásio e Victor, Jaime (1887). *Os invisíveis de Lisboa*. Vol. VI. Lisboa: David Corazzi Editor.

Marques, Teresa (2009). "Quantas vidas no Hotel Central?". Consultado em setembro de 2020 em https://teresamarques2009.wordpress.com/2012/03/15/quantas-vidas-no-hotel-central/.

Martins, Rui (2014). "A Madame Rattazzi e Camilo Castelo Branco". *Tertúlia Bibliófila*. Consultado em maio de 2020 em https://tertuliabibliofila.blogspot.com/2014/06/a-madame-rattazzi-e-camilo-castelo.html.

Matos, Ana Cardoso de; Ribeiro, Elói e Bernardo, Maria Ana (2009). "Caminhos--de-ferro e turismo em Portugal (final do século XIX e primeiras décadas do século XX)". Consultado em maio de 2020 em http://biblioteca.universia.net/html_bura/ficha/params/title/caminhos-ferro-turismoem-portugal-final-do-seculo-xix-primeiras/id/52547963.html.

Ortigão, Ramalho ([1876] 2001). *As praias de Portugal*. Lisboa: Frenesi.

Pimentel, Alberto de (1900). *Vida de Lisboa*. Colecção Antonio Maria Pereira.

Queirós, Eça de ([1877] 1980). *A tragédia da Rua das Flores*. [Transcrição anotada do original manuscrito, fixação e notas de Mascarenhas Barreto]. Lisboa: Livros do Brasil.

— ([1878] s.d.). *O primo Basílio: Episódio doméstico*. [Coment. Helena Cidade Moura]. Lisboa: Livros do Brasil.

— ([1880] 1992). *O Mandarim*. [Anot. Helena Cidade Moura]. Lisboa: Livros do Brasil.

— ([1888] 1970). *Os Maias: Episodios da vida romântica*. [Coment. Helena Cidade Moura]. Lisboa: Livros do Brasil.

— ([1900] 1991). *A ilustre Casa de Ramires*. [Fixação do texto e notas de Helena Cidade Moura]. Lisboa: Livros do Brasil.

— ([1925] 1980). *A capital*. Lisboa: Livros do Brasil.

Rattazzi, Maria (1881). *Portugal de relance*. Vol. II. Lisboa: Livraria Zeferino-Editora. Consultado em maio de 2020 em https://www.yumpu.com/pt/document/read/14296845/portugal-de-relance-por-maria-rattazzi-traduccao-portugueza-.

Ríos, Francisco Giner de los (1888). *Portugal. Impresiones para servir de guía al viajero*. Madrid: Imprenta Popular.

Santos, Miguel Dias (2017). "A evolução do alojamento nos primórdios do turismo em Portugal: Discursos e realizações (1800-1906)". Evolution of lodging in early portuguese tourism: Discourses and achivements (1800-1906). *Rosa dos Ventos: Turismo e Hospitalidade*, Vol. 9(4). Consultado em maio de 2020 em https://www.redalyc.org/jatsRepo/4735/473552032001/html/index.html.

Tavares, Miguel Sousa (2003). *Equador*. Lisboa: Oficina do Livro.

HOTEL AVENIDA PALACE

LISBOA

Os cristais lampejavam. Um sol vibrante, lisboeta, passeava, esplendorosamente, na sala do Avenida Palace, alourando a atmosfera. Sentia-se fora o ruído, o movimento esparso da rua. Madame Lenoir, perto, sózinha, também almoçava **(João Ameal e Luís Guimarães, *As Criminosas do Chiado*, 1925).**

Sito na Rua 1.º de Dezembro, com o n.º 123, o hotel que hoje conhecemos como Avenida Palace é uma referência, um marco relevante na história hoteleira da capital portuguesa, por distintas razões, como adiante teremos oportunidade de constatar.

Numa segunda-feira, dia 10 de outubro de 1892, sob a direção de Daniel de Leidi, inaugura-se o primeiro hotel construído de raiz em Lisboa — o "Hotel Internacional" —, numa magnífica e grandiosa cerimónia que envolve a alta sociedade lisboeta.

A designação do hotel será alterada para Avenida Palace, no ano seguinte. O articulista do *Diario Illustrado* (1892), onde se divulga o tão aguardado evento, define-o como uma unidade de alojamento de grande qualidade, na esteira dos melhores e mais conceituados hotéis existentes no estrangeiro.

Os tempos áureos do Hotel Avenida Palace associam-se à história da Estação Central do Rossio, porque o edifício, projetado pelo arquiteto José Luiz Monteiro, é inicialmente destinado a repartições da Companhia Real dos Caminhos de Ferro e da Administração dos Correios. Só mais tarde é concluído pelo Sr. Duray, arquiteto da grande operadora ferroviária belga Compagnie Internationale des Wagons-Lits et des Grands Express Européens, companhia a que foi alugado e que o converterá em hotel.

As gravuras insertas no artigo do *Diario Illustrado* dão conta da dimensão deste imponente edifício, erigido no mesmo alinhamento da Estação Central do Rossio, de estilo neomanuelino, construída dois anos antes, e cujas fachadas principais têm a dimensão de 29,5 metros de comprimento, na parte que dá para a Avenida da Liberdade, e 40 metros na que dá para a Rua do Príncipe.

O autor do artigo supracitado descreve-o minuciosamente como *"elegante na fórma"* e de *"carácter expressivo"*, rivalizando, por isso, com os melhores edifícios modernos do estrangeiro (1892). O

GRANDE HOTEL

INTERNACIONAL

Ao lado da gare central e Avenida

Abertura no dia 10 de outubro

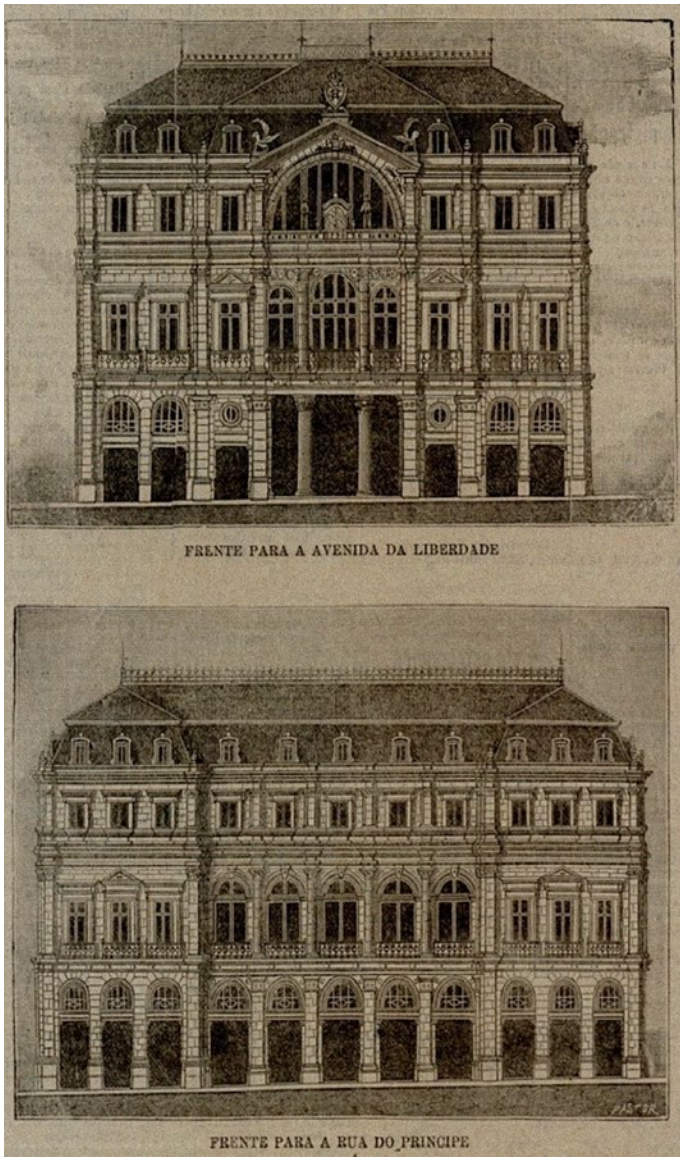
Esta casa que rivalisa com os melhores hoteis do mundo tem aposentos e quartos confortaveis de 700 réis em deante.

Jantar servido em mezas separadas no magnifico salão 1$000 réis o talher.

Para o aluguer dos quartos, etc., etc., dirijiram-se á direcção.

D. de Leidi

DIRECTOR



▲ **Figura 1 – Hotel Internacional. Gravura retirada de *Diário Illustrado*. Número 7018. Segunda-feira, 10 de outubro de 1892, página 4**
Fonte: http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/ArquivoP/

▶ **Figura 2 – Hotel Internacional. Gravuras retiradas de *Diário Illustrado*. Número 7018. Segunda-feira, 10 de outubro de 1892, páginas 1-2**
Fonte: http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/ArquivoP/

hotel foi, inclusivamente, recomendado pela Sociedade de Propaganda de Portugal. Muito embora hoje se encontre fechado, na altura, o hotel e a estação comunicam entre si, por meio de um corredor com a extensão de 10 metros, e todos os andares se ligam ao prédio contíguo, à época pertencente ao Marquês da Foz. Ainda de acordo com o colunista, o Avenida Palace é *"vasto"* e as suas condições igualam um estabelecimento de *"primeira ordem"*: apresenta três andares e conta com duzentos quartos e inúmeras salas *"luxuosamente mobiladas"*.

O supramencionado colunista refere que o primeiro andar apresenta, desde o número 1 ao 11, quartos; no anexo, dos números 12 a 37, salas de jantar, salões de leitura distintos para homens e senhoras, e gabinete para fumar. Para serviço dos hóspedes, possui um elevador hidráulico. As casas de banho são *"magnificas"* e todas as habitações têm grande luminosidade e exibem o brilho da limpeza e da higiene a que a elite europeia estava habituada.

O colunista do *Jornal de Notícias*, também encarregado de apresentar o hotel (Ferreira, 2014), anuncia a magnificência deste espaço, descrevendo a sumptuosidade dos seus compartimentos, na altura. O autor refere que, no primeiro e segundo andares, se situam os quartos, mobilados com camas de latão; nos andares superiores, obrados em latão e ferro, os leitos são envoltos por *"mosquiteiros"* e adornados com *"colchas riquíssimas"*, em *"damasco de seda"* azul e vermelha. Os tapetes, os sofás e os reposteiros aqui colocados também denotam grande qualidade e fausto. Os melhores quartos *"para nababos"* e *"príncipes multimilionários"* integram uma casa de banho privativa (Ferreira, 2014).

Destacando as condições de luxo que possui, João Pedro Gomes (2017) refere que a unidade hoteleira conta, à época, com um *"café"*, um *"glacier"* e uma *"magasin de comestibles"*. Nas salas do Avenida Palace, realizam-se almoços, *soirées* e jantares, acompanhados por orquestra ou por um pianista, o que

Figura 3 – Hotel Avenida Palace na atualidade: quarto
Fonte: Hotel Avenida Palace – https://www.hotelavenidapalace.pt/gallery

Figura 4 – Hotel Avenida Palace na atualidade: salão
Fonte: Hotel Avenida Palace – https://www.hotelavenidapalace.pt/gallery

merece destaque nos jornais de então; há serviços de jantares particulares, prevendo-se serviços de alojamento com alimentação incluída.

O Avenida Palace surge integrado num espaço singular, onde ocorrem pequenas histórias que darão origem à História: Sidónio Pais é alvejado a tiro, em dezembro de 1918, enquanto se dirige para o hotel. Durante a Segunda Guerra Mundial, institui-se como um centro nevrálgico de espionagem e, simultaneamente, alberga as pessoas em colchões, numa camarata improvisada nos corredores (*Público*, 2004).

A restauração do edifício levou alguns anos a concluir. Muito embora a decoração do hotel tenha sofrido alterações, ostentando alguns espaços modernizados, como as casas de banho, os quartos mantêm a traça epocal, refinada e sumptuosa, lembrando a grandiosidade pretérita. Alguns dos quartos são decorados com escrivaninhas e, exibindo a modernidade tecnológica, muitos estão apetrechados com plasmas com TV por cabo/satélite, minibar e ar condicionado. O Avenida Palace reflete a magnificência epocal, ostentando um mobiliário luxuoso, como sucede com os espaços comuns, amplos e magníficos, a que não são alheios os detalhes de uma decoração soberba. Neles se destacam objetos muito requintados: belíssimos lustres pendem do teto; *bibelots* e quadros valiosos embelezam as divisórias; velhas poltronas, muito confortáveis, acolhem-nos em diversas áreas; relógios de parede antigos fazem-nos sonhar e parar no tempo.

Os espaços onde se realizam as refeições, adornados com lustres magníficos, reenviam-nos para uma época que acolheu reis e grandes figuras de estado. Do chão luzente de alguns espaços sobressai uma grandeza marmórea, emoldurada por corrimões minuciosamente trabalhados que encaixilham grandes escadarias, servindo de local de passagem entre os compartimentos. O bar, amplo, também não esconde o fausto, onde os hóspedes podem confraternizar. O hotel mantém uma luminosidade natural

Figura 5 – Hotel Avenida Palace (fotografia dos anos 40, século XX)
Fonte: Restos de Colecção – https://restosdecoleccao.blogspot.com/search?q=avenida+palace

Figura 6 – Hotel Avenida Palace na atualidade: salões
Fonte: Hotel Avenida Palace – https://www.hotelavenidapalace.pt/gallery

fabulosa, quer pela existência de janelas, quer pela existência de vitrais no teto, que possibilitam uma iluminação constante.

A literatura revela-se uma grande fonte para o conhecimento do ambiente social vivenciado neste hotel, representado por *soirées* e tertúlias, e dá conta do ambiente áureo que aqui se vive, desde a sua fundação. *As Naus* (1988), de António Lobo Antunes, referem-no como um "bom hotel". Em *Rio das Flores* (2007), de Miguel Sousa Tavares, o narrador alude a este ambiente faustoso: *"Gostava do pequeno-almoço no quarto, do primeiro charuto do dia fumado numa poltrona de couro da sala de espelhos"; "do que mais gostava era de ficar no restaurante do hotel, de largas janelas rasgadas sobre a Avenida da Liberdade e ainda iluminado a velas por estrita vontade da gerência"*.

A língua predominante neste espaço, a falada pelas elites, no século XIX e no início do século XX, é o francês, o que surge documentado em obras como *As Criminosas do Chiado*, de João Ameal e Luís Guimarães: "*À entrada, junto do porteiro, uma senhora alta perguntava qualquer coisa, em francês"* (1925). Em *Dona Pura e os Camaradas de Abril* (1999), Germano Almeida alude ao hotel como espaço propício ao amor, onde as personagens passam a lua de mel: *"E depois partimos para o Palace Hotel onde nos amámos por oito dias"*.

O Ano da Morte de Ricardo Reis (1984), de José Saramago, refere-o como palco de observação feminina de um simulacro de ataque aéreo: *"Agora passou um automóvel do Estado, leva lá dentro o ministro do Interior e pessoas da família, as senhoras não faltaram, outras o seguem noutros carros, vão assistir ao exercício das janelas do Hotel Avenida Palace"*. Em *O Milagre segundo Salomé*, de José Rodrigues Miguéis, o hotel enquadra o cenário de uma manifestação do operariado e de republicanos no Rossio, rapidamente cercada e contida pela tropa: "*A uma esquina da Estação, perto do Palace Hotel, surge a primeira metralhadora, um velho modelo Vickers da Grande Guerra"* (1975). Num outro

Figura 7 – Hotel Avenida Palace na atualidade: salão das refeições
Fonte: Hotel Avenida Palace – https://www.hotelavenidapalace.pt/gallery

excerto, evidencia-se a grande agitação política e social de 1917: *"As fileiras estreitam-se, comprimem-se junto ao Palace Hotel, onde alguns estrangeiros, provincianos e empregados arregalam olhos por trás das cortinas arrendadas"* (1975).

Seja pelas referências literárias, seja pela beleza que a sua fachada exterior exibe, com altivez, passado e presente unem-se, neste edifício icónico. Localizado numa zona central da cidade, com acessos privilegiados a transportes públicos, recorda um cenário distinto e fascinante — o da Lisboa de outrora —, com o Castelo de São Jorge a evocá-lo. E nas suas imediações localizam-se o Elevador de Santa Justa, o Panteão Nacional e a zona do Martim Moniz. O livro de registos do Avenida Palace é um passaporte que exibe a estada de ilustres figuras no espaço, que em muito contribui para a importância que o mesmo assume, desde a sua edificação.

OUTROS AUTORES QUE SE HOSPEDARAM NO HOTEL AVENIDA PALACE

- **Almada Negreiros** (São Tomé, 1893–Lisboa, 1970): Órfão, viajou para Lisboa com sete anos de idade, sendo criado por uma tia materna. Escritor e artista polifacetado, irreverente e original, foi um dos principais representantes do vanguardismo modernista e figura ímpar no panorama artístico português do século XX. Com Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro, formou o grupo da revista *Orpheu*. Foi hóspede do Avenida Palace.

- **François Charles Mauriac** (Bordéus, 1885–Paris, 1970): Romancista, poeta, dramaturgo, ensaísta e jornalista francês. Escreveu para jornais como *Le Figaro* e *L'Express*. De entre os seus romances destacam-se *Thérèse Desqueyroux* (1927), *Le Noeud de Vipères* (1932), *Le Sagouin* (1951) e *Un Adolescent d'Autrefois* (1969). Foi laureado com o Prémio Nobel da Literatura, em 1952.

- **Jacques Maritain** (Paris, 1882–Toulouse, 1973): Filósofo humanista francês, de orientação católica (tomista), cujas obras muito influenciaram o conceito de Democracia Cristã. Foi professor na França, no Canadá e nos Estados Unidos da América, e embaixador da França no Vaticano. Após a morte da esposa, retirou-se para Toulouse, onde foi admitido na Fraternidade *Petits Frères de Jésus*.

- **Jules Romain, pseudónimo de Louis Farigoule** (Saint-Julien-Chapteuil, 1885–Paris, 1972): Escritor, filósofo, poeta e dramaturgo francês. Fundador do Unanimismo. Membro da *Académie Française*. É autor da trilogia romanesca *Mort de Quelqu'un*, *Les Copains* e *Psyché*. Após a Primeira Guerra Mundial, passou a dedicar-se, sobretudo, ao teatro e, nos anos de 1920-1930, consagrou-se como autor cómico e satírico.

- **Manuel Teixeira Gomes** (Portimão, 1860–Argélia, 1941): Cronista, dramaturgo, romancista, crítico de arte e político. Matriculou-se na Faculdade de Medicina em Coimbra, mas não concluiu o curso. Conviveu com grandes figuras da literatura, como António Nobre e Teófilo Braga. Foi Presidente da República, de 1923 a 1925. Tinha o Avenida Palace como hotel de eleição.

- **Miguel de Unamuno** (Bilbau, 1864–Salamanca, 1936): Pedagogo, ensaísta e filósofo existencialista espanhol, cujo pensamento se detém sobre o isolamento espanhol face à Europa Ocidental. Autor do livro *A Vida de Don Quijote y Sancho*. Os seus romances são marcados pela desilusão e ilustram, sobretudo, as suas ideias filosóficas.

- **Wenceslao Fernández Flórez** (La Coruña, 1885–Madrid, 1964): Escritor e periodista espanhol. Publicou inúmeros romances e livros de contos, de que sobressai a ironia. As suas obras revelam um grande ceticismo em relação ao mundo materialista, que relega os valores espirituais e morais, como *As Sete Colunas*. As personagens que cria são desencantadas, dominadas pelo pessimismo e pela frustração.

BIBLIOGRAFIA

Almeida, Germano (1999). *Dona Pura e os camaradas de abril*. Lisboa: Caminho.

Ameal, João e Guimarães, Luís de Oliveira (1925). *As criminosas do Chiado*. Lisboa: Edição de João Romano Torres & Cª.

Antunes, António Lobo (1988). *As naus*. Lisboa: Dom Quixote.

Diario Illustrado (10 de outubro de 1892), n.º 7018. Editor responsável: José Maria Baptista de Carvalho, p. 1.

Ferreira, Ana Maria (2014). "Os hotéis de Lisboa no contexto das políticas e das culturas urbanas do século XIX". *Revista Turismo & Desenvolvimento*, n.º 21/22, pp. 355-364. Consultado em agosto de 2020 em https://www.researchgate.net/publication/264167050.

Gomes, Gilberto (2009). "Lisboa: A plataforma portuária e as ligações ferroviárias". Consultado em março de 2020 em http://www.docutren.com/congreso_palma/pdfs/com/Ses02/0206_Gomes.pdf.

— João Pedro (2017). "«Almoços, *lunchs*, jantares e ceias»: os serviços de restauração em Lisboa à luz dos anuários comerciais (1871-99). Tipologias, serviços e produtos". Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra. *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, 18, pp. 130-155. Consultado em maio de 2020 em https://doi.org/10.14195/1645-2259_18_7.

"Hotéis com história. Próxima estação: Avenida Palace" (2004). Consultado em maio de 2020 em https://www.publico.pt/2004/03/28/jornal/hoteis-com--historia-186190.

Matos, Ana Cardoso de; Ribeiro, Elói e Bernardo, Maria Ana (2009). "Caminhos--de-ferro e turismo em Portugal (final do século XIX e primeiras décadas do século XX)". Consultado em março de 2020 em http://biblioteca.universia.net/html_bura/ficha/params/title/caminhos-ferro-turismoem-portugal-final--do-seculo-xix-primeiras/id/52547963.html.

Miguéis, José Rodrigues ([1975] 2000). *O milagre segundo Salomé*. Vol. I. Lisboa: Editorial Estampa.

Pires, Filipa Rodrigues (2000). *Para uma leitura da arquitetura doméstica temporária. Uma investigação sobre a produção de uma tipologia habitativa no século XIX português. Em Lisboa – o Hotel Avenida Palace* (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa.

Queiroz, Ana Isabel e Alves, Daniel (2012). *Lisboa, lugares da literatura. História e geografia na narrativa de ficção do século XIX à actualidade*. Lisboa: Apenas Livros.

Santos, Miguel Dias (2017). "A evolução do alojamento nos primórdios do turismo em Portugal: Discursos e realizações (1800-1906)". Evolution of lodging in early portuguese tourism: Discourses and achivements (1800-1906). *Rosa dos Ventos: Turismo e Hospitalidade*, Vol. 9(4). Consultado em maio de 2020 em https://www.redalyc.org/jatsRepo/4735/473552032001/html/index.html.

Saramago, José (1984). *O ano da morte de Ricardo Reis*. Lisboa: Caminho.

Tavares, Miguel Sousa (2007). *Rio das Flores*. Lisboa: Oficina do Livro.

HOTEL BRITANIA

LISBOA

O homem mais jovem levantou-se rapidamente quando viu o homem mais velho entrar no restaurante e caminhar em direção à sua mesa. […] "Nenhum deles era o que parecia ser." […] "Apertaram as mãos. Então Dulles fez sinal para que Frade se sentasse. Um empregado apareceu." Depois de Dulles pedir ao empregado um Johnnie Walker duplo e de Frade recusar por ir pilotar, Frade pergunta "então, como vai a guerra?". "Em certo sentido, muito bem" responde Dulles, mas "parou quando viu o empregado aproximar-se com a sua bebida". "Quando o empregado saiu novamente, Dulles ergueu o copo em saudação e disse solenemente «À Vitória na Europa»".

Um encontro entre dois espiões no Hotel Britania. Apenas o primeiro dos vários momentos da narrativa que decorrem em Lisboa, no Hotel Britania, este episódio é situado pelo narrador no dia 3 de maio de 1945.

Podia tratar-se do relato de uma cena verídica, já que os hotéis de Lisboa foram palco privilegiado de episódios de espionagem durante a Segunda Guerra Mundial. Neste caso, o excerto é retirado de um dos romances de espionagem da autoria de W.E.B. Griffin e William E. Butterworth IV, *Victory and Honor* (2011). Então em vésperas da rendição alemã, os americanos Dulles e Frade, agentes ativos da OSS (sigla inglesa para o Gabinete de Serviços Estratégicos criado durante a Segunda Guerra Mundial), encontram-se no bar-restaurante deste hotel. Um ritual que se repetia havia meses, enquanto Frade aguardava a autorização para mais um voo no seu SAAA Lockhead Constellation, no âmbito da operação que contrabandeava, com vistos do Vaticano, vários alemães e respetivas famílias para a Argentina.

Este é o ambiente que se vive na década de 40, no "Hotel do Império", atualmente Hotel Britania, inaugurado a 13 de outubro de 1944, na Rua Rodrigues Sampaio, n.º 17. Um hotel que abre portas numa época em que o regime conservador de Salazar coleciona oposições furtivas e em que Portugal assume uma posição neutral na Segunda Guerra Mundial. O "Hotel do Império" foi, à semelhança de outros estabelecimentos hoteleiros

UM EMPREENDIMENTO TURISTICO ARROJADO

Vai inaugurar-se em Lisboa

o novo «Hotel do Império»

iniciativa do sr. Joaquim Ribeiro de Almeida

que se propõe remodelar a hotelaria portuguesa

A orientação que, desde há anos, vem a imprimir-se á administração da cidade e que dá a Lisboa a importancia e significação de uma das principais cidades europeias começa a imprimir ao importante problema do turismo o justo sentido de compreensão e raciocinio que o igualará com firmeza ao realizado no estrangeiro.

Necessário se tornava, portanto, que a industria hoteleira em especial evoluisse de forma a estar á altura da categoria que disfruta a nossa capital.

As dificuldades de momento obrigam as reservas mas tambem é certo que ao comercio e á industria compete derruir obstáculos e prepara:-se para o após guerra, não deixando cair no esquecimento os louvores conquistados á custa de sacrificios.

Vai caber ao conhecido e arrojado industrial sr. Joaquim Ribeiro de Almeida uma importante parte no desenvolvimento da industria em Portugal e, nomeadamente, em Lisboa e no Porto, o que o tornará certamente credor dos maiores louvores. Assim, a capital será dotada, a partir da inauguração oficial pelo sr. Presidente da Republica membros do Govêrno e outras entidades oficiais, no proximo dia 13, com um modelar e luxuoso hotel, na rua Rodrigues Sampaio n.º 17 e que se intitulará «Hotel do Imperio».

Cinco andares e um grande terraço, ligados por ascensores, constituem o edificio de linhas arquitectonicas modernas, onde o luxo, o bom gôsto, a comodidade e a beleza pictorica constituem um ambiente mais que convidativo.

(Continua na 7.ª pag.)

MAUS CAMINHOS, MAUS ENCONTROS
Para que escolher casas que não nos sirvam bem? Prefira a
Grande Ourivesaria da Moda

▲ **Figura 1 – Etiqueta de bagagem do Hotel Império, atual Hotel Britania (c. 1950-1960)**
Fonte: Museu Virtual do Turismo (MUVITUR)

▲ **Figura 2 – Fachada do hotel (s.d., Estúdio Horácio Novais, 1930-1980)**
Fonte: Flickr Biblioteca de Arte, FCGulbenkian

▲ **Figura 3 – Notícia que anuncia a inauguração do hotel**
Fonte: *Diário de Lisboa*, 7 de outubro de 1944, página 5

da capital, local de eleição para estadas e sociabilidade de elites intelectuais e financeiras, diplomatas, espiões e artistas.

A festa de inauguração do "Hotel do Império", iniciativa de Ribeiro de Almeida, é notícia no dia seguinte. No *Diário de Lisboa* (14 outubro 1944), informa-se sobre a abertura de *"um novo hotel, com todas as condições de higiene, comodidade, modernismo e bom gosto. À noite realizou-se um jantar a que assistiram cerca de 100 pessoas, em honra de elementos de destaque nas actividades de turismo, jornalistas e outras entidades, tendo presidido o sr. Fausto de Figueiredo"*. No mesmo dia, o *Diário da Manhã* refere-se ao novo hotel, afirmando tratar-se de um *"alojamento inédito"* que *"só não é o melhor, porque é diferente dos que já existiam"*. O Presidente General Carmona *"dirigiu palavras de louvor e apreço"*, afirmando que *"o país tinha necessidade de mais hotéis como o Império"*.

Consultando os guias hoteleiros da época, constatamos que este era um hotel de luxo, cuja diária, em Lisboa, só era ultrapassada pelas do Aviz e do Avenida Palace e, mais tarde, pela do Ritz, frequentado habitualmente pelas elites nacionais e internacionais. Moderno, glamoroso e luxuoso, o "Hotel do Império" era também inovador na sua estrutura e planta arquitetónica, oferecendo, como descreve o *Diário da Manhã*, *"«apartements», que serão em número de 30, constituídos por pequena ante-câmara, saleta com confortáveis «maples», secretária e máquina de escrever; casa de banho privativa toda em mármore e dotada de todos os requintes modernos; e quarto de dormir, com telefone ligado directamente, [e] telefonia"*. Um conforto que potencia as longas estadas de alguns clientes, que por vezes duram meses, como sucede nos casos do sobrinho do multimilionário Patiño, do 3.º Conde da Covilhã e da escritora Natália Correia, que aqui chegam a residir ou ter alojamento reservado em permanência.

Imbuídos do espírito de celebração do Duplo Centenário da Fundação e da Restauração da Nacionalidade com a Exposição do Mundo Português, destacam-se os frescos existentes na receção e no bar forrado a madeira, evocativos das epopeias marítimas e das então colónias portuguesas. A coroar esta evocação, sobre o balcão do bar, uma citação d'*Os Lusíadas*: *"E se mais mundo houvera lá chegara…!"* (Camões, 1572), também inscrita na entrada do Pavilhão dos Portugueses no Mundo.

Nessa época, o hotel é frequentado, entre outras figuras notáveis de diversos quadrantes, por Manuel e Rita Fontes Pereira de Melo, Francisco de Sousa Tavares, Sophia de Mello Breyner, Tomás Ribas, Omar Shariff e Carmen Sevilla.

À semelhança do que sucede com qualquer outro "lugar", também os hotéis são porções de espaço com um sentido que lhes é conferido pela sua história, pelo acumular de vivências e dos seus vestígios (Cresswell, 2015). Os lugares têm uma "alma" que, no caso do Hotel Britania, fica ferida quando muda de proprietários nos anos 70 do século XX e se perde grande parte do seu arquivo e *memorabilia*. É o caso, por exemplo, da impossibilidade de confirmação de que o manuscrito do poema *Fagotes* ou *Os Fogos Fátuos*, num envelope do hotel, coincida de facto com uma estada no autor no Britania.

Sabemos, ainda assim, que Almada é uma das muitas presenças frequentes na Rodrigues Sampaio e, reunindo evidências que se complementam para contar histórias, destacamos o postal de aniversário, por si ilustrado, que envia a Natália Correia e que hoje decora o quarto onde esta esteve hospedada. Neste, segundo Dórdio Leal Guimarães (com quem casa em quartas núpcias), Natália escreve aquela que seria a primeira peça a ser encenada após o 25 de abril de 1974 no Teatro Maria Matos (1977) — *O Encoberto* (1969), uma das muitas obras censuradas da escritora.

Em 2017, o quarto n.º 13 do Britania foi batizado como Quarto Natália Correia e decorado com livros, fotografias e postais que procuram recriar o ambiente que aqui se viveu, prestando assim homenagem à escritora que marcou a vida cultural da cidade.

◂ **Figura 4 – Hall do hotel (c. 1940)**
Fonte: Cedência Marketing Hotéis Heritage

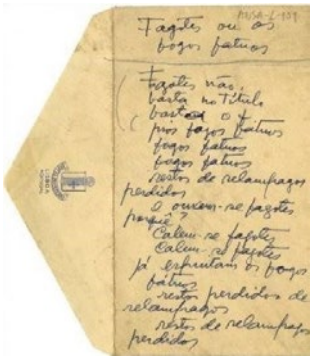
◂ **Figura 5 – Hall do hotel (1980)**
Fonte: Cedência Marketing Hotéis Heritage

▴ **Figura 6 – Hall do hotel (2000)**
Fonte: Cedência Marketing Hotéis Heritage

O hotel era a sua segunda casa. De acordo com o jornalista e escritor Fernando Dacosta, em *O Botequim da Liberdade* (2013), quando regressava a casa, após a morte do sr. Machado (proprietário do hotel e marido de Natália Correia), Natália pedia-lhe que esperasse: *"Se a empregada, a Fátima, estivesse em casa (o que nem sempre acontecia), ficava; senão, voltava para trás e ia dormir a um hotel no outro lado da rua"*.

Este à-vontade com que Natália Correia se move entre a sua casa, no 5.º andar do n.º 52, e o Britania deve-se ao facto de, nos anos 50, a poeta ter casado com Alfredo Machado, então proprietário e gerente do hotel. No n.º 52, multiplicam-se então célebres tertúlias literárias, nas quais participaram nomes tão ilustres da literatura e da cultura nacionais e internacionais como António Sérgio, David Mourão-Ferreira, José-Augusto França, Almada Negreiros, Mário Cesariny, Ary dos Santos, Fernando Dacosta, Ribeiro de Melo, Nikias Skapinakis, Henry Michaux, Ionesco, Marguerite Yourcenar, Claude Roy, Graham Green ou Henry Miller.

As ceias servidas aos convidados vêm da cozinha do Britania e delas ficaram muitos testemunhos. Luiz Pacheco (Paquete, 2015) lembra que o n.º 52 *"era um «salão» cosmopolita a sério e as vitualhas, os vinhos deliciosos que vinham do Hotel Império honravam a gentileza dos anfitriões"*. Já Helena Campos (Dacosta, 2013), ao relembrar Natália, diz: *"Ela dava-se com Marajás, na altura do Hotel Império. Faziam um casino do último andar do hotel […]. Esse hotel era do Sr. Machado e foi por isso que vieram viver para a Rodrigues Sampaio, a comida vinha do hotel, vinham os criados com a comida lá a casa"*. Complementando a lista de testemunhos, Joana Stichini Vilela (Dacosta, 2013) afirma que *"a Natália tinha a mania do champanhe francês"* e que *"às quatro da manhã, mandava vir o seu bife […]. A ceia, que também inclui marisco, chega do Hotel Império, na mesma rua, dirigido pelo marido"*. E da abundância de marisco dá também conta Fernando Dacosta (2013), quando lembra que *"Luiz Pacheco*



▲ **Figura 7 – Carmen Sevilla em Lisboa e bar do hotel**
Fonte: «Carmen Sevilla em Lisboa». *Revista Plateia*: 8, 9 e 12. 1 de fevereiro de 1954; Cedência Marketing Hotéis Heritage

▲ **Figura 8 – Envelope do Hotel do Império, manuscrito. *Fagotes* ou *Os Fogos Fátuos*, poema de Almada Negreiros (posterior a 1944)**
Fonte: Modernismo – Arquivo Virtual da Geração de Orpheu

chegava muitas vezes com uma pasta e à saída abria-a, metendo lá dentro uma lagosta".

De resto, saliente-se o facto de a cozinha do Hotel Britania ter primado sempre pela excelência. De acordo com o testemunho do conhecido Chefe Silva, que aqui iniciou a sua carreira, era *"um templo da gastronomia e uma verdadeira «Escola»"*. Infelizmente, numa fase conturbada, o restaurante foi desanexado e esse espaço deixou de existir. Resta apenas um painel alusivo na porta aberta que outrora lhe dava acesso.

Natália não promovia encontros apenas na sua casa. Era frequentadora assídua do terraço do Britania, conhecido pelas animadas festas, *"dancing"* e refinadas ceias que se prolongavam pela madrugada dentro, bem como pelos campeonatos ilegais de *bridge*, envolvendo fortunas das personalidades que aqui se encontravam. Mas era igualmente no seio de todo este ambiente intelectual, político e boémio que Natália era vigiada por agentes da PIDE, como dá conta um relatório de abril de 1959. Um cenário que se afigura natural, uma vez que, nas vésperas das eleições de 1958, este hotel tinha já sido cenário de reuniões secretas do General Humberto Delgado e seus apoiantes, entre os quais se incluem a própria Natália Correia e Vera Lagoa. Ironicamente, aquele que fora um projeto apoiado pelo regime acaba por se transformar num ponto de encontro e conspiração dos que a ele se opunham.

Mas destaquemos um outro hóspede célebre do Hotel Britania, o poeta e músico brasileiro Vinicius de Moraes, que poderá ter aqui encontrado o ambiente perfeito para, como expressa na sua chegada a Lisboa em 19 de outubro de 1968, *"renovar a intimidade com os poetas portugueses"*.

Esta ansiada estada de vinte dias em Lisboa a convite de Jaime Mourão-Ferreira proporcionou a Vinicius de Moraes, entre outras coisas, a realização de quatro espetáculos com Baden

Figura 9 – Vista do quarto Natália Correia (2017)
Fonte: Cedência Marketing Hotéis Heritage

Figura 10 – Pormenor decorativo do quarto Natália Correia (2017)
Fonte: Cedência Marketing Hotéis Heritage

Powell e Márcia no recém-inaugurado Teatro Villaret, bem como o desejado encontro com Amália Rodrigues, de que acabaria por resultar o disco Amália/Vinicius. A sua passagem pelo Britania ficou para sempre assinalada naquele espaço com a atribuição, em 2018, do seu nome a um quarto do hotel, centrando-se a decoração na passagem do poeta por Lisboa para a realização do ciclo "Boa Música do Brasil" no Teatro Villaret, apelando à descoberta da sua extensa obra por meio de discos, fotografias, excertos de poemas e livros que aqui encontramos.

Para os hóspedes do quarto n.º 24 está disponível um CD, que conta com a participação de vários intérpretes, incluindo a própria Natália Correia (declamações em *Defesa do Poeta* e *Antogénese*), David Mourão-Ferreira, Alexandre O'Neill, Homem de Mello, Ary dos Santos, Alain Oullman, Homem Cristo, Baden Powell, José Régio e Paulo Soledade.

Já em abril de 1969, Vinicius volta a apresentar-se em palco em Lisboa, agora com Chico Buarque de Holanda e Nara Leão. O bar do "Hotel do Império" é, mais uma vez, o ponto de encontro, reunindo agora Vinicius e Nicolau Breyner que se conhecem e ficam *"a rir e a falar de poesia, das pessoas e dos sentimentos, e a contar histórias de Portugal e do Brasil, e assim ficámos até às tantas da madrugada"* neste que foi, segundo confessa Nicolau em entrevista, *"amor à primeira vista"*, acrescentando *"Começámos a falar e nunca mais nos calámos. Foi assim até ele morrer"* (Kosters, 2016).

É precisamente Nicolau Breyner uma das personalidades evocadas em "Lisboa tem terremoto…", poema de Vinicius de Moraes que, segundo Raúl Solnado, terá sido escrito na noite em que, em Lisboa, ocorreu um terramoto de magnitude 7.9 na escala de Richter (28 de fevereiro de 1969). Na biografia literária de Alexandre O'Neil (Oliveira, 2007) — poeta também mencionado no poema de Vinicius —, António Alçada Baptista descreve:

Figura 11 – À esquerda, Natália Correia no bar do hotel (c. 1950)
Fonte: Cedência Marketing Hotéis Heritage

"O Alexandre e o Vinicius não deram pelo terramoto, porque iam os dois num táxi. Quando o Vinicius chegou ao hotel Império, estava toda a gente cá fora, todos mal vestidos. O Vinicius pensou que era um bacanal, começou logo com ideias". É durante esta estadia que Alexandre O'Neil conhece Chico Buarque que segundo Alexandre "Almoçava eu com Vinicius e Filhote de Leão (Christina, sua mulher de então, tinha cara de filhote de leão…) quando baixa à sala de jantar do falecido Hotel do Império Xico Buarque com sua mulher. Ensonadíssimos ainda. Apresentação para cá e pra lá. Sentam à mesa. Almoçam com a gente. Falam da situação brasileira, que estava fogo. Vinicius sabe que terá que voltar ao Rio, mais tarde ou mais cedo, e receia fazê-lo. Xico, salvo erro, segue caminho de Itália. Depois pergunta-me pela poesia portuguesa e eu digo que vai muito bem obrigado. Ele fica desconfiado comigo e começa a beber vinho tinto. Eu vou acompanhando. Vinicius, sempre bom tipo, previne Xico de que está a almoçar com um excelente poeta português. Eu digo, envergonhado: "Oh, nem tanto! Nem tanto!" Xico ri-se, a coisa desanuvia e acabou por se tornar numa agradável e prolongada conversa que foi desde o queijo da serra, até aos projectos pessoais de cada um de nós".

Em 1976, já com o nome de Hotel Britania, o hotel passa a ser gerido pela família Alves de Sousa. O processo de renovação iniciado nessa altura trouxe ao hotel uma nova vida. O bar do hotel passa então a ser o local de encontro da *"Tertúlia do Britania"*, tendo como clientes regulares, funcionários de gráficas, de escritórios e de redações de revistas e de vários jornais localizados na envolvente do hotel. E também escritores, jornalistas, artistas e arquitetos, de entre os quais se destacam figuras como Assis Pacheco, Baptista Bastos, Joaquim Letria, João Segurado e Raúl Solnado. A título de exemplo e relembrando a frequência do espaço por José Cardoso Pires, escreve Clara Ferreira Alves (2008) que, *"nos velhos tempos, ia com ele muitas vezes ao bar do velho hotel Britânia (hoje recuperado), conversar sobre livros, filmes, coisas. E como as conversas eram tão literárias, cheguei a reunir uma dúzia de cassetes de gravação com elas. Eram lições"*.

Figura 12 – Fotografia alusiva ao restaurante do hotel (s.d.)
Fonte: Torre do Tombo, Álbuns de *O Século*

Figura 13 – Painel alusivo ao restaurante do hotel (2017)
Fonte: Cedência Marketing Hotéis Heritage

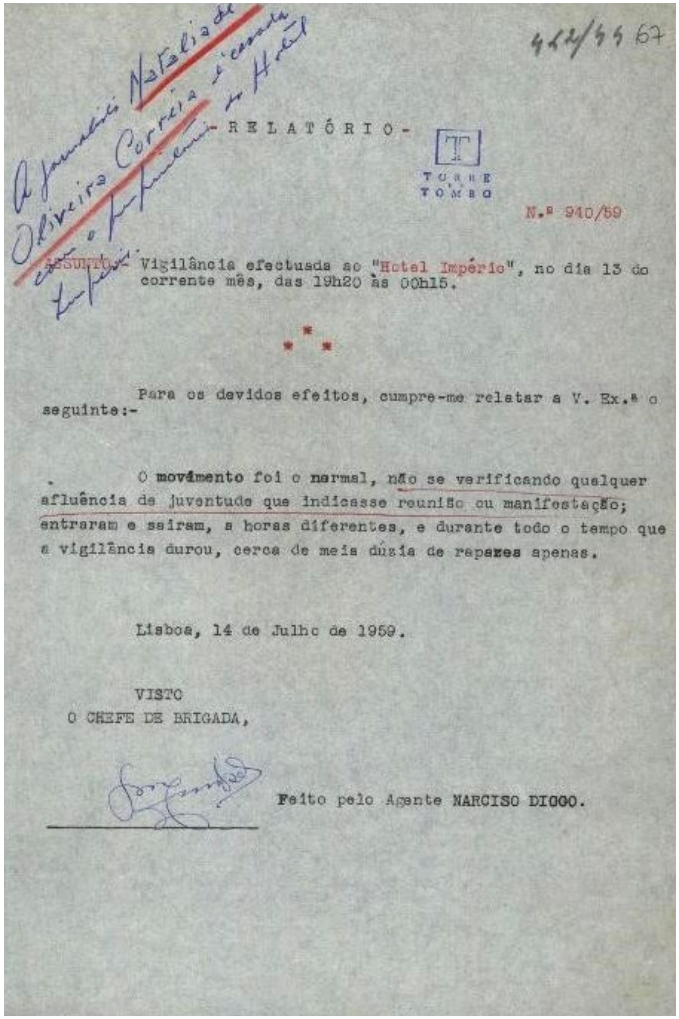
É aqui que o Almirante Pinheiro de Azevedo, candidato às eleições presidenciais, recupera de um acidente vascular e que a jornalista Vera Lagoa se instala enquanto recupera de uma cirurgia.

Nos anos 90, realizam-se profundos trabalhos de restauro e o Hotel Britania, agora propriedade das famílias Alves de Sousa e Duarte Fernandes, passa a integrar o Grupo Heritage. Como bem nota o escritor Robert Wright (2011), num artigo do seu *blog* "Endless Mile", o hotel foi *"completamente restaurado, mantendo o seu charme Art Déco. Tive o prazer de ficar no Britania há alguns anos para trabalhar e recomendo"*.

Os agora proprietários ambicionam refletir, com as múltiplas e bem documentadas renovações, a tradição e a cultura locais, inserindo-se assim no movimento de desenvolvimento económico que se ocupa da reabilitação patrimonial de estruturas vivas com história e personalidade. Este é, aliás, o tema desenvolvido num capítulo que o escritor e investigador Storm Cunningham (2002) escreve neste hotel, destacando-o como exemplo de intervenção desta "Economia do Restauro".

E é o meritório trabalho de renovação e restauro que permite a atribuição ao Hotel Britania em 1995, 1998 e 1999, da classificação de Imóvel de Relevante Valor Arquitetónico e também de Relevante Valor Histórico-Cultural, pela Direcção-Geral do Turismo, e do Prémio Municipal Eugénio dos Santos, pela Câmara Municipal de Lisboa.

Hoje, após 77 anos de atividade, o Hotel Britania mantém o seu charme e discrição nas traseiras da movimentada e cosmopolita Avenida da Liberdade. Aos atuais hóspedes são disponibilizadas duas pequenas monografias, *Memórias de um Hotel Singular* e *Hotel Britania*. No caso de quem ficar instalado nos quartos que homenageiam Natália e Vinicius, existe também um folheto bilingue em modo de folha volante sobre cada um dos escritores



442/55 67

- R E L A T Ó R I O -

TORRE DO TOMBO

N.º 940/59

Assunto:- Vigilância efectuada ao "Hotel Império", no dia 13 do corrente mês, das 19h20 às 00h15.

* * *

Para os devidos efeitos, cumpre-me relatar a V. Ex.ª o seguinte:-

O movimento foi o normal, não se verificando qualquer afluência de juventude que indicasse reunião ou manifestação; entraram e saíram, a horas diferentes, e durante todo o tempo que a vigilância durou, cerca de meia dúzia de rapazes apenas.

Lisboa, 14 de Julho de 1959.

VISTO
O CHEFE DE BRIGADA,

Feito pelo Agente NARCISO DIOGO.

Figura 14 – Relatório de vigilância da PIDE efetuada ao hotel (13 de julho de 1959)
Fonte: Torre do Tombo

e a forma como as suas histórias se cruzaram com a história do hotel, para que se deixem levar pela "magia do lugar".

Entre os muitos clientes ilustres que aqui se hospedaram, o Britania orgulha-se de ter acolhido a atriz brasileira Irene Ravache, o escritor, poeta e investigador literário Hélder Macedo e o escritor Richard Zimler, cujo conto *O Espelho Lento* (2008), que deu origem à curta-metragem com o mesmo nome realizada por Solveig Nordlund e protagonizada pelo próprio escritor, foi em parte filmada no hotel.

Figura 15 – Vista do quarto Vinícius de Moraes (2017)
Fonte: Cedência Marketing Hotéis Heritage

OUTROS AUTORES QUE SE HOSPEDARAM NO HOTEL BRITANIA

- **Hélder Macedo** (Krugersdorp/África do Sul, 1935): Poeta, romancista, ensaísta, editor, crítico e investigador literário, é Professor Emérito na Universidade de Londres, tendo lecionado também nas universidades de Harvard e Berkeley. Colaborou regulamente com a BBC, foi Presidente Honorário da Associação Internacional de Lusitanistas e desempenhou as funções de diretor-geral das Artes do Espetáculo e de Secretário de Estado da Cultura em Portugal. Conta com vários prémios e distinções.

- **Natália Correia** (São Miguel, 1923–Lisboa, 1993): Poeta, ficcionista, contista, dramaturga, ensaísta, editora, jornalista, cooperativista, deputada, considerada uma das vozes da literatura e da cultura portuguesas. Foi uma das fundadoras da Frente Nacional para a Defesa da Cultura (FNDC). Foram-lhe atribuídos os títulos de Grande-Oficial da Ordem Militar de Sant'Iago da Espada, de Grande-Oficial da Ordem da Liberdade e o Grande Prémio de Poesia da Associação Portuguesa de Escritores pela obra *Sonetos Românticos*.

- **Richard Zimler** (Nova Iorque, 1956): Jornalista, escritor e professor, autor de diversos romances, contos e livros para crianças. Amplamente traduzidas, as suas obras receberam vários prémios e distinções. Escreveu e protagonizou a premiada curta-metragem *O Espelho Lento* da realizadora Solveig Nordlund.

- **Vinicius de Mello Moraes** (Rio de Janeiro, 1913–Rio de Janeiro, 1980): Jornalista, diplomata, poeta, dramaturgo, cantor e compositor, integrou o movimento da Bossa Nova. O "poetinha" foi, a título póstumo, "elevado ao cargo de ministro de primeira classe, cargo frequentemente associado ao de embaixador".

BIBLIOGRAFIA

"A bem do turismo nacional: o Hotel do Império foi ontem inaugurado pelo Chefe de Estado" (14 outubro 1944). *Diário da Manhã*.

"A festa de inauguração do Hotel Império" (14 outubro 1944). *Diário de Lisboa*.

"A Memória das Casas" (1998). De Império a Britânia: 1938-1998: 60 Anos de História (policopiado).

Alves, Clara Ferreira (2008). "O Pires em betacam". *Expresso*. Consultado em novembro de 2020 em https://expresso.pt/opiniao/opiniao_clara_ferreira_alves/o-pires-em-betacam=f259058.

"«Casa» de Patiño, Natália Correia e outros famosos" (13 dezembro 2010). *Diário de Notícias*. Consultado em https://www.dn.pt/cartaz/casa-de-patino-natalia-correia-e-outros-famosos-1733626.html.

Costa, Ana Paula (2005). *Natália Correia: Fotobiografia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Cresswell, Tim (2015). *Place: An introduction*. Malden: Blackwell Publishing.

Cunningham, Storm (2002). *The restoration economy: The greatest new growth Frontier*. Berrett-Koehler Publishers. Consultado em https://books.google.pt/books/about/The_Restoration_Economy.html?id=YD-PpxIQ5HYC&redir_esc=y.

Dacosta, Fernando (2013). *O botequim da liberdade: Como Natália Correia marcou, a partir de um pequeno bar de Lisboa, o século XX português*. Lisboa: Casa das Letras.

Fonseca, Ana (18 setembro 2018). "«Eu sei que vou te amar»: Vinicius de Moraes inspira quarto em hotel de Lisboa — Boa Cama Boa Mesa". *Expresso*. Consultado em https://boacamaboamesa.expresso.pt/boa-cama/2018-09-18-Eu-sei-que-vou-te-amar-Vinicius-de-Moraes-inspira-quarto-em-hotel-de-Lisboa.

Griffin, W. E. B. e Butterworth IV, William E. (2011). *Victory and honor*. Penguin.

"Hotel Britania" (s.d.). *Lisbon City Prime*. Consultado em maio de 2020 em http://www.lisboncityprime.com/index.php?option=com_tz_portfolio&view=p_article&id=42:hotel-britania&catid=9&Itemid=145&lang=pt.

"Hotel Britania" (2019a). *Wikipédia, a enciclopédia livre*. Consultado em https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Hotel_Britania&oldid=54705611.

"Hotel Britania: O Heritage que guarda os anos 40" (2019b). *Lisbon Heritage Hotels*. Consultado em https://lisbonheritagehotels.com/pt-pt/hotel-britania-heritage/.

Kosters, André (2016). "Ter de ter graça é cansativo." Nicolau Breyner (1940-2016). *Expresso*. Consultado em https://expresso.pt/cultura/2016-03-14-Ter-de-ter--graca-e-cansativo.-Nicolau-Breyner--1940-2016-.

Malhó, Amílcar (2008). *74 anos de vida intensa: Chefe Silva, o Sr. Tele Culinária*. Edições Plural.

Martins, Rui (25 abril 2014). "40º Aniversário do 25 de Abril: As palavras silenciadas – uma memória". *Tertúlia Bibliófila*. Consultado em https://tertuliabibliofila.blogspot.com/2014/04/40-amiversario-do-25-de-abril-as.html.

"Memórias de um hotel singular: Hotel Britania" (s.n.) (s.d.)

Moraes, Vinicius de (2004). "Lisboa tem terremoto…" [Site biográfico]. Consultado em https://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/poesia/poesias-avulsas/lisboa-tem-terremoto.

Neto, Vítor Manuel (s.d.). "Natália Correia e a PIDE: Vigilância e controlo". *Revista de História das Ideias*, 38. Consultado em maio de 2020 em https://impactum-journals.uc.pt/rhi/issue/view/2183-8925_38/149.

"«O Encoberto» de Natália Correia" (1970). *Ephemera – Biblioteca e Arquivo de José Pacheco Pereira*, n.º 8655. Consultado em https://ephemerajpp.com/2012/02/06/censura-relatorio-no-8665-3-de-fevereiro-de-1970-relativo--a-o-encoberto-de-natalia-correia/.

Oliveira, Maria Antónia (2007). *Alexandre O'Neill – Uma biografia literária*. Dom Quixote.

Pacheco, Nuno (1998). "A poesia para ouvir ganhou um lugar ao sol". *Público*. Consultado em junho de 2020 em https://www.publico.pt/2018/08/09/culturaipsilon/opiniao/a-poesia-para-ouvir-ganhou-um-lugar-ao-sol-1840323.

Paquete, Sammy, o (20 janeiro 2015). "Cais do olhar: O senhor Fernando Pessoa no pote d'água" [*Blog*]. *Cais do Olhar*. Consultado em http://caisdoolhar.blogspot.com/2015/01/o-senhor-fernando-pessoa-no-pote-dagua.html.

Roque, Priscila (19 outubro 2013). "Vinicius de Moraes: Lisboa tem terremoto". *Cultuga*. Consultado em https://www.cultuga.com.br/vinicius-de-moraes--lisboa-tem-terremoto/.

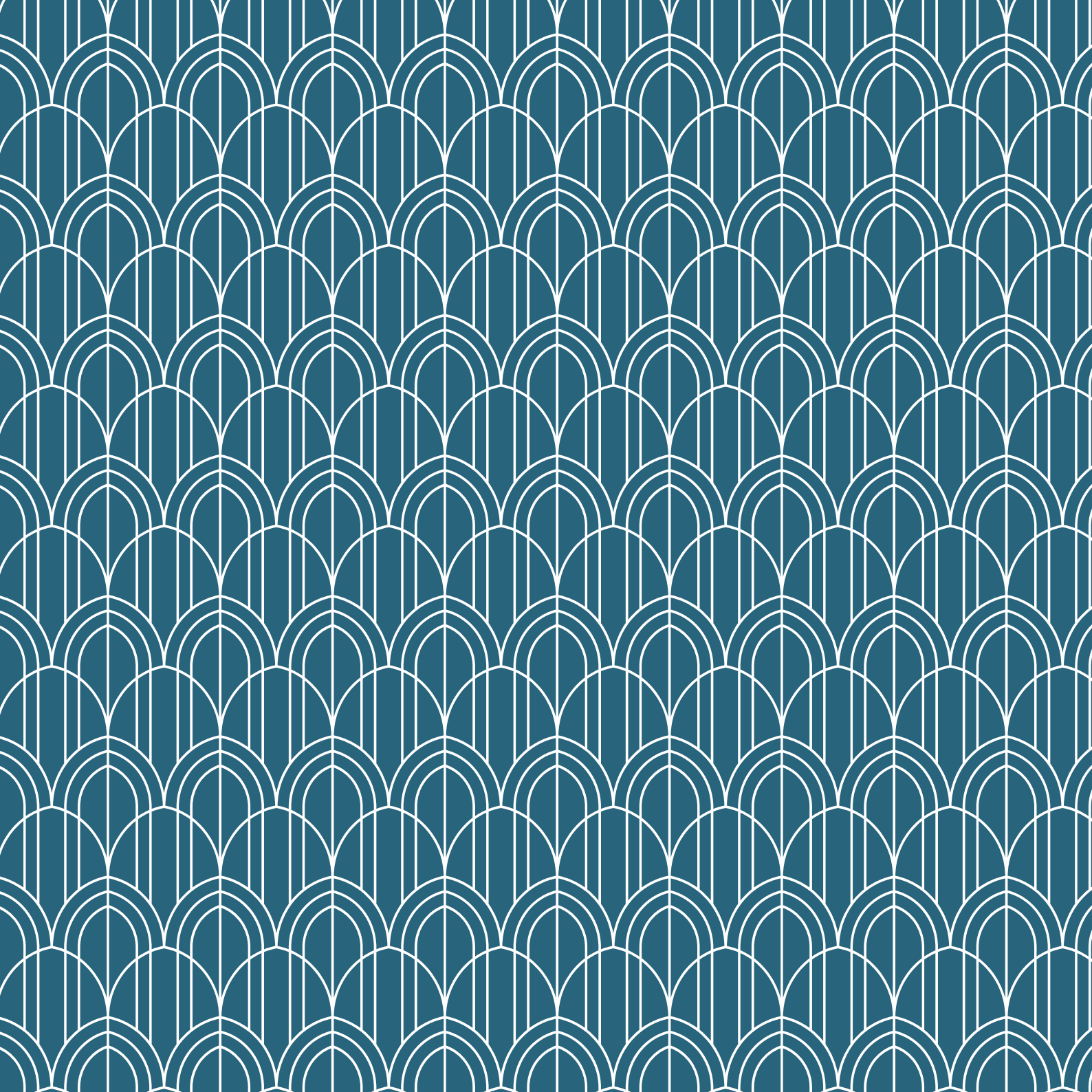
Sobrado, Pedro (s.d.). "…e Vinicius de Moraes em Lisboa". Programa Estrada Branca (p. 6). Teatro Nacional São João.

Sousa, Ana Alves de e Miranda, António Rodrigues (2001). *Hotel Britania: A magia dos lugares*. A Memória das Casas.

"Vinicius de Moraes em Lisboa" (19 novembro 1968). *RTP*. Consultado em https://arquivos.rtp.pt/conteudos/vinicius-de-moraes-em-lisboa/.

Visualização de Vol. 38 (2020). *Exílios e exilados* (s.d.). Consultado em junho de 2020 em https://impactum-journals.uc.pt/rhi/issue/view/2183-8925_38/149.

Wright, Robert (7 julho 2011). *Portugal: Cassiano Branco* [*Blog*]. *Endless Mile*. Consultado em http://endlessmile.com/portugal-cassiano-branco/.



AUTORES CITADOS

- **Alberto d'Oliveira** (Porto, 1873–Porto, 1940): Poeta. Ligado ao Neogarrettismo, defendeu a recuperação da literatura popular e o renascimento do drama e da poesia nacionais. Dedicou-se à redação de memórias sobre a sua atividade como cônsul no Brasil e sobre figuras literárias com quem priva.

- **Alberto Pimentel** (Porto, 1849–Queluz, 1925): Embora seja um autor esquecido, foi um escritor proeminente, tendo deixado uma extensa e diversificada obra. Escreveu poesia, romance, teatro, biografia e obras políticas, entre outros géneros. Deixou estudos sobre o Culto Mariano em Portugal. É autor do livro *Romance do Romancista – Vida de Camilo Castello Branco*, cujo autor, seu grande ídolo, conheceu pessoalmente.

- **Almada Negreiros** (S. Tomé e Príncipe, 1898–Lisboa, 1970): Artista plástico e escritor. Fez parte da revista *Orpheu* e foi o responsável pela introdução do movimento modernista em Portugal.

- **Ana Maria Magalhães** (Lisboa, 1946): Escritora direcionada para a literatura infantojuvenil. Destaca-se a coleção *Uma Aventura*, escrita em parceria com Isabel Alçada.

- **Ann Bridge, pseudónimo de Mary Ann Dolling (Sanders) O'Malley** (Porters, 1889–Oxford, 1974): Também conhecida como Cottie Sanders, notabilizou-se na escrita de romances, tirando partido das viagens que foi fazendo durante a vida. Desempenhou a função de embaixatriz inglesa em Portugal.

- **Antero de Figueiredo** (Coimbra, 1866–Porto, 1953): Escritor que se enquadra na geração do Decadentismo-Simbolismo, colaborou com publicações em diversos jornais da época.

- **António Alçada Baptista** (Covilhã, 1927–Lisboa, 2008): Advogado, editor, romancista e cronista, dirigiu e colaborou com jornais e participou em programas televisivos e radiofónicos. Foi presidente do Instituto Português do Livro e, entre várias distinções, foi adido cultural de Portugal no Brasil. A Sociedade Portuguesa de Autores atribuiu o seu nome a um prémio de literatura memorialista e autobiográfica.

- **António Lobo Antunes** (Lisboa, 1942): Estudou na Faculdade de Medicina de Lisboa e especializou-se em Psiquiatria. Em 1970, foi mobilizado para o serviço militar em Angola. A sua vasta obra literária tem sido objeto dos mais diversos

e importantes estudos. O autor tem sido galardoado com alguns dos mais importantes prémios, nacionais e internacionais. *Memória de Elefante*, *Os Cus de Judas* e *As Naus* são alguns dos seus mais conhecidos romances.

- **António Moniz Barreto Corte-Real** (Angra do Heroísmo, 1804–Angra do Heroísmo, 1888): Professor liceal, jornalista e escritor que exerceu relevantes funções políticas.

- **Assis Pacheco** (Coimbra, 1937–Lisboa, 1995): Escritor, jornalista, crítico e tradutor. Colaborador de diversos periódicos, estreou-se, como escritor, com o volume de poesia *Cuidar dos Vivos* (1963). Na prosa, distinguiu-se com *Walt* (1978) e *Trabalhos e Paixões de Benito Prada* (1993).

- **Beldemónio, pseudónimo de Eduardo de Barros Lobo** (Gouveia, 1857–Lisboa, 1893): Contista, cronista, jornalista e tradutor. Colaborador em vários periódicos, criou jornais de crítica social e traduziu autores como Balzac, Daudet, Zola e Maupassant. Em 1902, é publicado o livro de crónicas *A Volta do Chiado*.

- **Bernarda Ferreira de Lacerda** (Porto, 1595–Lisboa, 1644): Poeta portuguesa, autora do poema épico *Espanha Libertada* (1618). Como mulher culta e letrada, destacou-se no seu tempo em diversas áreas: retórica, poesia, filosofia, matemática, humanidades, música e domínio de línguas clássicas e europeias.

- **Branquinho da Fonseca** (Mortágua, 1905–Cascais, 1974): Experimentou vários géneros literários: poema lírico, poema em prosa, conto, novela, romance, texto dramático. Interessou-se também por outras áreas artísticas, tais como fotografia, desenho e cinema. Foi o mentor do Serviço de Bibliotecas Itinerantes da Fundação Calouste Gulbenkian, criado em 1958.

- **Camilo Castelo Branco** (Lisboa, 1825–São Miguel de Seide/Vila Nova de Famalicão, 1890): Prolífero escritor romântico, destacou-se como romancista, dramaturgo, cronista, crítico literário, tradutor. De vida atribulada, tal serviu-lhe de inspiração para a extensa obra que compôs, surgindo como um dos primeiros autores que viveu exclusivamente do que escrevia.

- **Eça de Queirós** (Póvoa de Varzim, 1845–Paris, 1900): Escritor, jornalista e diplomata. Intérprete do Realismo e do Naturalismo, atento aos costumes, à caracterização psicológica das personagens e muito crítico da sociedade oitocentista, escreveu romances, contos e crónicas, alguns dos quais ainda não perderam a atualidade.

- **Edmundo Bettencourt** (Funchal, 1899–Lisboa, 1973): Presencista, cantor e poeta conhecido por interpretar a *Canção de Coimbra*.

- **Eugénio de Castro** (Coimbra, 1869–Coimbra, 1944): Poeta e dramaturgo. Em 1890, publicou *Oaristos*, que marca a afirmação do Simbolismo em Portugal, seguindo-se outras obras literárias. Em 1939, foi agraciado com o grau de Grã-Cruz da Ordem Militar de Sant'Iago da Espada.

- **Fernando Dacosta** (Caxito, 1940): Romancista, contista, dramaturgo, conferencista e jornalista, tem sido agraciado com vários prémios. A sua obra tem-se desenvolvido em torno da temática do fim do Império Português, da memória do 25 de abril de 1974 e de figuras marcantes da cultura portuguesa.

- **Francisco Giner de los Ríos** (Ronda, 1839–Madrid, 1915): Intelectual, ensaísta, pedagogo e crítico de arte espanhol. Tornou-se adepto das ideias liberais do jurista alemão Karl Krause, pelo que foi expulso duas vezes da sua cátedra. Em 1876, fundou a *Institución Libre de Enseñanza*, juntamente

com outros professores, baseando-se num sistema pedagógico moderno, laico e progressista. A sua ideologia influenciou grandes nomes, como Miguel de Unamuno ou Antonio Machado.

- **Germano Almeida** (Boa Vista/Cabo Verde, 1945): Licenciou-se em Direito na Universidade de Lisboa. Vive em São Vicente, onde exerce a profissão de advogado. As primeiras estórias, que publicou na revista *Ponto & Vírgula*, foram assinadas com o pseudónimo de Romualdo Cruz. As suas obras mais conhecidas são o romance *O Testamento do Sr. Napumoceno da Silva Araújo*, *Regresso ao Paraíso* e *O Fiel Defunto*. Venceu o Prémio Camões, em 2018.

- **Gervásio Lobato** (Lisboa, 1850–Lisboa, 1895): Romancista, contista, tradutor e jornalista, ganhou notoriedade como folhetinista, no *Diário de Notícias* e no *Diário da Manhã*. É autor da novela *Lisboa em Camisa*, comédia portuguesa do século XIX. Como dramaturgo, foi muitas vezes comparado a Rafael Bordalo Pinheiro, pelo seu talento de caricaturista. Foi agraciado pelo rei D. Luís com o oficialato da Ordem de Santiago, em 1892, quando levou à cena *O Festim de Baltasar*.

- **Guerra Junqueiro** (Freixo de Espada à Cinta, 1850–Lisboa, 1923): Poeta e prosador. A sua voz foi de resistência à monarquia, mobilizando os ideais republicanos. Entre a carreira administrativa e política, ainda se dedicou à lavoura e ao colecionismo de obras de arte.

- **Hélder Pacheco** (Porto, 1937): Escritor e historiador. Investigador das culturas e das tradições populares do Porto, o seu trabalho tem sido reconhecido com vários prémios, como a Medalha de Mérito da Câmara Municipal do Porto (1988), tornando-se, em 2006, Grande-Oficial da Ordem de Mérito.

- **Isabel Alçada** (Lisboa, 1950): Escritora direcionada para a literatura infantojuvenil. Destaca-se a coleção *Uma Aventura*, escrita em parceria com Ana Maria Magalhães.

- **Joana Stichini Vilela** (Lisboa, 1980): Jornalista e autora, assina vários programas de televisão e é coautora de uma série de livros temáticos sobre Lisboa.

- **João Ameal, pseudónimo de João Francisco de Sande Barbosa de Azevedo e Bourbon Aires de Campos**, 2.º Visconde e 3.º Conde do Ameal (Coimbra, 1902–Lisboa, 1982): Licenciou-se em Direito pela Universidade de Lisboa. Historiador, político, cronista, romancista, colaborou com jornais, revistas e com emissões radiofónicas e televisivas. Em 1941, obteve o Prémio Alexandre Herculano pela sua *História de Portugal*. No campo literário, deixou-nos obras como *O Que os Meus Olhos Viram* ou *Eterna Luz*.

- **João de Lemos** (Peso da Régua, 1819–Maiorca/Figueira da Foz, 1890): Poeta, jornalista, ultrarromântico adepto da causa absolutista. Dirigiu desde 1848 o jornal *A Nação*, órgão dos miguelistas.

- **Johann Centurius H. Hoffmansegg** (Dresden, 1766–Dresden, 1849): Botânico, entomologista e ornitólogo alemão que publica, em 1808, *Voyage en Portugal, fait depuis 1797 jusqu'en 1799*.

- **Johann Heinrich Friederich Link** (Hildesheim, 1767–Berlim, 1851): Botânico, médico, naturalista e professor universitário, que escreve a obra *Voyage en Portugal, fait depuis 1797 jusqu'en 1799*, juntamente com Johann Centurius H. Hoffmansegg.

- **José Maria Osório Cabral** (Coimbra, 1791–Lisboa [?], 1857): Fidalgo Cavaleiro da Casa Real, Doutor em Leis pela

Universidade de Coimbra. Exerceu o cargo de Magistrado no Faial, foi Corregedor da Comarca de Avis e Provedor da Comarca de Santarém. Em 1839, estabeleceu-se em Lisboa como advogado. Ao longo da vida, constituiu uma rica biblioteca com mais de cinco mil volumes, na área jurídica e de literatura clássica. É autor do soneto, publicado na *Gazeta de Lisboa* (1832).

- **José Régio, pseudónimo de José Maria dos Reis Pereira** (Vila do Conde, 1901–Vila do Conde, 1969): Escritor, presencista, poeta, dramaturgo, romancista, novelista, contista, ensaísta, cronista, crítico, autor de diário, memorialista, epistológrafo e historiador da literatura, desenhador, pintor e colecionador de arte sacra e popular.

- **José Rodrigues dos Santos** (Beira/Moçambique, 1964): Escritor, jornalista e professor universitário. Ensaísta e romancista, foi galardoado com o Prémio Bertrand de Ficção; o Prémio do Clube Literário do Porto e o *Prix Lusophonie Littérature*. Em 2016, foi eleito o melhor escritor português.

- **José Rodrigues Miguéis** (Lisboa, 1901–Nova Iorque, 1980): Licenciou-se em Direito, na Universidade de Lisboa, e em Ciências Pedagógicas, na Universidade de Bruxelas. Colaborou em vários jornais e revistas, como *O Diabo*, *A República* e *Seara Nova*, e dirigiu, com o escritor Bento de Jesus Caraça, o semanário *O Globo*, suspenso pela censura em 1933. Fez parte do grupo. Envolveu-se em movimentos de intervenção cívica democrática, o que o levou ao exílio. É autor de inúmeras obras literárias, de entre as quais *Páscoa Feliz*, *A Escola do Paraíso* ou *O Milagre Segundo Salomé*.

- **José Saramago** (Azinhaga/Golegã, 1922–Tías/Lanzarote, 2010): Único escritor português galardoado com o Prémio Nobel da Literatura, em 1998. Distinguiu-se pela escrita e pela ideologia que imprimiu na produção de romances, contos, crónicas, teatro, poesia, diários e literatura infantil.

- **Júlio César Machado** (Lisboa, 1835–Lisboa, 1890): Jornalista, tradutor, romancista, contista e dramaturgo, distinguiu-se, sobretudo, como folhetinista e cronista.

- **Lady Jackson, pseudónimo de Catherine Hannah Charlotte Elliott Jackson** (Yorkshire [?], 1824–Bath, 1891): Aristocrata casada com o diplomata Sir George Jackson, chegou a Lisboa em 1873. Desta viagem resultou a obra *Fair Lusitania*, publicada em Londres, por Bentley and Son, no ano seguinte, e, em 1887, a versão portuguesa foi dada à estampa pela Livraria Portuense com notas de Camilo Castelo Branco.

- **Leandro Vale** (Travanca de Lagos/Oliveira do Hospital, 1940–Lisboa, 2015): Escritor, jornalista, ator, encenador e dramaturgo. Formado pelo Conservatório de Lisboa, impulsionou o espetáculo itinerante. Para além do teatro, a sua atividade passou ainda pela rádio, pela televisão e pelo cinema.

- **Lídia Jorge** (Boliqueime/Loulé, 1946): Escritora e professora. Conhecida pelos seus romances, contos, ensaios, crónicas, teatro, poesia e literatura infantil, foi membro da Alta Autoridade para a Comunicação Social, recebendo várias condecorações e prémios. A sua obra encontra-se traduzida em diversas línguas.

- **Lord Byron, pseudónimo de George Gordon Noel** (Londres, 1788–Missolonghi, 1824): Poeta inglês representativo da poesia romântica. Desembarcou em Lisboa em julho de 1809, tendo sido "a personagem mais famosa que visitou Portugal durante a primeira metade do século XIX" (Mónica, 2020), embora aqui tenha permanecido pouco tempo.

- **Luís de Oliveira Guimarães** (Espinhal/Penela, 1900–Lisboa, 1998): Estudou Direito na Universidade de Coimbra, onde foi colega de Florbela Espanca, e terminou o curso em Lisboa. Magistrado, jornalista, dramaturgo, escritor, cronista. Iniciou a sua carreira literária com a publicação do livro *Bonecas que Amam* (poesia). Adaptou para teatro o romance *O Arcanjo Negro*, de Aquilino Ribeiro. Foi um dos fundadores da Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais Portugueses, a atual Sociedade Portuguesa de Autores (SPA).

- **Luís Vaz de Camões** (Lisboa, 1524–Lisboa, 1579/80 [?]): Representante do Classicismo português. Autor d'*Os Lusíadas*, poema épico onde se celebram os feitos marítimos e guerreiros de Portugal.

- **Luísa Monteiro de Sá** (Vila Nova de Famalicão, 1968): Jornalista, tem-se dedicado à escrita de crónicas, ensaios, romances, novelas, contos, dramaturgia e poesia.

- **Luiz Pacheco** (Lisboa, 1925–Montijo, 2008): Escritor, cronista, crítico literário, epistológrafo, editor.

- **Maria Rattazzi, pseudónimo de Marie-Laetitia Bonaparte-Wyse** (Waterford/Irlanda, 1831–Paris, 1902): Irmã de Napoleão Bonaparte, foi poeta e romancista. Fundou vários periódicos e assinou os artigos sob pseudónimos. É conhecida como "La Muse des Alpes". O livro *Portugal de Relance* indignou os portugueses, designadamente Camilo Castelo Branco, Antero de Quental e Ramalho Ortigão.

- **Maria Teresa Horta** (Lisboa, 1937): Escritora, jornalista e poeta, dedicada à questão do feminismo, fez parte do Movimento Feminista de Portugal, juntamente com Maria Isabel Barreno e Maria Velho da Costa, conhecidas como as «Três Marias».

- **Martin Hume** (Londres, 1843–Londres, 1910): Historiador, jornalista e hispanista, com uma relação intensa com Espanha, viajou também por Portugal.

- **Miguel de Unamuno** (Bilbau, 1864–Salamanca, 1936): Escritor, filósofo e pedagogo. Ainda que tenha escrito poesia e peças de teatro, ficou célebre como ensaísta e romancista. De intensa vida social, política e intelectual, publicou, em 1912, a obra *Do Sentimento Trágico da Vida*, condenada pelo Santo Ofício.

- **Miguel Sousa Tavares** (Porto, 1952): Jornalista, comentador político e escritor. Com formação em Direito, exerceu advocacia até se dedicar exclusivamente ao jornalismo e à escrita, destacando-se através de crónicas, contos, romances e literatura infantil.

- **Miguel Torga, pseudónimo de Adolfo Correia da Rocha** (São Martinho de Anta/Sabrosa, 1907–Coimbra, 1995): Poeta, contista, romancista, dramaturgo e ensaísta. Recebeu o Prémio Camões em 1989.

- **Montserrat Rico Góngora** (Barcelona, 1964): Escritora. Publica poesia e prosa. É colaboradora das revistas: *Alhora*, *Historia y Vida* e *Andalucía en la Historia* e de programas de rádio. Participa em tertúlias literárias, oficinas de escrita e júris literários.

- **Octávio Félix** (Vila Nova de Gaia, 1975): Redator. Escreveu a obra *Grande Hotel de Paris: Uma História no Porto* (2011).

- **Philippe Soupault** (Chaville, 1897–Paris, 1990): Escritor, jornalista e ativista político francês, é considerado um dos iniciadores do Dadaísmo em França e fundador do Surrealismo.

- **Príncipe Felix von Lichnowsky** (Hradec nad Moravicí/República Checa, 1814–Frankfurt, 1848): Foi senhor de vários títulos

e de muitos domínios, na Silésia. Entrou para o exército prussiano, mas o seu espírito aventureiro levou-o a Espanha, onde se alistou no exército carlista, tendo combatido como General na Primeira Guerra. Regressou à Prússia, onde ocupou o cargo de deputado, no Parlamento. Foi vítima de uma emboscada, que o levou à morte. Homem culto, amante da literatura, da arte e da música. Beethoven dedicou-lhe a segunda sinfonia. É autor da obra *Portugal. Recomendações do Anno de 1842* (1845).

- **Ramalho Ortigão** (Porto, 1836–Lisboa, 1915): Estudou Direito em Coimbra, todavia, não acabou o curso. Figura destacada da literatura e do meio intelectual português, em particular, da Geração de 70. Foi um dos ilustres membros do grupo *Vencidos da Vida*. Frequentou as tertúlias literárias realizadas no Hotel Central.

- **Robert Wright**: Guia-intérprete e autor de guias turísticos, especializado em Espanha, Portugal e Argentina.

- **Ruben A., pseudónimo de Ruben Alfredo Andresen Leitão** (Lisboa, 1920–Londres, 1975): Escritor, romancista, ensaísta, historiador e crítico literário.

- **Soares de Passos** (Porto, 1826–Porto, 1860): Poeta, expoente máximo do Ultrarromantismo em Portugal.

- **Susan Lowndes** (Londres, 1907–Lisboa, 1993): Destacou-se como correspondente em Portugal de vários jornais e revistas norte-americanas e inglesas e foi colaboradora ocasional de variadas revistas e publicações. Escreveu diversos livros sobre Portugal. Foi condecorada, em 1975, pela Rainha Isabel II de Inglaterra, com a Ordem do Império Britânico, pelos serviços prestados à comunidade inglesa em Portugal.

- **Suzanne Chantal** (Paris, 1908–Lisboa [?], 1994): Romancista e jornalista francesa, casada com o jornalista português José Augusto dos Santos. Crítica de cinema, foi correspondente em Portugal nos anos 40. Em 1972, a Academia Francesa atribuiu-lhe o Prémio Dumas-Millier pelo conjunto de obras consagradas a Portugal.

- **Teixeira de Pascoaes, pseudónimo de Joaquim Teixeira de Vasconcelos** (Amarante, 1877–Amarante, 1952): Poeta, escritor e filósofo. Considerado um dos principais representantes do Saudosismo, publicou, em 1898, a coletânea de poesias, *Sempre*, dedicando-se também à prosa. Foi nomeado, diversas vezes, para o Nobel da Literatura.

- **Teixeira de Vasconcelos** (Porto, 1816–Paris, 1878): Escritor, jornalista e político. Fundador da *Gazeta de Portugal*, colaborou com outros periódicos. A nível literário, foi autor de vasta obra, tendo sido vice-presidente da Academia de Ciências de Lisboa e sócio correspondente da Real Academia Espanhola.

- **Tinop, pseudónimo de João Pinto de Carvalho** (Lisboa, 1850–Lisboa, 1895): Foi jornalista e autor de crónicas e livros sobre figuras e costumes da Lisboa dos séculos XVII, XVIII e XIX. Olissipógrafo reconhecido, fundou o grupo "Amigos de Lisboa". As suas obras mais relevantes são *História do Fado*, que constitui um marco relevante nos estudos sobre as origens e o desenvolvimento do Fado, e *Lisboa de Outrora*, um belo painel da vida lisboeta, com publicação póstuma, organizada por Gustavo de Matos Sequeira.

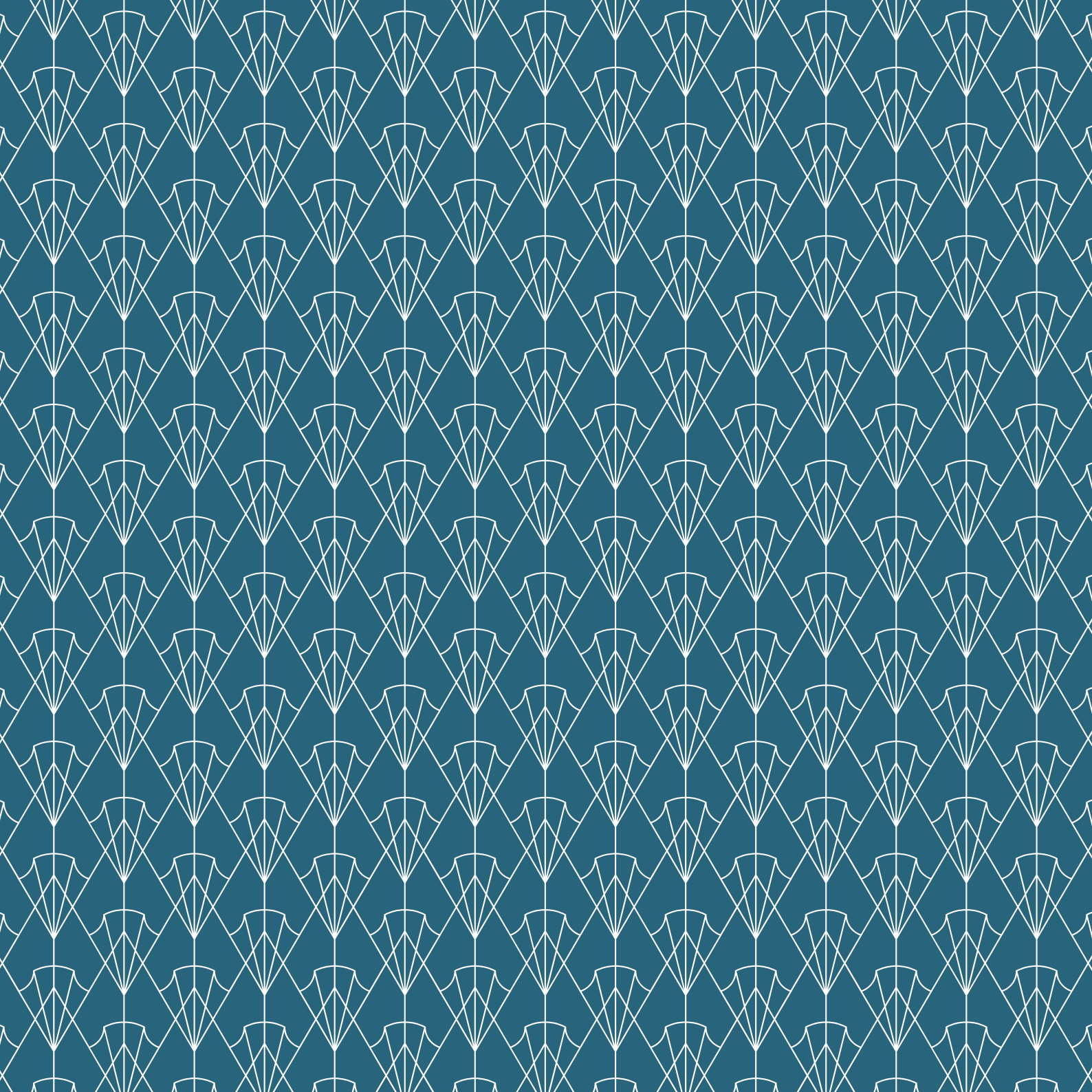
- **Victor de Moigénie, pseudónimo de José Agostinho de Oliveira** (Lamego, 1866–Lisboa, 1938): Autor de vasta obra, colaborou na revista *Ave-Azul: Revista Literária de Arte e Crític*a, existente entre 1899 e 1900. Em 1907, escreveu a obra *A Mulher em Portugal: Cartas d' um Estrangeiro*.

- **William Beckford** (Londres, 1760–Bath, 1844): Escritor, antiquário e crítico de arte, foi um dos mais destacados

impulsionadores do Romantismo inglês. Permaneceu em Portugal pela primeira vez em 1787, vivendo na Quinta do Ramalhão. Nesta estada, escreveu o *Diário de Beckford em Portugal e Espanha*, onde retrata Sintra, instalando-se, na segunda vez, no Palácio de Monserrate. O autor tem grande influência na obra de Byron.

- **W. E. B. Griffin** (Newark/New Jersey, 1929–Daphne/Alabama, 2019): Um dos vários pseudónimos de William Edmund Butterworth III, autor mundialmente famoso, com numerosas obras de várias coleções de ficção militar e de livros para crianças e jovens. Ex-militar, com treino em contrainteligência e experiência como correspondente de guerra, ficou conhecido pela precisão histórica e compreensão ativa da cultura militar.

- **William E. Butterworth IV**: Filho de William Edmund Butterworth III, é autor e coautor de vários *bestsellers* ficcionais.



NOTAS BIOGRÁFICAS DAS AUTORAS

Ana Cláudia Silva é doutorada em Literatura pela Universidade de Évora e licenciada em Ensino de Português/Francês, pela Escola Superior de Educação de Portalegre (Instituto Politécnico de Portalegre). Tem desenvolvido trabalho de investigação na área da Literatura e do Turismo Literário, sendo autora de comunicações e artigos, publicados em livros e em revistas científicas, tais como: "A literatura como pretexto de viagem: De Lisboa a Santarém com Almeida Garrett"; "Lisboa através dos tempos: A capital portuguesa nos séculos XIX e XX" e "A centralidade da paisagem alentejana no olhar fotográfico de Artur Pastor e em *O Trigo e o Joio*, de Fernando Namora" (em coautoria). É membro colaborador do Centro de Investigação em Artes e Comunicação da Universidade do Algarve (CIAC-UAlg) e do Centro de Estudos em Letras da Universidade de Évora (CEL-UÉ). Integra o projeto de investigação LIT&TOUR, é membro do Conselho Editorial da LIT&TOUR – *International Journal of Literature and Tourism Research* (IJLTR) e é colaboradora do projeto Atlas das Paisagens Literárias de Portugal Continental. Tem feito arbitragem científica em revistas científicas e congressos; fez a revisão linguística dos livros *Deus Pan e Outros Contos* e *Bezerros de Ouro*, de José Dias Sancho, e tem participado em diversos colóquios, jornadas, conferências e congressos.

Isabel Dâmaso Santos é doutorada em Estudos de Literatura e de Cultura pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (2015); mestre em Estudos Românicos – especialidade em Cultura Portuguesa (2006) e licenciada em Línguas e Literaturas Modernas – variante de Estudos Portugueses e Franceses (1988) e variante de Estudos Franceses e Espanhóis (2003). É investigadora do CLEPUL – Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, polo Centro de Tradições Populares Portuguesas, da Universidade de Lisboa (2006). É membro, desde a fundação, do Projeto DIIA – Diálogos Ibéricos e Ibero Americanos (2008) do CEC – Centro de Estudos Comparatistas, da Universidade de Lisboa, e do Projeto LIT&TOUR (2012), do CIAC – Centro de Investigação em Artes e Comunicação, da Universidade do Algarve. É membro do Conselho Editorial da LIT&TOUR – *International Journal of Literature and Tourism Research* (IJLTR) e conta com artigos publicados, obras coletivas e participações em diversos congressos nacionais e internacionais, com apresentação de trabalhos sobre a dimensão da figura de Santo António na literatura, na cultura, na arte e no turismo, bem como sobre as relações entre a literatura e o turismo.

Maria José Aurindo é Mestre em Antropologia, especialidade Antropologia do Turismo (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – FCSH-UNL), com a dissertação intitulada "Portugal em Cartaz: A re(construção) de uma imagética institucional do destino turístico (1911-1986)". É Pós-graduada em Gestão Turística de Sítios (Instituto de Novas Profissões – INP) e Licenciada em Geografia e Planeamento Regional, Variante Humana (Faculdade de Letras – UL). Desempenhou as funções de docente

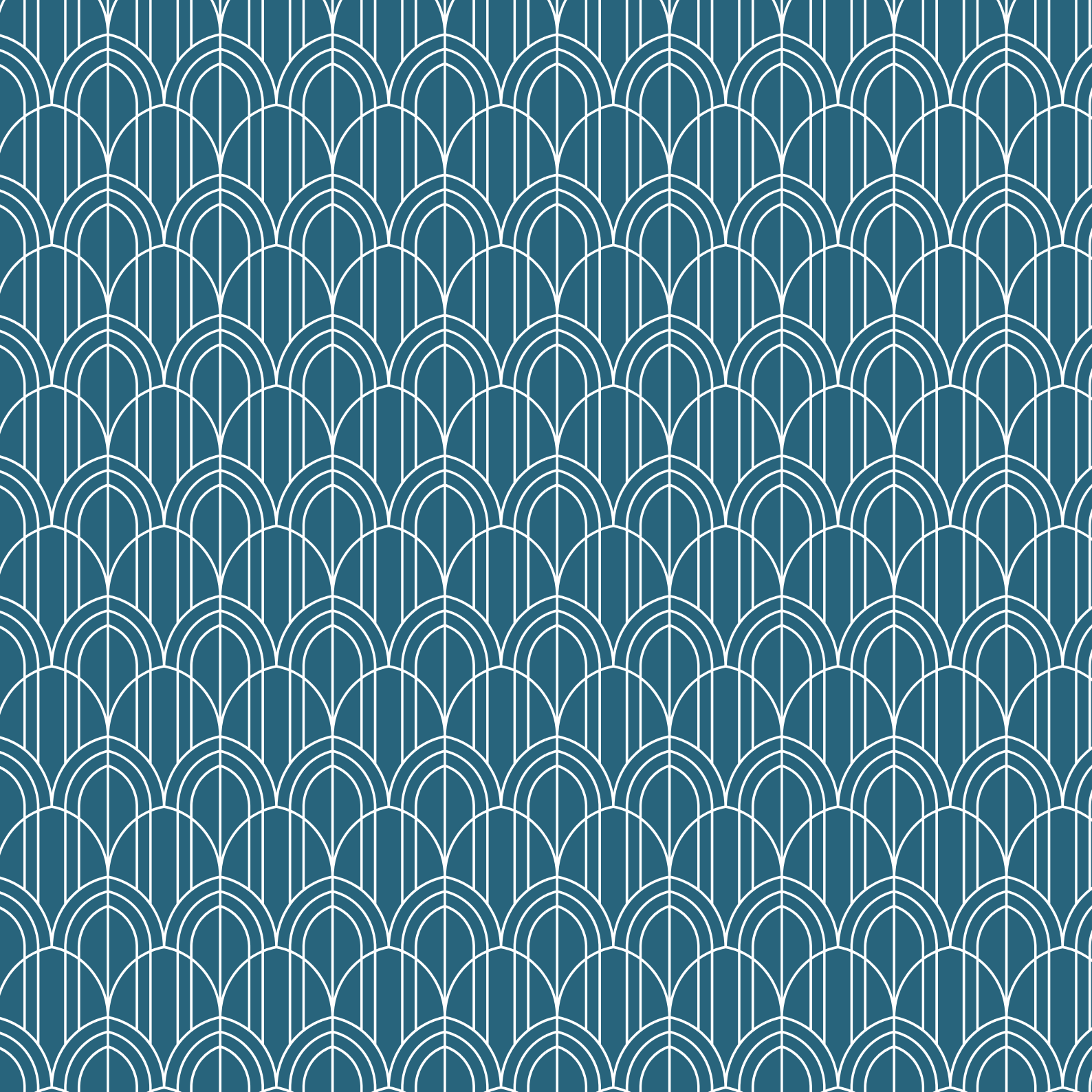
na FL/IGOT-UL e de investigadora no CEG-IGOT-UL, entre 2001 e 2011. Atualmente, presta assessoria à coordenação da Biblioteca da Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril (ESHTE), onde é Coordenadora Operacional do MUVITUR. Temas relacionados com turismo, cultura, território e identidade, têm sido alvo da sua investigação académica. O estudo do património cultural digital e das humanidades digitais têm sido as áreas de crescente incidência da sua investigação nos últimos anos. Nas publicações mais recentes, incluem-se "Story Map Caminhos d'*O Conspirador*: Um percurso literário na vila de Marvão com Branquinho da Fonseca"; "Unveiling Madeira's destination image and representations through Virtual Museum of Tourism (MUVITUR)" e "MUVITUR (virtual museum of tourism): A new approach to tourism history".

Maria Mota Almeida é Professora Adjunta Convidada do Departamento de Artes, Humanidades e Línguas da Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril (ESHTE). Tem trabalhos publicados na área da museologia, património e turismo cultural. No âmbito do turismo literário, tem desenvolvido uma investigação, tendo por base a obra do autor presencista António José Branquinho da Fonseca. É Licenciada em História pela Faculdade de Letras de Lisboa, Mestre em Museologia com a dissertação "A Realidade Museológica no Concelho de Sintra: Contributo para o seu estudo" (2006) e Doutora em Museologia com a tese "Um Museu – Biblioteca em Cascais: Pioneirismo mediado pela ação cultural e educativa" (2013), pela ULHT. É Investigadora Integrada do Instituto de História Contemporânea (IHC) da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. É membro colaborador do Centro de Investigação em Artes e Comunicação da Universidade do Algarve (CIAC-UAlg); cocoordenadora do projeto Ciclo da *presença* no Alto Alentejo; colaboradora do projeto Atlas das Paisagens Literárias de Portugal Continental; colaboradora da Rede Entremeio – Rede de Pesquisa Geografia, Turismo e Literatura – UNIRIO – Rio de Janeiro. É coordenadora científica do MUVITUR – Museu Virtual de Turismo – ESHTE e é membro do Conselho Editorial da LIT&TOUR – *International Journal of Literature and Tourism Research* (IJLTR).

Natália Constâncio é Investigadora integrada do IELT – Instituto de Estudos de Literatura e Tradição (NOVA-FCSH). Doutorada em Estudos Portugueses, é autora de *A Ironia e a Paródia como Mecanismos de Subversão na Obra de Mário de Carvalho* (2017) e *Ruínas e Incertezas em Um Deus Passeando pela Brisa da Tarde, de Mário de Carvalho* (2007), entre outros trabalhos sobre o autor citado. Participou no 1.º volume da revista *A Morte do Artista* (2017). Tem publicado folhetos de cordel na editora Apenas Livros. É autora do romance *O Homem que Vivia Dentro dos Sonhos* (2016). Com o pseudónimo Dulcineia, assina *A Súplica de D. Pedro* (2014), o livro infantil *Inês, a Fada-Boneca – O Roubo das Letras e das Cores do Arco-Íris* (2015), e poesia, publicada em antologias literárias. É colaboradora do LIT&TOUR (UAlg), do projeto Ciclo da *presença* no Alto Alentejo, da revista TRIPLOV (CLEPUL – Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias) e integra o *Writing Urban Places WG3*. Coordena, com o Historiador Daniel Alves (IHC-NOVA-FCSH), o projeto Atlas das Paisagens Literárias de Portugal Continental.

Sílvia Quinteiro é Professora Coordenadora da Escola Superior de Gestão, Hotelaria e Turismo da Universidade do Algarve, onde leciona desde 1994. É licenciada em Línguas e Literaturas Modernas pela Universidade Nova de Lisboa, mestre e doutora em Literatura Comparada, pela Universidade de Lisboa. Os seus interesses de investigação incluem a Literatura Comparada e a relação entre Literatura e Turismo. É membro integrado do Centro de Investigação em Artes e Comunicação (Universidade do Algarve); membro da Rede Entremeio: Rede de Pesquisa Geografia, Turismo e Literatura, da UNIRIO; membro da Rede *Writing Urban Places* e colaboradora do projeto Atlas das Paisagens Literárias de Portugal Continental. Fundou e coordena o Grupo de Investigação em Literatura e Turismo: LIT&TOUR,

desde 2012, e é editora da LIT&TOUR – *International Journal of Literature and Tourism Research* (IJLTR). É cocoordenadora da Rota Literária do Algarve e autora e coautora de várias publicações científicas nacionais e internacionais, de entre as quais: "Lit&Tour: Ensaios sobre literatura e turismo" (2014); "Literatura e turismo: Viagens, relatos e itinerários" (2016); "Literatura e turismo: Turistas, viajantes e lugares literários" (2016); "Estudos em Literatura e Turismo: Conceitos Fundamentais" (2019); "Os lugares da literatura. Mapas e rotas literárias" (2019); "Coimbra as a literary tourism destination: Landscapes of literature" (2020) e "Link up with Technology Application in Literary Tourism" (2021).



HOTÉIS LITERÁRIOS DE PORTUGAL

Em *Hotéis Literários de Portugal*, abrimos ao leitor as portas de nove hotéis literários portugueses. Hotéis nos quais pernoitaram ou que foram a casa temporária de escritores; hotéis que encontramos referidos em obras literárias, que as inspiraram; hotéis reais nos quais se alojaram personagens da ficção; mas também hotéis que foram importantes pontos de encontro e de tertúlia de escritores. Hotéis literários que contrariam a noção do hotel como ponto de passagem não identitário, que revelam o seu potencial enquanto ponto de encontro, de inspiração e de criação. Independentemente da forma como se estabelece a associação entre os hotéis e a literatura, este livro constitui uma releitura dos espaços, das obras e dos seus autores e pretende, com a apresentação dos excertos das obras e das imagens dos hotéis, inspirar o leitor, levando-o, quiçá, a (re)ler cada obra e a (re)visitar cada hotel.

CIAC.
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO EM ARTES E COMUNICAÇÃO

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR